

Daniel de Lima Magalhães

**Pipiruí e Caixa de Assovio:
Tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Música

Linha de Pesquisa: Estudo das Práticas Musicais (Musicologia)

Orientadora: Dra. Walênia Marília Silva

Belo Horizonte

Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais

2009

M188p Magalhães, Daniel de Lima
Pipiruí e Caixa de Assovio: tocadores de pifanos e
caixas nas festas de reinado / Daniel de Lima Magalhães.
–2009.

194 fls., enc. ; il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Minas Gerais, Escola de Música
Orientadora: Profa. Dra. Walênia Marília Silva

1. Flauta. 2. Tocadores de pifanos e caixas. 3. Festa de
Nossa Senhora do Rosário. I. Título. II. Silva, Walênia
Marília. III. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Música

CDD: 780.91



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE MÚSICA
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
e-mail: mestrado@musica.ufmg.br
Tel.: (31) 3409-4717 Fax: (31) 3409-4720

Dissertação defendida pelo aluno **Daniel de Lima Magalhães** em
26 de março de 2009 e aprovada pela Banca Examinadora
constituída pelos Professores:

Prof^a. Dr^a. Walênia Marília Silva
Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Paulo Augusto Castagna
Universidade Estadual Paulista

Prof^a. Dr^a. Glaura Lucas
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Geraldo e Celina, pelo apoio incondicional.

Aos colaboradores desta pesquisa, Antônio de Paiva Moura, Sônia Queiroz, Edilane Carneiro, Hélio Gagliardi, Ildeu Rabelo.

A Flora e Juliana.

A minha orientadora, Profa. Walênia Silva, pela confiança e paciência.

A Profa. Glaura Lucas, pelo interesse inicial na pesquisa e pelas valiosas sugestões na qualificação.

Aos tocadores, do Pipiruí: Zezito, Dico; da Caixa de Assovio: Jadir Canela, Rubinho, Ronei, Rogério, Dinei, Antônio de Nhô, Davi; da Guarda de Honra: Luís, José João, João Camargo, Adelmo, Baim, Edivaldo, João Costa, Zezinho.

Em Minas Novas, a Itamar Alves, Antônio Bastião, Isaías do Rosário, Laila, José Maria Loro, Das Dores, Nego, Rosa do Sindicato.

Em Conceição do Mato Dentro, a José do Santos Marçal (Teia do) (in memoriam), D. Geralda, Zé Lage, Pe. Dilton Maria Pinto, Pe. Marcelo Romano.

No Serro, a Zé Luís Rocha, D. Maria Antônia, D. Margarida Alves, Zara Simões, Paulo Procópio, Maria Lourdes Silva (D. Cesária).

A Luís Augusto de Lima, Vítor Magalhães, D. Lourdes Marçal, Vanessa Marçal, Socorro Marçal, Matsue Muraó, Cristina Ferreira, Leonardo Rosse, Valéria Martins, D. Nini e família, Carlos Wagner, Lúcia Nascimento, Nando, Bruno.

Aos amigos no Nordeste: Sandra Albano e Ademar Filho, Chico Difreitas, Leda, Calixto, Kleber, Marcelo, Carlos, Anita (Núcleo Etnomusicologia UFPE), Mestre

Miguel de Juazeiro e família, Mestre Raimundo e Cabaçal dos Aniceto, Seu João do Pife e Zabumba Dois Irmãos

Agradeço à Capes, pela bolsa concedida e à Natura Cosméticos pelo patrocínio do projeto *Pifanos do Congado*, que materializou a base desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho buscou estabelecer um panorama sobre a atuação de tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado, em Minas Gerais, com ênfase na análise musicológica de dois grupos pertencentes a este estilo: o Pipiruí, da cidade de Conceição do Mato Dentro e a Caixa de Assovio, do Serro. As festas de reinado eram promovidas desde o período colonial pela população negra, através de associações religiosas conhecidas como irmandades de Nossa Senhora do Rosário. A pesquisa se desenvolveu a partir de fontes variadas: documentos de irmandades, literatura histórica e memorialista, instrumentos musicais, entrevistas, fotografias, filmes, gravações, entre outros. Analisou-se aqui, também, a filiação miliciana européia destes tocadores, de acordo com inúmeras evidências da existência destes grupos naquele continente, consolidada no período Renascentista e no âmbito das forças militares portuguesas no Brasil. Complementou-se o estudo com um levantamento da atividade de pelo menos outros cinco grupos de tocadores de pífanos e caixas da atualidade ou que existiriam no passado, no Estado mineiro. Os dados sobre os grupos foram confrontados e foi produzido um quadro comparativo que incluiu instrumentação, repertório e tipos de funções desempenhadas no contexto de atuação.

ABSTRACT

This work aimed at establishing a panorama about the performance of fife and drum players at the *reinado* feasts, in Minas Gerais, with emphasis on the musicological analysis of two groups belonging to this style: Pipiruí, from Conceição do Mato Dentro and Caixa de Assovio, from Serro. The *reinado* feasts were promoted since the colonial period by the Our Lady of the Rosary sisterhoods. The research was developed upon a variety of sources: sisterhood documents, historical and memorialist literature, musical instruments, interviews, photographs, movies, recordings, among others. It was also analysed here the European military filiation of these players, according to several evidences of the existence of these groups in that continent, consolidated in the Renaissance period and in the ambit of the Portuguese military forces in Brazil. The study was complemented with a survey that included the activity of at least five other fife and drum groups from the present time or that existed in the past, in the State of Minas. The informations about the groups were confronted generating a comparative chart that included instrumentation, repertoire and kinds of functions played in the contexts in which they perform.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma bandeira (formação tática)	26
Figura 2 - <i>Landsknecht</i>	27
Figura 3 - Pífano e caixa	27
Figura 4 - <i>Landsknechte</i>	28
Figura 5 - Soldados marchando	28
Figura 6 - Detalhe da Figura 5	28
Figura 7 - <i>Flûte d'allemands</i>	29
Figura 8 - Timbales, pífanos e caixas de guerra	30
Figura 9 - Ilustração do livro <i>Orcheseographie</i>	31
Figura 10 - Pífanos e tambores do Batalhão Constitucionalista de Caçadores em 1822	39
Figura 11 - <i>Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros</i>	55
Figura 12 - <i>Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos uzos do RJ e Serro do Frio</i>	61
Figura 13 - A Guarda de Honra em 2006	63
Figura 14 - Cortejo do cofre e anuais	64
Figura 15 - O jogo do pontão e o giro da bandeira	65
Figura 16 - Guarda de Honra em duas formações antigas.....	66
Figura 17 - A Guarda de Honra em 2007	66
Figura 18 - Festa do Rosário de 1980, Conceição do Mato Dentro	72
Figura 19 - Pípiruí em 1967	90
Figura 20 - O Pípiruí em 1968	91
Figura 21 - O Pípiruí na década de 1970	92
Figura 22 - O Pípiruí na década de 1980	93
Figura 23 - Pípiruí em 2007	94
Figura 24 - Pífanos antigos do Pípiruí	96
Figura 25 - Antiga caixa do Pípiruí	97
Figura 26 - Pífanos fabricados por Geraldo Peixoto	98
Figura 27 - Planta do pífano antigo que pertenceu ao Pípiruí	99
Figura 28 - Planta do pífano (1) de Geraldo Peixoto	99
Figura 29 - Planta do pífano (2) de Geraldo Peixoto	100

Figura 30 - Planta da caixa antiga do Pipiruí	100
Figura 31 - José Marçal dos Santos (Teiado)	105
Figura 32 - Vista do centro histórico do Serro	114
Figura 33 - Caixa de Assovio em 1975	117
Figura 34 - Caixa de Assovio com Geraldo Nazário	119
Figura 35 - Caixa de Assovio em 1987	119
Figura 36 - Marujada do Serro, com Jadir Canela	121
Figura 37 - Flautas fabricadas no Serro	124
Figura 38 - Jadir Canela, na marujada	124
Figura 39 - Parelha de flautas atualmente usadas na Caixa de Assovio	126
Figura 40 - Resposta da caixa	128
Figura 41 - Planta do pífano (1) de Geraldo Nazário	128
Figura 42 - Planta do pífano (2) de Geraldo Nazário	129
Figura 43 - Planta do pífano (3) de Geraldo Nazário	129
Figura 44 - Planta do pífano de bambu utilizado atualmente na Caixa de Assovio	130
Figura 45 - Planta do pífano de José Luís Rocha	130
Figura 46 - Planta das caixas atuais da Caixa de Assovio	131
Figura 47 - Caixa de Assovio e Catopê em 2008	132
Figura 48 - Caixa de Assovio e Dona Cesária no café da manhã	145

LISTA DE TABELAS

1. Referências a pífanos e caixas no <i>Livro de Receita e Despeza</i> (1761-1818) da Irmandade de N. Sra. do Rosário da Freguesia do Pilar	52
2. Referências a pífanos e caixas no <i>Livro de Ingressos e Gastos</i> (1726-1785) da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Alto da Cruz do Pe. Faria	55
3. Referências a pífanos e caixas no <i>Livro de Receita e Despeza</i> (1750-1786) e no <i>Livro de Despeza</i> (1786-1845) da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Arraial do Tejuco	57
4. Códices e documentos da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro	76
5. Fontes áudio visuais consultadas (Caixa de Assovio)	113
6. Quadro das notas fundamentais produzidas pelas flautas	126
7. Quadro comparativo dos grupos de tocadores de pífanos e caixas em Minas Gerais	154
8. Referências a pífanos e caixas na documentação da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro	186

LISTA DE PARTITURAS

1.	Toque de caixa. Buscada da santa. <i>Ribeirão tá cheio</i> (Guarda de Honra)	67
2.	Toque de caixa. Procissão da bandeira (Guarda de Honra)	67
3.	Toque de caixa. Reinado. <i>Feijão p' a planta</i> (Guarda de Honra)	67
4.	Toque de caixa. Cortejo do cofre. <i>Pé redondo</i> (Guarda de Honra)	67
5.	Toque de caixa. Reverência e giro da bandeira / meio-dia / mastro. (Guarda de Honra)	67
6.	Melodia antiga. Procissão da bandeira (Guarda de Honra)	68
7.	Melodia antiga. Reinado (Guarda de Honra)	68
8.	Melodia antiga. Cortejo do cofre (Guarda de Honra)	68
9.	Quatro toques do Pipiruí	101
10.	Toques do Pipiruí no livro de Joaquim Ribeiro Costa	102
11.	Toque de caixa do Pipiruí	103
12.	<i>Vamos Levar a coroa do Imperador</i> (Caixa de Assovio)	133
13.	Toque de caixa. Marcha lenta (Caixa de Assovio)	134
14.	Toque de caixa. Marcha dobrada (Caixa de Assovio)	134
15.	Toque de caixa antigo (Caixa de Assovio)	135
16.	<i>Dá licença, Senhor Rei</i> (Caixa de Assovio)	136
17.	<i>Aonde vai parar</i> (Caixa de Assovio)	136
18.	Música de 1957 (Caixa de Assovio)	138
19.	Música de 1973 (Caixa de Assovio)	139
20.	<i>Adeus, Sinhá, adeus</i> (Caixa de Assovio)	140
21.	<i>Vai, vai</i> (1ª versão) (Caixa de Assovio)	140
22.	<i>Eivem, eivem, meu povo guerrear</i> (Caixa de Assovio)	141
23.	<i>Toque</i> (Caixa de Assovio)	141
24.	<i>Ave Maria</i> (Caixa de Assovio)	143
25.	<i>Olha a retirada</i> (Caixa de Assovio)	144
26.	<i>São Benedito</i> (Caixa de Assovio)	146
27.	<i>Rei Mangangá</i> (Caixa de Assovio)	147
28.	<i>Vai, vai</i> (2ª versão) (Caixa de Assovio)	147
29.	<i>Quemba</i> (Caixa de Assovio)	148
30.	<i>Entrega essa coroa</i> (Caixa de Assovio)	149
31.	<i>Senhor rei, nós vamos embora</i> (Caixa de Assovio)	149
32.	<i>Emo qua</i> (Caixa de Assovio)	152

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Contextualização da pesquisa	17
1.1 Trajetória pessoal	17
1.2 Metodologia	20
1.2.1 Marco temporal e espacial	20
1.2.2 Fontes de pesquisa	21
1.2.3 Trabalho de campo	21
1.2.4 Análise de dados	23
1.2.5 Grafia e terminologia	24
1.3 Bibliografia sobre o pífano	25
2. Um instrumento de infantaria	27
2.1 O pífano militar renascentista	27
2.2 O pífano e a organização militar portuguesa no período colonial	33
3. As Irmandades do Rosário e as festas de reinado	41
3.1 As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário	41
3.1.1 Origem da devoção	41
3.1.2 As irmandades do Rosário no Brasil e em Minas Gerais	44
3.2 Um africanismo ao lado do ritual católico: as festas de reinado	47
3.3 Guardas de congado	49
4. Indícios e evidências de tocadores de pífanos em Minas Gerais	50
4.1 Ouro Preto	50
4.1.1 Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos da Freguesia de N. Sra. do Pilar	50
4.1.2 Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria	54
4.2 Diamantina	56
4.3 Minas Novas	63
4.3.1 Guarda de Honra e sua atuação na Festa do Rosário	64
4.3.2 Partituras	67
4.3.2.1 Toques de caixa	67

4.3.2.2 Toques do pífabo antigo	68
4.4 Região de Minas Novas	69
4.5 Região do Serro	70
5. Pipiruí	72
5.1 Apresentação	73
5.2 Fontes	73
5.2.1 Documentos da Irmandade de N. Sra. do Rosário	73
5.2.2 Literatura memorialista e historiográfica sobre Conceição do Mato Dentro	74
5.2.3 Depoimentos	75
5.2.4 Audiovisual	75
5.3 O município de Conceição do Mato Dentro	77
5.3.1 Aspectos geográficos e históricos	77
5.3.2 A Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro	78
5.4 Análise da documentação	79
5.4.1 Período anterior a 1959	79
5.4.2 Tocadores	84
5.4.3 Período posterior a 1959	89
5.5 Instrumentos	95
5.5.1 Plantas dos instrumentos	99
5.5.1.1 Pífabos	99
5.5.1.2 Caixa	100
5.6 Repertório (aspectos musicais)	101
5.7 Repertório (função)	103
6. Caixa de Assovio	106
6.1 Apresentação	106
6.2 Fontes	107
6.2.1 Documentação da irmandade	107
6.2.2 Literatura memorialista e historiográfica sobre o Serro	108
6.2.3 Depoimentos e demonstrações musicais	109
6.2.4 Audiovisual	109
6.3 O município do Serro	114
6.3.1 Aspectos geográficos e históricos	114

6.3.2 A Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro	115
6.4 Análise da documentação	116
6.4.1 Formação instrumental	116
6.4.2 Tocadores	117
6.5 Instrumentos	123
6.5.1 Plantas dos instrumentos	128
6.5.1.1 Pífanos	128
6.5.1.2 Caixas	130
6.6 Repertório	131
6.6.1 Aspectos musicais	132
6.6.1.1 Ritmo	132
6.6.1.2 Melodia	136
6.6.1.3 Textura	137
6.6.1.4 Forma	139
6.6.1.5 Outros aspectos musicais	141
6.6.2 Aspectos funcionais	142
6.6.2.1 Matina e café da manhã	142
6.6.2.2 Cortejos e outras etapas da festa	147
6.6.3 Vissungos	150
Conclusão	155
Referências bibliográficas	160
Referências de entrevistas	167
Anexos	169
1. Documentação referente a pífanos e caixas da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro	169
2. Síntese das referências a pífanos e caixas na documentação da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro	186
3. Estatuto da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro (extrato)	190
4. Mapa de Minas Gerais com as principais localidades referidas	194

INTRODUÇÃO

Entre as várias formações musicais que se estabeleceram em território brasileiro no período colonial, destacam-se os grupos constituídos de pífanos e caixas, agremiações musicais que já existiam na Europa em fins da Idade Média, basicamente constituídos por quatro integrantes: dois pífanos e duas caixas. Tecnicamente, o pífano é uma flauta transversal de sete orifícios, dos quais seis são para digitação e um é para o sopro, características que não se modificaram ao longo dos séculos. A caixa é um tambor com membranas em suas duas extremidades, as quais são esticadas por meio de cordas ou tarraças e percutidas com baquetas. Ambos instrumentos já se encontravam associados em fins da Idade Média, para uso militar, entre os suíços, que os popularizaram.¹

No Brasil, estes conjuntos musicais alcançaram larga expansão geográfica, que abrange o Nordeste brasileiro além de porções dos Estados de Minas Gerais e Goiás. Em Minas, três grupos representantes destas antigas formações continuam, ainda hoje, em atividade: o Pipiruí, de Conceição do Mato Dentro, a Caixa de Assovio, do Serro – os quais serão abordados com maior detalhe neste trabalho – e a Guarda de Honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de Minas Novas. Além destes, registros históricos apontam para a existência de outros grupos no passado.

Contrastando com as formações encontradas no Nordeste, que atuam em contextos os mais variados, desde festas religiosas até bailes de forró,² em Minas, estes grupos têm a interessante característica de atuarem exclusivamente dentro do contexto

¹ MARCUSE, 1975, p. 571

² Os contextos de atuação variam conforme cada região. J. M. T. Rocha (2003, p. 2) levantou as seguintes situações: batizados, casamentos, bailes, enterros de ‘anjo’ (recém-nascido), romarias, vaquejadas, corridas de cavalo, sorteios de loteria, jogos de futebol, festas cívicas diversas, festas carnavalescas, além de folguedos populares, como cavalhadas, quilombos, bandos, cabodinhas, dança de São Gonçalo, bacamarteiros, etc.

das *festas de reinado*. O termo *reinado* refere-se ao conjunto de práticas estruturadas em torno da coroação de um rei e uma rainha, dentro do âmbito das irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Essas associações, que remontam ao fim da Idade Média, foram, no Brasil, as principais instituições de agregação da população negra, escrava e liberta, durante o período colonial. Em alguns locais encontram-se até hoje em funcionamento e, a cada ano, elegem um novo rei e uma nova rainha, cuja principal função é a preparação da festa anual, na qual vencem seus mandatos.³ O termo *rei de congo*, como são normalmente chamados estes reis, originou o termo *congado* ou *congada*, equivalentes do termo reinado. As festas de reinado, portanto, são marcadamente permeadas de dança e música, correspondendo aos tocadores de pífanos e caixas, a função de condução e acompanhamento dos vários cortejos e cerimônias.

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer o perfil e o espectro de atuação deste tipo de grupo musical – tocadores de pífanos e caixas – em sua manifestação nas festas de reinado no Estado de Minas Gerais, através do estudo pormenorizado de dois dos grupos referidos, Pipiruí e Caixa de Assovio, e do levantamento de registros históricos referentes a outros grupos do mesmo gênero. Tendo em vista estes tocadores, tentaremos responder às seguintes perguntas ao longo do trabalho: Quais as suas características fundamentais? Quais as funções e aspectos musicais ligados ao seu repertório? Quem são e foram os músicos envolvidos nestas formações?

Discutiremos também no trabalho a conexão entre os grupos estabelecidos em Minas Gerais e formações já existentes na Europa a partir de fins da Idade Média, ligadas a funções militares. A estas origens dedicaremos um dos capítulos da dissertação e traços milicianos poderão ser verificados ao longo das descrições dos grupos analisados.

Entre os principais fatores que motivaram a pesquisa, destacamos:

³ Estes mandatos são simbólicos e sem efeitos políticos.

1. A possibilidade de cotejamento entre fontes de diversos tipos – manuscritas, iconográficas, audiovisuais – com a atuação de pelo menos três grupos ainda ativos;
2. A fragilidade dos mesmos grupos, que têm enfrentado situações de quase extinção e/ou rupturas relevantes na transmissão com implicações na sua musicalidade e funcionalidade.
3. Ausência de estudos sobre o pífano, em Minas Gerais.

No capítulo 1, apresentamos a trajetória pessoal que desencadeou a pesquisa, os métodos que guiaram o trabalho e a bibliografia referente ao pífano, no Brasil e em Minas Gerais.

No capítulo 2, investigamos o caráter militar com o qual o pífano propagou-se, a princípio, na Europa e, em seguida, no Brasil, discutindo a estrutura militar que envolveu o uso do instrumento.

No capítulo 3, abordamos o ambiente das irmandades com as quais os tocadores de pífanos se vincularam, incluindo a festa do Rosário e a tradição dos reinados. A seguir, apresentamos um breve quadro das diferentes guardas que têm presença no congado mineiro.

No Capítulo 4, analisamos indícios e evidências do pífano em Minas, discutindo, a princípio, dados já levantados por Curt Lange, referentes a Ouro Preto e Diamantina. A seguir apresentamos alguns aspectos da atuação e repertório da Guarda de Honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Minas Novas, um grupo ainda em atividade. Apontamos ainda algumas evidências de pífanos nas regiões de Minas Novas e do Serro.

No capítulo 5, tratamos do Pipurú, de Conceição do Mato Dentro, listando, a princípio, as fontes levantadas. A partir dos diversos códices da Irmandade do Rosário

encontrados, que fazem referência a este grupo, estabelecemos duas fases de discussão. Em seguida, fornecemos alguns dados sobre instrumentos musicais e repertório.

O capítulo 6 é dedicado à Caixa de Assovio, do Serro, repetindo a mesma estrutura de análise feita para o capítulo anterior. O contraste deste grupo com o Pipiruí fica por conta das fontes, que neste caso, são essencialmente registros em audiovisual e depoimentos, dos quais se conseguiu razoável número.

Na Conclusão, procuramos relacionar os vários elementos levantados, estabelecendo um quadro comparativo entre os grupos, com algumas reflexões sobre este estilo musical e desdobramentos da pesquisa.

O anexo 1 traz as transcrições das referências a pífanos e caixas localizadas na documentação da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro. O anexo 2 traz um quadro com a síntese destas mesmas referências. O anexo 3 refere-se à transcrição dos trechos referentes à Caixa de Assovio e à festa do Rosário do Serro, extraídos do Estatuto da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro. O anexo 4 fornece um mapa de Minas Gerais, com a capital estadual e as principais localidades mencionadas no trabalho.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Trajetória pessoal

Até descobrir o pífano, em 1999, vinha pouco a pouco acumulando vivências que, cada vez mais, conduziam-me para as tradições orais e a percepção da força vital que emana delas. Em 1992, havia me iniciado na luteria, junto com uma gama de interesses para os quais despertei quase simultaneamente, como a dança, a percussão, a musicoterapia e as músicas de outros povos e países. Nesta fase, percebi a música não como atividade independente, mas interligada a outras áreas e artes.

Em julho de 1999, a convite da amiga Sandra Albano, fui visitar o Crato, no Estado do Ceará. Sandra me fazia, na verdade, uma grande propaganda do *cabaçal*,⁴ coisa para mim inteiramente nova. Empolgado pela perspectiva de conhecer a cultura popular do Nordeste brasileiro, sobretudo da região do Cariri, logo cheguei àquelas paragens. Foi então, numa segunda-feira de agosto daquele ano de 1999, que conheci o mestre de pífano Raimundo Anicete, em sua banca de farinha, na feira semanal do Crato. Alguns dias mais tarde, fazia contato com o grupo completo dos Anicete, além de outros grupos de reisado, côco e emboladores da região.

Profundamente sensibilizado por estes tocadores multidisciplinares, dançarinos-músicos-poetas-acróbatas, novas janelas abriram-se na percepção daquela realidade musical, tendo em vista: (1) a virtuosidade consumada no seio das tradições orais; (2) o corpo sonoro do grupo que se desloca em danças e coreografias simultâneas à execução musical; (3) o lugar social do mesmo, intimamente vinculado aos ciclos cívico-religiosos da comunidade local.

⁴ Cf. ROCHA, J. M. (1988) e GUERRA-PEIXE (1970) sobre as várias denominações que recebem, no Brasil, as formações instrumentais em torno de pífanos.

Ao conhecer os tocadores de pífanos do Ceará, me defrontei com uma linguagem musical intensamente bela, complexa e instigante. Contornos melódicos dos modos medievais na voz de cantores, cantoras e instrumentos, uma expressão muito diversa daquela com que estava acostumado. A identificação visceral com aquela música indicou-me um caminho musical/existencial, o qual, necessariamente, deveria trilhar.

A aplicação destes (para mim novos) conceitos em minha própria performance levaram-me, pouco tempo depois desta experiência no Ceará, a fundar um grupo musical, em parceria com alguns colegas da Graduação em Música na Universidade Federal de Minas Gerais, em fevereiro de 2000. A motivação inicial de trabalhar sobre material musical brasileiro, imediatamente confluiu para a utilização de instrumental típico, com pífanos e percussão, em que tínhamos os tocadores do Nordeste como referências para o desenvolvimento na nova linguagem musical.

Paralelamente, comecei a encontrar alguns indícios de pífanos também em Minas. Uma gravação da Caixa de Assovio, do Serro,⁵ além de informações repassadas por Antonio de Paiva Moura, professor e pesquisador do folclore mineiro, (quem também me emprestou um documentário sobre a festa do Rosário de Minas Novas, no qual se via, em alguns momentos, um tocador de pífano),⁶ foram para mim os primeiros dados concretos da existência deste instrumento no Estado. Tomei contato também com os trabalhos de Francisco Curt Lange, sobre a música praticada em Minas Gerais no período colonial, com referências a pífanos em Ouro Preto e Diamantina nos séculos

⁵ CD *Congado Mineiro*. Coleção Itaú Cultural Vol. 1. Documentos Sonoros Brasileiros – Acervo Cachuera!. 1997.

⁶ *Festas Folclóricas do Vale do Jequitinhonha*, documentário produzido e veiculado pela Rede Minas, em 1986, sobre o Festival e a Festa do Rosário de Minas Novas.

XVIII e XIX e com alguma bibliografia estrangeira que me ajudou a localizar a origem destes grupos.⁷

Em 2001, resolvi empreender as primeiras viagens para conhecer os grupos mineiros de perto. Fui às festas do Rosário em Minas Novas (junho/2001), Conceição do Mato Dentro (Janeiro/2002) e Serro (Julho/2002). A esta altura, já ficava evidente para mim que estes tocadores de pífanos e caixas representavam um estilo musical específico, vinculado à festa de Nossa Senhora do Rosário.

Por volta de 2004, comecei a frequentar as festas de Minas Novas e Serro anualmente (em Conceição do Mato Dentro, o Pipiruí encontrava-se inativo desde 1991). Em 2006, com o apoio obtido da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais e patrocínio da Natura Cosméticos para a execução do projeto cultural *Pífanos do Congado*, idealizei e produzi o CD *Bandas de Taquara e Música de Pífano em Minas Gerais* e o documentário *Pífanos do Congado*. Através deste projeto, coletei grande parte do material apresentado nesta dissertação. Também outro desdobramento, inesperado, ocorreu: fui convidado, para a minha surpresa (e satisfação), a integrar o Pipiruí na festa do Rosário de 2007, significando com isto um retorno do grupo após 16 anos inativo. E logo tive a oportunidade de investigar, no arquivo da paróquia de Conceição do Mato Dentro, os livros da Irmandade do Rosário, onde pude localizar inúmeras referências às atividades dos antigos tocadores de pífanos e caixas da cidade.⁸ E mais: estava ali também depositada uma ‘parelha’ de pífanos de precioso valor histórico, pertencente ao antigo grupo.

Foi com estes antecedentes que ingressei no Programa de Mestrado da Escola de Música da UFMG, em 2007, tendo em vista a articulação e sistematização dos elementos deste trabalho.

⁷ Destaco aqui SACHS (1978); MONTAGU (1980); e MARCUSE (1975).

⁸ Cf. Anexo 1.

1.2 Metodologia

1.2.1 Marco temporal e espacial

Esta pesquisa articula-se no campo da musicologia histórica e da etnomusicologia, numa perspectiva diacrônica e sincrônica do objeto de estudo, os tocadores de pífanos e caixas.

Trabalhamos com um recorte temporal, de longa duração, que investigou a permanência de estruturas específicas no contexto dos grupos abordados, como função, formação instrumental, repertório, entre outros. Neste sentido, iniciamos nossa análise pelo período renascentista europeu, quando se consolida o uso dos instrumentos mencionados, para fins militares. Com o intuito de traçar um fio condutor que nos levasse a entender como se processou o desenvolvimento dos grupos que são foco na pesquisa, buscamos visualizar a presença dos instrumentos no contexto militar português do período colonial.

Como recorte espacial, delimitamos o território mineiro, com ênfase nos centros mineradores da antiga comarca do Serro Frio,⁹ em que se processou o florescimento destes tocadores no contexto das festas de reinado. Finalmente, no vértice de nossa investigação, acompanhamos, tão perto quanto nos foi possível, a atuação de três grupos remanescentes destas origens, dos quais escolhemos dois, para uma descrição pormenorizada.

⁹ Serro Frio refere-se à comarca da Capitania das Minas Gerais, cuja sede era a Vila do Príncipe (atual Serro), e que abrangia, no período colonial a maior parte do atual norte mineiro. Cf. p. 114-115.

1.2.2 Fontes de pesquisa

Fontes as mais variadas informaram o nosso trabalho: gravações de áudio, em k7 e MD; filmes de curta-metragem comercialmente lançados; filmagens em diferentes suportes, como super8, VHS, Hi8 e mini-dv; fotografias; documentação arquivística; literatura memorialista, histórica, musicológica, de viajantes; periódicos; instrumentos musicais antigos; depoimentos.

Sobre a fotografia enquanto fonte de pesquisa – e acreditamos que as mesmas considerações valham para as demais fontes – Ana Maria Mauad e Ciro Flamarion Cardoso, dizem o seguinte:

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ele traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento, quanto como imagem/monumento. [...] Concebida como monumento, a fotografia impõe ao historiador uma avaliação que ultrapasse o âmbito descritivo. Neste caso, ela é agente do processo de criação de uma memória [...].¹⁰

1.2.3 Trabalho de campo

O trabalho de campo articulou-se em várias frentes:

1. Documentação das festas do Rosário: Serro (2002, 2004-2008); Minas Novas (2001, 2005-2007); Conceição do Mato Dentro (2002);

2. Retorno às mesmas cidades para entrevistas e coleta de material e informações diversas. Esta etapa se deu entre 2006 e 2008, perfazendo 15 viagens, num total de cerca

¹⁰ CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 406-407.

de dois meses de estadia em campo, sem contar o período de permanência relativo às festas mencionadas acima;

3. Pesquisa em arquivos e bibliotecas. O arquivo que nos forneceu as informações mais relevantes diretamente relacionadas ao nosso objeto foi o Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Conceição do Mato Dentro. Visitamos também outros arquivos e instituições, entre 2006 e 2008, que nos renderam também material relevante, embora não tenhamos realizado neles, pesquisas mais longas. Entre estes, destacam-se: Fundação Joaquim Nabuco, bibliotecas e Núcleo de Etnomusicologia da UFPE (Recife); Arquivo Histórico do Exército, Biblioteca Nacional, Biblioteca da Escola de Música e Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ (Rio de Janeiro); Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina, Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Arquivo Público Mineiro, Museu Casa dos Otoni, no Serro, Casa Borba Gato, em Sabará (Minas Gerais).

Na medida em que o trabalho de campo no Serro, Conceição do Mato Dentro e Minas Novas, se desdobrou ao longo de vários anos, nos permitiu o estabelecimento de vínculos de confiança junto às comunidades, além da possibilidade da checagem de dados, esclarecimento de pontos obscuros, elucidação de contradições nos depoimentos.

Na fase do Mestrado, um maior rigor revestiu os trabalhos, bem como objetivação na coleta dos dados. Tivemos em vista algumas categorias como norte para investigações, nesta fase: (1) cultura material musical: instrumentos musicais, (2) textos de cantos, (3) categorias da música, (4) o músico, (5) usos e funções da música, (6) música como atividade cultural criativa.¹¹

¹¹ MERRIAM, 1964, p. 44-48.

1.2.4 Análise dos dados

Na análise dos dados, procedeu-se à elaboração de tabelas, em dois níveis: (1) fontes e (2) registros ou entradas.

No caso do primeiro grupo abordado, o Pípiruí de Conceição do Mato Dentro, organizamos inicialmente a tabela descritiva dos códices da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade consultados, com campos referentes a: (1) nome do códice, (2) período abrangido, (3) número total de folhas, (4) número de folhas efetivamente manuscritas, (5) catalogação no arquivo, (6) abreviaturas, (7) observações.

Em seguida, realizamos transcrições de todas as informações que julgamos pertinentes, extraídas dos códices, no sentido de contextualizar a atividade da irmandade, não só referentes a pífanos. Estas transcrições totalizaram cerca de 23.000 palavras, em 53 páginas, com parágrafo simples e fonte tamanho 12. O anexo 1, ao final do trabalho, corresponde às transcrições de 64 referências efetivamente relacionadas com os tocadores de pífanos e caixas.

A partir daí, foi montada a segunda tabela com a síntese dos dados destas referências, incluindo os campos: (1) data, (2) descrição, (3) quantia referente a pagamentos de pífanos e caixas (uma vez que a quase totalidade dos registros refere-se a pagamentos), (4) tipo de documento, (5) quem assina o documento, (6) localização da referência.

No caso da Caixa de Assóvio, do Serro, procedeu-se de forma similar, porém adequando-se a outro tipo de fonte, no caso, gravações em audiovisual. A primeira tabela elaborada foi a de referências de fontes, perfazendo 24 itens levantados, com os seguintes campos: (1) ano de gravação, (2) título/tema, (3) responsável pela gravação,

(4) suporte original/número de fitas, (5) duração total, (6) tempo referente à Caixa de Assovio, (7) número de registros referentes à Caixa de Assovio, (8) abreviaturas.

Criou-se então outra tabela, na qual foi realizado um mapeamento dos registros relativos a este grupo, abrindo-se uma entrada individual para cada execução de repertório distinto. Por exemplo, como ocorre muitas vezes nos cortejos, quando uma música passa a ser tocada em seguida a outra, mesmo que as caixas não interrompam a execução, abriu-se nova entrada. Neste caso, indica-se, na nova entrada, que trata-se de seqüência ininterrupta da execução. Esta tabela, que totalizou 370 registros relativos à Caixa de Assovio, foi organizada com os seguintes campos: (1) ano/data da gravação, (2) título/numeração (quanto a diferentes fitas de um mesmo título), (3) minutagem, (4) duração do registro, (5) título da música, (6) local/situação de gravação do registro, (7) comentários.

1.2.5 Grafia e terminologia

Ao longo do texto, destacamos com **negrito** as menções a pífanos e caixas, para facilidade da leitura das citações. Diferenciamos com *itálico* as citações de entrevistas. Termos nativos ou estrangeiros foram também *grifados em itálico* ou colocados entre aspas simples. Nas transcrições de textos antigos foi respeitada a grafia e ortografia do documento original. Quando feitas a partir de fontes secundárias, reproduzimos a versão destas fontes.

Procuramos respeitar, nos capítulos que tratam dos grupos musicais, a terminologia usada localmente, utilizando-a para a referência a instrumentos, toques de caixa e outros. Em alguns casos, utilizamos o apelido de certos tocadores, no lugar dos

nomes de batismo, particularmente quando não foi possível outra identificação dos mesmos.

Evitamos o termo *banda de pifanos*, nomenclatura moderna para designar as *zabumbas* do Nordeste, congêneres dos tocadores de pifanos e caixas encontrados em Minas. Embora cada vez mais difundido, o referido termo *banda de pifanos* ou mesmo a palavra *banda*, em nenhum momento aparece na literatura ou nos depoimentos nativos referentes aos tocadores mineiros.¹²

1.3 Bibliografia sobre o pífano

Pifanos brasileiros foram, até hoje, escassamente abordados pela literatura, especializada ou não. Começam a ser tratados como tema de teses ou dissertações acadêmicas somente a partir dos anos 1990. Estes, por sua vez, têm sempre abordado grupos do Nordeste (CROOK, 1991; CANECA, 1993; KAUPFMANN, 1996; CAJAZEIRA, 1998; PEDRASSE, 2002; ROCHA, J. M., 2003). Aspectos acústicos do pífano foram tratados em um estudo recente (PIRES, 2005). Artigos em revistas especializadas e periódicos, além de capítulos de livros, completam a lista (destacam-se: BRAUNWIESER, 1946; FIGUEIREDO FILHO, 1962; GUERRA-PEIXE, 1970; ROCHA, J. M., 1988; PINTO, 1997). Aos poucos, a literatura sobre o pífano tem ganhado corpo, embora continue extremamente limitada, contrastando com a vastidão de grupos existentes no Brasil.

No caso de Minas Gerais, até hoje, nenhum trabalho especializado de que se tenha conhecimento abordou os grupos de tocadores de pifanos e caixas do Estado.

¹² Convivendo na mesma área geográfica de Minas Novas, existem grupos similares funcionalmente aos tocadores de pifanos e caixas, com zabumba e flautas verticais chamadas *camudos* ou *gaitas*. Atuantes em festas religiosas, exibem características que os aproximam mais dos tocadores de pífano nordestinos, em sua versatilidade. Estes grupos, cuja denominação nativa antiga é *marujada* (até hoje utilizada), paralelamente, nas últimas décadas, passaram a ser também chamados de *bandas de taquara*, em processo semelhante ao que se deu no Nordeste, com as *zabumbas* passando a ser designadas *bandas de pifanos*.

Note-se que em toda a bibliografia sobre pífanos citada acima, encontramos, apenas, uma referência ao Pipiruí,¹³ que limitou-se a relacionar o nome do grupo entre várias outras denominações que as formações instrumentais com pífanos têm no Brasil e não mencionando outros grupos mineiros. Destacamos que, desde que iniciamos nossas pesquisas, a surpresa tem sido geral, dentro e fora do Estado, ao se saber da existência de tais grupos em Minas.

Alguns poucos dados puderam ser colhidos na literatura memorialista e histórica relacionada às cidades do Serro e Conceição do Mato Dentro. Encontramos referências em Moraes (1942) e Costa (1975) para Conceição do Mato Dentro, e Miranda (1972), Salles (1993) e Freire (1997) para o Serro. Todos eles mencionam a atuação dos grupos em suas respectivas cidades, porém superficialmente, inseridos em capítulos que tratam da festa do Rosário.

Sobre o pífano no período colonial, a maior referência é a obra de Curt Lange sobre a música nas irmandades e na Capitania de Minas Gerais, em que este autor levanta, pioneiramente, dados referentes à presença do instrumento em Ouro Preto e Diamantina.

¹³ ROCHA, J. M. (1988).

CAPÍTULO 2 – UM INSTRUMENTO DE INFANTARIA

Os dados apresentados neste capítulo têm por objetivo levantar informações sobre os tocadores de pífanos e caixas militares e relacioná-los com os tocadores que se ambientaram no contexto das festas de reinado. Sendo tais festividades realizadas por irmandades de “homens pretos”, tentamos detectar as situações potenciais em que, através do serviço militar, indivíduos deste extrato social teriam assimilado os usos dos referidos instrumentos.

2.1 O pífano militar renascentista



FIGURA 1 - Uma bandeira (formação tática). Gravura de Bartholomeus Dolendo, século XVI. (Fonte: BLANCO, 1966. Fig. 12)

O pífano ganha popularidade na Europa, em fins do século XV e início do XVI, graças ao seu emprego pelas milícias suíças e, posteriormente, também, alemãs, estas últimas conhecidas pelo termo alemão *Landsknecht*. As novas táticas adotadas por estes soldados mercenários, entre as quais incluía-se o uso de pífanos e caixas para emitir sinais na frente de batalha, foram tão bem sucedidas que, progressivamente, ao longo do

século XVI, estes instrumentos tornaram-se peças obrigatórias na infantaria dos principais exércitos da época. As figuras 1 a 5 retratam estes soldados-músicos.



FIGURA 2 - *Landsknecht*. Gravura de Daniel Hopper, c. 1530.
(Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Landsknecht>)



FIGURA 3 - Pífano e caixa. Repare-se no estojo com compartimentos para pifanos de tamanhos distintos. Manual alemão de disciplina militar, publicado em 1555. Gravura: autor desconhecido. (Fonte: <http://www.entrag.ch/anne/renaissanceflute/mfb/militaryflutebasel.html>)



FIGURA 4 - *Landsknechte*. Gravura de Jost Amman, meados do Séc. XVI. Fonte: (<http://www.enterag.ch/anne/renaissanceflute/mfb/militaryflutebase1.html>)



FIGURA 5 - Soldados marchando. Gravura de Johann-Theodore de Bry. Final do séc. XVI ou início do XVII. (Fonte: http://www.famsf.org/imagebase_zoom.asp?rec=3328201306600089)



FIGURA 6 - Detalhe da gravura acima

Difundido pelas milícias tedescas, o pífano ficou conhecido nos países em que foi adotado por termos como *flûte d'allemand* e *flauta alemanna*. Alguns tratadistas da Renascença¹⁴ que descreveram instrumentos musicais da época, mostrando ilustrações, mencionam o pífano, a começar por Virdung, em seu livro *Musica Getutscht* (1511), que o chama *Zwerchpfeiff*. A seguir, Martin Agrícola, no seu *Musica Instrumentalis Deudsch* (1528, 1532, 1542 e 1545) mostra o instrumento em quatro medidas distintas e chama-os *Schweitzerpfeiffen* ('pifanos suíços'). Michael Praetorius, no livro *Syntagma Musicum, vol.II - De Organographia* (1618-1619), já apresenta uma distinção entre o que seria uma flauta transversa, a qual chama *Querflöt* e o pífano militar, *Schweitzerpfeiff* ou *Feldpfeiff* ('pífano de campo'). Pelas descrições deste autor, ambos os instrumentos têm o mesmo sistema de seis furos para digitação, mas as tabelas de digitação fornecidas já são diferentes para cada um deles. A flauta transversa é ilustrada com três tamanhos distintos. E o padre Marin Mersenne, em *Harmonie Universelle* (1636), apresenta dois tamanhos para o instrumento, chamando-o *Flûte d'allemands*.¹⁵



Figura 7 - *Flûte d'allemands*. Mersenne, 1636. (Fonte: <http://www.enterag.ch/anne/renaissance/flute/mfb/militaryflutebasel.html>)

¹⁴ As informações deste parágrafo foram extraídas de BATE, 1969, p. 74-75.

¹⁵ No Nordeste, até hoje, os pifanos são feitos normalmente em três tamanhos: régua inteira (c. 55cm), três quartos de régua (c. 43cm) e meia régua (c. 35cm). Cabe observar que não há uma medida universal, variando conforme o fabricante.

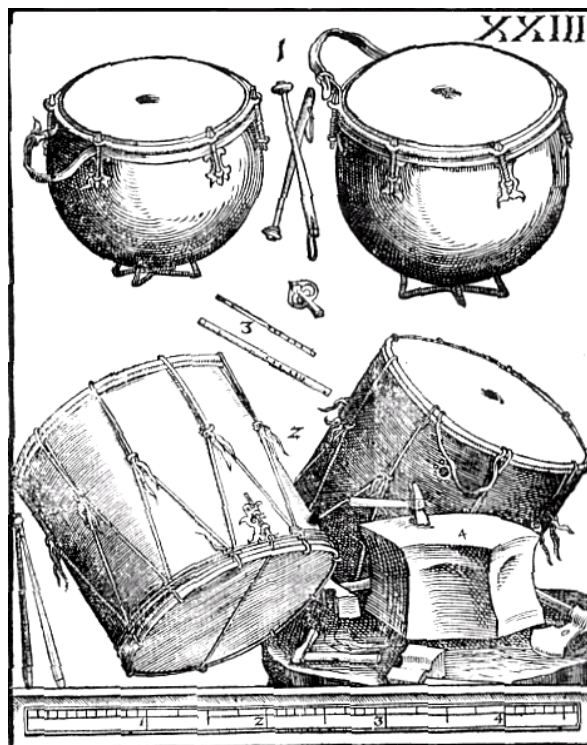


FIGURA 8 - Timbales, pífanos e caixas de guerra.
 Michael Praetorius, *Syntagma Musicum*,
 vol.II - *De Organographia* (1618-1619).
 (Fonte: <http://www.entrag.ch/anne/renaissanceflute/mfb/militaryflutebasel.html>)

A enorme popularidade que o instrumento gozava no século XVI, pode ser comprovada no inventário de Henrique VIII, da Inglaterra, feito em 1547. A lista continha 78 flautas transversas, 77 flautas-doce, 30 charamelas, 28 órgãos, 25 crumones, 21 trompas, 5 cornetas, 5 gaitas-de-foles, 32 virginais, 26 alaúdes, 25 violas, 21 violões, 2 clavicórdios, 3 combinações de órgão e virginal.¹⁶

Um regimento inglês do século XVI, citado por Fitzgibbon (1940), sem menção de fonte, fala dos atributos requeridos dos tocadores de pífano, entre os quais, ser proficientes em línguas estrangeiras, tendo em vista parlamentar com o inimigo no front. Em seguida, caracteriza os toques musicais que deviam conhecer:

Eles devem com freqüência praticar seus instrumentos, ensinar à companhia os sons da marcha, allarum, aproximação, assalto, batalha, retirada,

¹⁶ SACHS, 1978, p. 302-03.

escaramuça, ou qualquer outra chamada que pela necessidade deva ser conhecida [tradução nossa].¹⁷

Thoinot Arbeau, em seu livro sobre dança, *Orcheseographie*, escrito em 1589, em forma de diálogo, fornece ilustrações e detalhes sobre as características da música militar executada no pífano, além de partituras e tabelas de digitação do instrumento. Sobre o pífano, o autor assim escreve:

Chamamos pífano uma pequena flauta transversa de seis furos, da qual se utilizam os alemães e suíços, e na medida em que ela é furada bem estreitamente da grossura de uma bala de pistola, ela rende um som agudo: alguns usam no lugar do pífano, o dito *flajol & fluttot* chamado *arigot*, o qual, de acordo com sua pequenez, possui maior ou menor quantidade de furos, os que são mais bem feitos têm quatro furos na frente e dois atrás e o seu som é forte, estridente [tradução nossa].¹⁸



FIGURA 9 - Ilustração do livro *Orcheseographie*, de Thoinot Arbeau, 1589. Mostra lanceiros, pífano, caixa e uma flauta chamada *arigot*, que corresponderia à flauta conhecida no nordeste e no norte de Minas por *gaita*. (Fonte: KASTNER, 1848, p. 97)

¹⁷ FITZGIBBON, 1940, p. 77. Texto original em inglês: *They must often practice their instruments, teach the company the soundes of the marche, allarum, approche, assaulte, battaile, retreat, skirmishe, or any other challenge that of necessitie should be knowen.*

¹⁸ ARBEAU, Thoinot. *Orcheseographie*, 1589. apud KASTNER, 1848, p. 98. Texto original em francês: *Nous appellons le fifre une petite flutte traverse à six trouz, de laquelle usent les Allemands & Suysses, & d'aultant qu'elle est percee bien estroitement de la grossour d'un boulet de pistolet, elle rend un son agu: aulcungs usent en lieu de fifre dudict flajol & fluttot nommé arigot, lequel selon sa petitesse à plus ou moings de trouz, les mieulx faits ont quatre trouz devant & deux derriere, & est leur son fort esclattant.*

2.2 O pífano e a organização militar portuguesa no período colonial

O pífano passa a integrar, no século XVI, a estrutura das forças pedestres dos diversos exércitos da época. Na legislação referente à estruturação do exército português, neste período, destacam-se o Regimento, de 7/8/1549, a Lei de Armas, de 9/12/1569; o Regimento de Ordenanças, de 10/12/1570; e a Provisão de Ordenanças, de 15/5/1574.¹⁹ Sobre as ordenanças, Pereira Filho diz o seguinte:

As primeiras tropas a serem explicitamente designadas pelo seu nome, em Portugal, foram as Ordenanças, criadas pelo Alvará Régio de 08/jan/1508, do rei Dom Manuel, que as denominou "Gente da Ordenança das Vinte Lanças da Guarda", sendo constituídas de mercenários estrangeiros, portanto, profissionais pagos. Não tinha ainda sua característica de permanência, embora possa ter durado muitos anos. Pelo "Regimento" de 07/ago/1549, do rei Dom João III, as Ordenanças foram reestruturadas. Somente em 1569, no reinado de Dom Sebastião, foi criado o cargo de "Capitão-Mor das Ordenanças de Lisboa" e todos os moradores (homens) válidos foram arrolados compulsoriamente. Ainda mais, pela "Lei de Armas", de 09/dez/1569, Dom Sebastião estendeu a todo o reino a instituição das Ordenanças, que inicialmente havia sido estabelecida somente para Lisboa. [...] No Brasil, as Ordenanças eram organizadas em cada Vila ou Cidade, aí se incluindo seus Arraiais e Povoados. [...] As tropas eram organizadas em "Companhias". Onde não era possível formar uma Companhia de Ordenanças, uma unidade menor, chamada de "Bandeira" de Ordenanças, era constituída. As Bandeiras que desbravaram o território brasileiro, em particular o de Minas Gerais, eram unidades desse tipo. Eram, portanto, organizações militares.²⁰

No caso do exército espanhol (o qual, Portugal tem por referência), ocorre uma grande reestruturação, em 1534. Blanco (citando José Mirales, militar e autor português, que escreve em fins do século XVIII), refere-se ao modo militar dos 'moradores do Norte', desconhecido até então em todas as guerras de Castela, Navarra, Aragão e Portugal, em princípios do século XVI. Diz ainda que o Rei Carlos V, de Castela, passou alguns castelhanos a Alemanha e daquelas províncias trouxe alguns estrangeiros

¹⁹ PEREIRA FILHO, 2001, [s. n.]. Acessado no sítio http://buratto.org/gens/gn_tropas.html.

²⁰ *Ibidem*.

que treinassem as tropas castelhanas.²¹ O autor prossegue, fornecendo alguns detalhes da nova estrutura que passou a vigorar:

A fundação dos Terços se deve ao Imperador Carlos V, com sua Ordenança de 1534, promulgada na cidade de Gênova. Os primeiros terços que se criaram foram os da Lombardia, Nápoles e Sicília, seguidos, dois anos depois, pelo Terço de Málaga, fundado também por outra Ordenança do mesmo Imperador, que tratava, com ela, de organizar os Terços departamentais. [...] Era o Terço um agrupamento de ‘bandeiras’ ou Companhias. Cada uma delas deveria contar o seguinte quadro orgânico:

1 Capitão, que devia ser espanhol e pessoa de qualidade e mérito.
 1 Pajem
 1 Alferes ou embandeirado
 1 Sargento
 1 Furriel
1 Tambor
1 Pífano
 1 Capelão
 10 Cabos de esquadra
 300 Soldados, (entre arcabuzeiros e piqueiros)²²

Segundo Andrade (1981),

O terço, de acordo com as Ordenações do Reino, era a denominação dada a uma formação militar composta de quatro companhias, originárias das formações alemãs dos Séculos XVI-XVII, adotada pelos espanhóis e passada para os portugueses, os quais, é evidente, procuraram implantá-la no Brasil. [...] Aos homens de cor, pretos, pardos e mulatos, cabia o ingresso nos Corpos a eles destinados, os Terços dos Pardos e dos Negros, estes denominados de “Regimento dos Henriques”, em memória ao herói negro Henrique Dias [da guerra contra os holandeses, no século XVII].²³

Francis Cotta (2000) esclarece o funcionamento da estrutura militar no princípio da colonização do território mineiro:

No início do século XVIII, a organização militar em Minas Gerais era nascente e se dividia em Ordenanças, Milícias e Tropas de 1.^a Linha. As ordenanças e as milícias eram consideradas tropas para-militares ou auxiliares, enquanto as tropas de 1.^a linha, em princípio recrutadas em Portugal, se constituíam a força regular e paga. [...] O primeiro Terço de Ordenanças, composto por 500 Soldados, que mais tarde foi reduzido a duas Cias. de 50 soldados, foi criado pela Carta Régia de 09 de novembro de 1709, a mesma que criou a Capitania de Minas do Ouro e São Paulo.²⁴

²¹ BLANCO, 1966, p. 153-154.

²² *Ibidem*, p. 155-156.

²³ ANDRADE, P., 1981, p. 60 e 64.

²⁴ COTTA F., 2000, p. 3-4.

A defesa territorial contra as potências rivais européias foi uma das principais causas do engajamento e formação das companhias milicianas de negros. Em 1711, grande contingente militar das Minas se deslocou para acudir o Rio de Janeiro, na tentativa de invasão francesa:

Das montanhas de Minas desceram em seu socorro cerca de “três mil homens (metade de Cavalaria, metade de Infantaria), além de seis mil negros bem armados. [...] Segundo o historiador João Dornas Filho, Antônio de Albuquerque recrutou esses homens em lugares como Vila Rica, Vila do Príncipe, São João Del Rei, Sabará, Vila do Ribeirão do Carmo e Pitangui, eram trabalhadores das minas e não soldados profissionais.”²⁵

Mas na luta contra os espanhóis pela posse dos territórios ao sul do Brasil, quando Portugal se viu muito carente de contingentes militares, é que ganhou impulso a militarização da Capitania, incluindo a formação de companhias de pretos libertos.

A segunda metade do século XVIII traria um modo de convivência cada vez mais tenso entre os colonos e as exigências de prestações militares. A guerra com os castelhanos no sul obrigaria à intensa arregimentação militar entre 1762 e 1777. A Coroa reconhecia abertamente que o reino não dispunha de recursos suficientes para a defesa da Colônia, e que “as principais forças que devem defender o Brasil são as do mesmo Brasil”. Em 1766 são reorganizadas as milícias e criados novos terços de auxiliares, “sem exceção de nobres, plebeus, brancos, mestiços, pretos, ingênuos, e libertos”, e iniciam-se destacamentos forçados dos auxiliares para o sul. Em 1767 chega ao Brasil o general João Henrique Böhm, numa tentativa de atualizar a organização administrativa, tática e disciplinar das tropas segundo o modelo das reformas militares do conde de Lippe. Simultaneamente são transferidos para o Brasil três regimentos portugueses, reforçados em 1774 por recrutas dos Açores. São também arregimentadas tropas coloniais, principalmente em São Paulo e Minas. Em maio de 1777, d. Antônio Noronha informava ter enviado das Minas mais de 4 mil homens para o sul, “a maioria mulatos, mestiços, cabras e negros, apenas 757 armados, muitos nus”.²⁶

Quanto à arregimentação nas Minas dos pretos cativos, fortemente inspirada no exemplo histórico de sua célebre participação na restauração da Bahia e de Pernambuco, promete o governador das Minas, [...] a todo cativo que fizer “ação gloriosa em defesa da pátria” um posto adiantado na milícia e a liberdade como prêmio. (carta circular aos capitães-mores). Com relação ao alistamento militar dos pretos e pardos libertos na comarca do Rio das Mortes, Luís Diogo Lobo da Silva declarava: “além das referidas esquadras estabeleci 96 de pardos libertos com 1.453 praças, e 35 de pretos igualmente libertos com 525 praças [1765]”.²⁷

²⁵ *Ibidem*, p. 4.

²⁶ MENDES, 2004, p. 113.

²⁷ MELLO, 2004, p. 75.

No final do século XVIII, a Capitania de Minas Gerais contava com 182 Companhias de Ordenanças. Destas, 21 eram de pretos libertos, das quais, seis estavam localizadas na Vila do Príncipe (atual Serro), quatro em Minas Novas e outras quatro em Vila Rica (atual Ouro Preto).²⁸ Após 1796, de um total de 193 Companhias, as de pretos libertos passam a contar 31, mantendo-se os mesmos números para Vila do Príncipe e Vila Rica e a região de Minas Novas reduz o efetivo para três companhias.²⁹

No âmbito das forças militares portuguesas aquarteladas no Brasil, o pífano foi localizado em alguns documentos. Numa obra abrangente, escrita em meados do século XVIII, por José Antonio Caldas, um autor militar, encontramos os seguintes dados, referentes à Bahia:

Relação de toda a despeza que anualmente faz Sua Alteza com os soldos, fardas e farinhas ou pão de munição das tropas de infantaria, artilheria, auxiliares, Henriques e da conquista pagos pela Provedoria da Fazenda Real desta Capitania da Bahia.

[...]

4 tambores de granadeiros que vence cada um deles por mês 1\$800 e por ano 86\$400

Vence mais de farda cada um por mês \$900 e por ano 43\$200

Vence mais de pão cada um por mês \$360 e por ano 17\$280

2 pífanos de granadeiros que vence cada um deles por mês 1\$800 e por ano 43\$200

Vence mais de farda cada um por mês \$900 e por ano 21\$600

Vence mais de pão cada um por mês \$360 e por ano 8\$640³⁰

Localizamos pífanos também em Mato Grosso. Luiz D’Alincourt (1953), em sua *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, menciona o instrumento em meio à relação das forças militares. A província era dividida, então, em dois comandos. O primeiro contava com uma companhia de pedestres, cuja estrutura era a seguinte:

1 Alferes
4 Sargentos

²⁸ ROCHA, J. J. (autoria atribuída), 1897, p. 425-517.

²⁹ SOUZA, B., 1908, p. 523-639.

³⁰ CALDAS, 1951, p. 336. Os dados são relativos ao ano de 1756 para os dois regimentos de infantaria que guarnecem a cidade.

15 Cabos de Esquadra
 8 Anspeçadas
1 Pífano
2 Tambores
 180 Soldados

O segundo comando dispunha também de uma companhia de pedestres de estrutura semelhante à primeira:

3 Sargentos
 21 Cabos de Esquadra
 21 Anspeçadas
1 Pífano
2 Tambores
 210 Soldados³¹

Em Pernambuco, um documento de 1754 e outro de 1775 fazem menção ao soldo pago a pífano e tambores dos regimentos e companhias daquela província.³²

Pelo decreto promulgado por D. Maria I, em sete de agosto de 1796, os Corpos de Auxiliares passaram a denominar-se Regimentos de Milícias, em Portugal e no Brasil. Pela nova organização, uma Companhia de Fuzileiros de Milícias (Infantaria), teria a seguinte composição:

1 Capitão (de Companhia)
 1 Tenente
 1 Alferes
 2 Sargentos
 1 Furriel
 1 Porta Bandeira
 5 Cabos de Esquadra
2 Pífanos
1 Tambor
 66 Soldados
 81 homens [total]³³

No Rio de Janeiro, documentação dos primeiros tempos do Império, traz na *Relação do Pessoal das Repartições Pertencentes a Caza Imperial* os seguintes dados:

³¹ D'ALINCOURT, 1953, [s.n.].

³² LANGE, 1977, p.18-19.

³³ PEREIRA FILHO, 2001, [s.n.].

Tambores

Emílio José Monteiro dos Santos

Marcelino José Gonçalves

Pifanos

José Joaquim Marianno

Joaquim José dos Santos Paiva³⁴

Uma das atribuições a que, ordinariamente, os músicos militares estavam incumbidos, especialmente caixeiros, era o anúncio dos bandos, pregões públicos de medidas editadas pela Coroa Portuguesa, Governo da Capitania, Intendência dos Diamantes ou outra instância de poder. O caixeiro percorria as ruas advertindo sobre a medida e o bando era lido em praça pública. Citamos, a seguir, um exemplo, onde se acha a expressão “publique-se ao som de caixas”, frequentemente usada nestes documentos. Dentre centenas de bandos, reproduzimos o seguinte para que se tenha uma idéia do teor de tais medidas.

Bando com q^c se declara a ordem Sua Mag.^{de} sobre a expulsão dos Estrangeiros p.^a fora destas Minas

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, etc. Porq.^{to} Sua Mag.^{de} que D.^{us} g.^{de} me ordena por Carta de 25 fevereiro deste anno que todos os Estrangeiros. q.^c se acharem nestas minas os faça logo embarcar p.^a o Reyno assim francezes como de qualquer outra nação, ainda q.^c mostrem estarem naturalizados, rezervando som.^{te} naquelles Olânazes, e Inglezes q.^c permittem os Tratados; mando q.^c todo o estrangeiro de qualquer nação q.^c seja, e se achar nos dstrictos destas minas venha perante mim apresentar-se dentro em trinta dias q.^c começarão da publicação deste p.^a se lhes consignar tempo, e forma em q.^c hão de ser enviados p.^a o Rio de Janeiro e poderem dispor de suas fazendas, e os q.^c o não fizer dentro do ditto tempo será prezo, e pagará de condenação p.^a as despezas da faz.^{da} real, e úteis, ao bem commum das nossas villas seis centas outavas de ouro do melhor de sua faz.^{da}, e havendo denunciante terá a terça p.^{te} e q.^{do} algum morador destes dittos dstrictos tenha em sua caza qualquer estrangeiro será obrigado a trazelo a minha presença debaixo de pena de trezentas outavas para a mesma applicação sobredita. E p.^a q.^c chegue a noticia de todos e se poder dar inteiro cumprim.^{to} a ditta ordem de Sua Ma.^{de} **se publicará este a som de caixas p.^{las} Villas, Arraias, e partes mais publicas destas minas;** donde se passarão copias assignadas pellos juizes ordinários e Superintendentes p.^a os lugares de mayor concurso q.^c ouver, cujos capitães os farão publicar de sorte q.^c a todos conste de q.^c se passará certidão por official publico das Villas e fora delas p.^{los} cabos de guerra a q.^m será cometida esta diligencia e se remeterá á Secretaria do Governo aonde este se registrará, e nos Livros da Câmara das dittas Villas, e Superintendências. Minas Geais 27 de Agosto de

³⁴ LANGE, 1980, p. 126.

1711. O Secretário Manoel Pegado a fez – Ant. de Albuquerque Coelho de Carv.³⁵

Num outro exemplo, em Moçambique, ex-colônia portuguesa, informa-se que

antes de existir o *Boletim Oficial*, todas essas notícias que interessavam funcionários e militares, dérgos e negociantes, eram ‘corridas **ao som de caixa** pela cidade como o qualquer bando’. [...] Diz-nos Alexandre Lobato que ‘O Bando (Edital ou Aviso) era lido ao povo nas ruas e praças da Ilha de Moçambique pelo pregoeiro ou meirinho do Senado da Câmara, acompanhado de **um pífarro e dois tambores** que o Senado requisitava ao Regimento da Praça’.³⁶

Em *Memórias do Distrito Diamantino*, escrito em meados do século XIX, Joaquim Felício dos Santos, dá a medida do que representavam estes bandos para a população do Tejuco (atual Diamantina):

Freqüentes vezes o povo do Tijuco ouviu sobresaltado o estridente rufar de uma **caixa**, que corria as ruas do arraial: era um novo bando que se publicava, era mais alguma proibição, algum ônus com que se ia sobrecarregar-o, novas medidas restrictivas que se tomavão sobre o commercio e mineração: o povo já tremia quando ouvia a voz fúnebre do pregoeiro. Quando contava ter o intendente recebido algum prego de Villa Rica [atual Ouro Preto] logo conjecturava-se algum funesto acontecimento [...]³⁷

Conceição do Mato Dentro, cidade base desta pesquisa, pois foi ali que se desenvolveu o Pipiruí, um dos grupos de tocadores que analisamos, foi praça também de um contingente militar.

O Terço de Auxiliares ficou aquartelado na praça do Pelourinho, num sobradão que foi incendiado em 1740. Por iniciativa do primeiro Guarda-mor de Conceição do Mato Dentro – Capitão Manuel Corrêa de Paiva, em 1720, foi criado um Regimento de homens pardos com sede no próprio distrito. Em 18 de Março de 1723, agora sob a diligência do Sargento-mor José Botelho da Fonseca, instalou-se em Conceição um Corpo de Cavalaria de homens brancos. Os capitães do mato do Serro Frio que andavam em batadura aos escravos foragidos (que constituíam o famoso quilombo do ‘Meloso’), tinham como sede o distrito de Conceição do Mato Dentro, onde entregavam

³⁵ Registro de diversas cartas, patentes, ordens, bandos, etc. do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1711). *Revista do Arquivo Público Mineiro*. vol. 2, nº 4, 1897. p. 794-95.

³⁶ ROCHA, I., extraído do sitio <http://www.macua.org/livros/DAINTRODUCAODATIPOGRAFIA.htm>, acessado em 24/02/2009. Da introdução da tipografia à passagem de Lourenço Marques à cidade, 2000.

³⁷ SANTOS, 1909, p. 718

os escravos capturados que eram recambiados ‘oficialmente’ para os seus respectivos senhores.³⁸

Embora sem citar fonte, o mesmo autor ainda emenda as seguintes informações:

Os regimentos recebiam, a soldo da Fazenda Real, além de armas e munições, excelentes instrumentos de música, constantes de trombetas, timbaleiros, **pifanos e tambores**. Todavia, o Governo não fornecia o indispensável fardamento e não raro, os capitães de matô e ordenanças andavam descalços.³⁹

Concluimos, finalmente, que num cenário com tantos efetivos militares, contando com o engajamento pleno do negro, particularmente a partir da segunda metade do século XVIII, seria plausível, como hipótese, a migração dos usos de instrumentos milicianos para contextos civis e religiosos. Veremos adiante, ao analisar a atuação dos tocadores de pífano e caixa atuais, como várias de suas características os aproximam destes registros históricos acima descritos.



FIGURA 10 - Pifanos e tambores do Batalhão Constitucionalista de Caçadores em 1822. (Fonte: LIMA JÚNIOR, 1960. [s.n.]

³⁸ MORAIS, 1942, p. 35.

³⁹ *Ibidem*, p. 34-35.

CAPÍTULO 3 – AS IRMANDADES DO ROSÁRIO E AS FESTAS DE REINADO

3.1 As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário

Em Minas Gerais, o pífano vinculou-se estreitamente às irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Poderíamos dizer que os tocadores de pífanos e caixas seriam braços musicais destas irmandades, provendo, com a música necessária, os diversos eventos do seu calendário, particularmente as festas de Nossa Senhora do Rosário, também chamadas festas de reinado.

A proeminência destas festividades, entre os objetivos declarados das Irmandades do Rosário, pode ser atestada pela leitura dos seus compromissos, tanto aqueles do período colonial, quanto os de época posterior. Nestes códices há sempre artigos específicos dispendo sobre a realização anual destes festejos e os preparativos a serem feitos em vista dos mesmos. O Compromisso da Irmandade do Rosário do Serro, por exemplo, que data de 1728, fala o seguinte em suas primeiras linhas: “Saibam todos os irmãos desta imandade de Nossa Senhora do Rosário, cuja festa se celebra na primeira oitava do Espirito Santo, como honra e principal intento da instituição, neste ano em que corre 1728 [...]”⁴⁰

3.1.1 Origem da devoção

A devoção a Nossa Senhora do Rosário remonta ao século XIII, com a revelação do Rosário a São Domingos, sob o indicativo de utilizá-lo como instrumento de conversão dos cátaros, no sul da França.⁴¹ Difundida pelos seguidores do santo que

⁴⁰ COMPROMISSO... 1979, p. 1.

⁴¹ POEL, 1981, p. 61.

fundou a ordem dos Dominicanos, a devoção a Nossa Senhora do Rosário inicialmente foi cultivada na Europa por brancos. Mais tarde se estenderia aos africanos com os quais estes religiosos travaram contato. Segundo Marina de Mello e Souza, “a intensa ação evangelizadora dessa ordem religiosa [dos Dominicanos] é tida por quase todos os autores que estudaram as irmandades do Rosário como fator de disseminação de tal invocação entre os africanos.”⁴²

A partir de meados do século XV, quando a coroa portuguesa iniciava sua empresa marítima, inicialmente na costa africana, começaram a chegar os primeiros negros a Portugal. Ali, José Ramos Tinhorão supõe que a integração desta população às irmandades do Rosário, já teria ocorrido desde fins do século XV. Congregaram-se, a princípio, juntos aos brancos. Porém, não tardou a que se separassem destes. O autor cita uma evidência documental do século XVI:

Como Cristóvão Rodrigues de Oliveira declarava no seu *Sumário* de 1544-1545, a existência entre as sete confrarias do Mosteiro de São Domingos de uma dos “pretos forros E escrauos de Lixboa” [...] E quanto a este pormenor de a confraria inicial ter sido a dos brancos, vindo a dos pretos a formar-se como uma espécie de ala dissidente, isso ficava claro no próprio *Sumário* de Rodrigues de Oliveira, quando registrava: “Ha neste mosteiro [de São Domingos] sete confrarias. s. a confraria de Jesu regida por pessoas nobres E principais cidadãos. E a confraria de nossa senhora do rosario repartida em duas [*sic*], hũa de pessoas honradas, E outra de pretos forros e escrauos de Lixboa.”⁴³

A estruturação dos negros em Irmandades do Rosário próprias se consolidou já em meados do século XVI, segundo Didier Lahon, estudioso das irmandades portuguesas. Ele diz que

[...] o desenvolvimento de um número de confrarias especificamente negras ou mistas, mas sempre ditas *dos pretos*, constitui um indicador de um movimento marcante de exclusão. [...] Em 1553, à margem esquerda do Tejo, defronte a Lisboa, nas principais localidades ribeirinhas, contam-se ao menos 6 confrarias do Rosário negras que agrupam, segundo a documentação, 888 membros recenseados. Embora o tesoureiro ou o

⁴² SOUZA, 2006, p. 160.

⁴³ TINHORÃO, 1988, p. 130.

escrivão sejam brancos, elas não parecem poder ser qualificadas de confrarias mistas. [tradução nossa]⁴⁴

O primeiro compromisso conhecido de uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de negros data de 1565, ereta no convento de São Domingos, em Lisboa.⁴⁵

Uma vitória naval no Mediterrâneo de cristãos contra turcos, a batalha de Lepanto, em 1571, foi também atribuída à intervenção de N. Sra. do Rosário em favor das forças cristãs. Embora não possa ser tida como desencadeadora da devoção à Santa, certamente esta importante vitória, que redefiniu os rumos da expansão turca no Mediterrâneo, reforçou muito seu culto.

As comunidades congadeiras atuais falam sempre da lenda de Nossa Senhora do Rosário,⁴⁶ da qual colhemos duas versões, no Serro e em Minas Novas. Note-se a adaptação da lenda, segundo o contexto de cada festa, mantendo-se, no entanto, a estrutura básica e o papel dos tambores.

Versão 1 (Serro)

*A festa, isso por ouvir dizer, quando N. Sra. apareceu, foi primeiro os caboclo. Assim eu já owi contar. Fizeram o convite, de arretirar d'aonde ela tava, ela num quis acompanhá. Todo vestido de pena. Depois foi os marujo, fez o convite. Num quis também. Ai ela exigiu: Isso eu tô, como se diz, contando do mesmo jeito que eu fiquei sabendo. Exigiu um pessoar com a cabeça coberta de pena e o corpo todo coberto com a chita, até arrastá no chão, conforme tem os Catopê. E, tocando o assobio. Então assim eles fizeram ela o convite e ela acompanhou até num determinado lugar. Assim, os mais velho já me contaram, mas eu, num tenho bem certeza. A informação que eu recebi foi essa. Então são três grupo. Caboclos, marujo e os Catopê. Então, se os Catopê saíram tocando aqueles reco-reco, tudo isso ela exigiu, xique-xique... e outros tocando a flauta. Por prova, cê já ouviu falar no estatuto, né? Usar terno, gravata, sapato, chapéu de paia. Assim já me disseram, que ela exigiu tudo isto.*⁴⁷

Versão 2 (Minas Novas)

Teve uma história que quando eles foram, puseram a Nossa Senhora do Rosário lá na lapa do Rosário, que eles chamam lapa do Rosário, né?

⁴⁴ LAHON, 2000, p. 282-83. Texto original em francês: [...] le développement du nombre de confréries spécifiquement noires ou mixtes, mais toujours dites 'dos pretos', constitue un indicateur d'un mouvement marqué d'exclusion. [...] En 1553, sur la rive gauche du Tage, face à Lisbonne, dans les principales localités riveraines, on compte au moins 6 confréries du Rosaire noires qui regroupent selon la documentation 888 membres recensés. Bien que le trésorier ou l'écrivain soient des blancs, elles ne paraissent pas même pouvoir être qualifiées de confrérie mixtes.

⁴⁵ SOUZA, *op. Cit.*, p. 265.

⁴⁶ Cf. LUCA S, 1999, p. 56-64; PO EL, 1981, p. 188-190.

⁴⁷ Entrevista com Jadir Canela, 1º/7/2006

*Ajuntou pessoal tudo branco, com banda de música e foi pra lá, pra buscá Nossa Senhora. Pra tira ela lá da lapa do Rosário. Aí pegou, eles tiraram ela de lá, veio tocando banda de música e tudo e levou ela e colocou ela na igreja. Deixou ela lá na igreja. Quando eles olhou pra trás, que eles voltaram, ela já tava lá na lapa do mesmo jeito. E quando num foi a banda, as caixa, os tamborzeiro, as muié vestida tudo de... que eles chamava era maçambique, as roupona de algodão, aquelas roupa rodada, a Nossa Senhora num saia lá da lapa. Depois, quando eles foram, eles trouxe ela e pôs lá no Rosário. E no Rosário ela tá até hoje. Por isso, que busca ela, leva ela, põe lá na lapa, e toda época da festa tem que buscá ela lá. Isso é dos tempo antigo. Do tempo da minha vó. Minha vó quando morreu tava com idade de 136 ano, já era coisa antiga, ó!*⁴⁸

3.1.2 As irmandades do Rosário no Brasil e em Minas Gerais

Transplantadas ao Brasil, as irmandades do Rosário estiveram entre as que mais proliferaram. Segundo Julita Scarano, elas foram trazidas

sobretudo pelos jesuítas e é mesmo possível que tenham vindo com confrades saídos de Portugal, empenhados em introduzir essa piedade nos lugares que procuravam. Em São Paulo, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é das mais antigas e vem mencionada em inventários e testamentos dos primórdios de Piratininga. Parece mesmo que a confraria foi criada por José de Anchieta.⁴⁹

Em Minas, a população negra constituía maioria. Na comarca do Serro Frio, em 1775, entre homens e mulheres, havia 13.665 brancos, 15.289 pardos, cabras e mestiços e 29.840 pretos e crioulos (negros nascidos no Brasil).⁵⁰ Os núcleos populacionais com alguma expressão, logo, viam constituídas suas primeiras irmandades. Caio Boschi comenta este estágio nascente das irmandades em Minas:

Nas Minas Gerais do século XVIII, religiosidade, sociabilidades e irmandades se (con)fundem e se interpenetram. [...] Mantenedoras das capelas, cerne dos arraiais e igualmente dos altares que se construíram no interior delas, as irmandades assumiram, pois, função e papel nuclear na promoção das sociabilidades coloniais mineiras. E ressalte-se que assim se exprimindo, as irmandades precederam ao Estado e à Igreja, como instituições. Quanto ao primeiro, quando a máquina administrativa chegou, já as irmandades floresciam. Quando as primeiras vilas foram criadas por Antônio de Albuquerque, em 1711, a presença e a atuação delas eram

⁴⁸ Entrevista com Aurora Rodrigues de Matos Rocha, 28/11/2008.

⁴⁹ SCARANO, 1976, p. 47-48.

⁵⁰ *Ibidem*, p.118.

incontestes. À época, Sabará possuía, pelo menos, três irmandades; São João del-Rei, duas; Vila do Carmo e Vila Rica, uma cada[...] A despeito da instituição de irmandades nas zonas rurais, enfatize-se que esse gênero de associação era predominantemente urbano, como, aliás, marcadamente urbana era a “civilização” que se engendrou naquela área da Colônia. [...] Enquanto em outros territórios ultramarinos portugueses, inclusive no Reino, a invocação de Nossa Senhora do Rosário se vinculava ao exercício pastoral dos dominicanos, em Minas ela se apresentou como a mais difundida por obra e graça do volumoso contingente de negros africanos para lá deslocados.⁵¹

Entre as primeiras irmandades do Rosário criadas em território mineiro, constam as de São João del Rei (1708), Freguesia de N. Sra. do Pilar de Ouro Preto (1710), Sabará (1713), Mariana (anterior a 1715).⁵² Tais datas correspondem à mais antiga referência encontrada sobre as mesmas. Na região da Vila do Príncipe (atual Serro), parece ter sido a Irmandade do Rosário desta vila a primeira a ser criada, já realizando suas festas em 1716.⁵³ A Irmandade do Rosário de Conceição do Mato Dentro foi ligeiramente posterior (1723).⁵⁴

No período colonial, as ordens religiosas eram proibidas pela Coroa portuguesa de se instalar em território mineiro. Em toda esta área, o dia-a-dia da vida religiosa era, na prática, exercido pelas irmandades e, mais tarde, também pelas ordens terceiras, como a dos Franciscanos e a dos Carmelitas. Para a maior parte da população negra, tanto forra, quanto escrava eram as irmandades de N. Sra. do Rosário importante referência social e religiosa. Organizavam um calendário religioso; supriam determinadas necessidades materiais e caritativas; amparavam os confrades na doença, velhice e morte; eram também veículo de libertação de seus integrantes, através da obtenção de recursos para sua alforria; além de funcionarem como ambiente de afirmação e identidade.

⁵¹ BOSCHI, 2007, p. 59, 61-63.

⁵² *Idem*, 1986, p. 214-224.

⁵³ MORAIS *apud* SCARANO, 1976, p. 114-115. A autora indica o fato da documentação consultada por Geraldo Dutra de Moraes, nos anos 1940, no Serro, ter sido praticamente toda perdida, pela ação de papirófagos.

⁵⁴ BOSCHI, *op. cit.*, p. 220.

Os cargos da irmandade eram ocupados pelos irmãos que alternavam-se através de eleições periódicas. Estes cargos eram, normalmente, os de Provedor (Presidente), Tesoureiro, Escrivão/Secretário, Procurador, Capelão, Sacristão, Andador, além dos Irmãos da Mesa Administrativa. Os cargos de tesoureiro e escrivão eram geralmente ocupados por brancos, item previsto nos compromissos e já um costume nas irmandades do Rosário de Lisboa, do século XVI, como visto acima. Além destes cargos, previa-se, nos compromissos, a existência de ‘livros’ adequados para vários fins. O Capítulo XVIII, do antigo Compromisso da Irmandade do Serro, diz:

Nesta Irmandade há de haver quatro livros numerados pela banda de fora, um de carga e se faz ao Tesoureiro dos rendimentos, outro das descargas que se faz ao Tesoureiro, outro das eleições e outro se asentarão todos os irmãos e se porá sinal em cada nome do que morrer e asentarão em outra parte do mesmo livro com a quitação ao pé das missas que lhe disserem e quem a disser se assinará nele.⁵⁵

As páginas destes códices eram na maioria dos casos numeradas e rubricadas, com termo de abertura, em seu início, e de encerramento, ao final. Principalmente aqueles de lançamentos de receitas e despesas eram periodicamente vistoriados pelas autoridades eclesiásticas e judiciárias, que neles assinavam um termo de aprovação. Novos livros eram abertos, à medida que se preenchiam todas as páginas dos antigos.

Em Conceição do Mato Dentro, quando foi reestruturada a Irmandade do Rosário, em 1915, determinou-se a utilização de 10 ‘livros’: (1) de Actas da mesa Administrativa; (2) Cargas ao Tesoureiro para quando tiver de receber qualquer quantia destinada ao cofre; (3) Conta corrente de Deve e Haver, entre a Irmandade e o Tesoureiro; (4) Lançamento de todos os empregados: Rei, Rainha, Juizes que forem eleitos ou nomeados; (5) Lançamento geral de todos os fieis e irmãos da Confraria do Rosario; (6) Termos de posse de todos os empregados eleitos; (7) Livro de inventários

⁵⁵ COMPROMISSO... 1979, p. 4.

ou lançamento de todos os bens da Irmandade do Rosario; (8) Registro de portarias de pagamentos; (9) Registros de Auctorizações de serviços e contractos; (10) Termo de entrada dos irmãos.

3.2 Um africanismo ao lado do ritual católico: as festas de reinado

O evento que mais importa para o pífano em Minas são as festas de *reinado*, fator de agregação e produção simbólica, que opera no seio das irmandades de N. Sra. do Rosário. Caracterizam-se por uma série de rituais que giram em torno da coroação de ‘rei e rainha congos’. Segundo Marina de Mello e Souza,

As coroações de rei congo ligavam-se à cristianização do reino do Congo no final do século XV, ao espaço simbólico que o Congo ocupava na África Centro-Occidental, tanto para africanos como para portugueses, [...] à formação de novas comunidades de africanos escravizados e seus descendentes na América portuguesa, ao tipo de catolicismo aqui praticado e às relações entre estas comunidades e a sociedade senhorial.⁵⁶

Os cortejos assumem papel de destaque no reinado, e ao saírem nas ruas com toda a pompa, rei e rainha são escoltados por guardas e acompanhados de danças e instrumentos musicais, predominantemente de percussão.

Este costume de escolherem reis ou governadores⁵⁷ entre si foi generalizado entre africanos escravizados das várias nações trazidos para as Américas.⁵⁸ Há evidências desta prática, na Espanha, no século XV:

Os reis católicos Fernando e Isabel, em despacho de 11 de novembro de 1478, já concediam a um negro de nome Juan de Valladolid o título de

⁵⁶ SOUZA, op. cit., p. 19.

⁵⁷ Alternativamente, também é utilizado o termo *Juiz Maior*, no lugar de *rei*. Cf. POEL, 1981, p. 201.

⁵⁸ Marina de Mello e Souza fornece um rol extenso de exemplos desta prática em todo o continente americano, inclusive na América do Norte, onde dominava o protestantismo, sendo, portanto, as práticas de eleição de reis ou governadores entre a população negra desvinculadas do catolicismo. Cf. SOUZA, op. cit., p. 167-179.

Mayoral, o que lhe dava a responsabilidade sobre os negros cativos e forros de Sevilha, sujeitos pelo mesmo documento às suas decisões.⁵⁹

Segundo Julita Scarano,

Os reis e rainhas, além de terem extraordinário prestígio no ano de seu reinado, nunca perdem majestade pois, quando são mencionados nos Livros da Irmandade do Distrito, se explica “que foi rei ou foi rainha”, além de terem lugar especial para suas sepulturas. Pagavam uma anuidade correspondente a quarenta anuidades de cada um dos demais e, por isso, deveriam ter boas possibilidades financeiras ou, o que acontecia muitas vezes, podiam contar com o apoio econômico de seus senhores. Assumiam grande importância dentro do grupo, sendo os consultores e muitas vezes os mediadores de seus irmãos de confraria e irmãos de cor. Alguns autores, julgam que tais reis eram como prepostos do homem branco, sendo que sua nomeação no Recife era confirmada pelo chefe de polícia.⁶⁰

A designação *rei congo* originou o termo *congada* ou *congado* para designar o conjunto das manifestações envolvendo os festejos em honra de N. Sra. do Rosário.

A estrutura básica destas festas consiste em diversas etapas. Começam com uma novena, que culmina no dia do levantamento do mastro com a bandeira da padroeira, evento que é da responsabilidade do *mordomo da bandeira*. Antes, porém, neste dia, realiza-se o toque do meio-dia. Até aqui os dançantes saem à paisana. Já o dia seguinte, dia da festa, inicia-se com alvorada e reunião do Reinado, que, uma vez organizado, sai em cortejo para a igreja local para celebração da missa. No almoço, em geral é servido um grande banquete, que atende com fartura toda a população presente. A distribuição de doces é também tradicional. À tardinha tem-se a procissão e à noite a posse do novo Reinado. Em alguns locais é feita ainda a coleta dos anuais e jóias. Esta estrutura é recorrente nas festas de reinado e, dependendo do local, incluem-se ainda outras atividades e eventos.

⁵⁹ TINHORÃO, op. cit., p. 142.

⁶⁰ SCARANO, op. cit., p. 113.

3.3 Guardas de congado

O cortejo do reinado é marcado pela presença de grupos normalmente fardados para proteção de reis, rainhas e a corte real. Tais grupos ou *guardas* – para utilizar um termo êmico de algumas regiões de Minas Gerais – portam espadas, lanças, bandeiras, bastões (também como instrumentos musicais), com seus músicos e dançantes. Funções como capitão, alferes, marujo, e outras reforçam o teor miliciano. Nestes grupos há a presença indispensável de tambores, particularmente caixas de guerra, para o acompanhamento dos cortejos e cerimônias. Os tambores com pele em apenas um dos lados, são mais usados nos batuques de terreiro (candombe, jongo, etc). Na região de Minas Novas, porém, eles também tomam parte nos cortejos.

Diferentes tipos de grupos acompanham o reinado, originados de diferentes tipos de danças. Às vezes, um mesmo tipo de grupo é chamado por nomes diferentes e grupos distintos chamados por um mesmo termo, dependendo da região. Sem aprofundar no assunto, pelos limites do espaço, mencionaremos alguns deles: a marujada; a guarda de congo; o catopê; o vilão; o moçambique; os caboclos e caiapós; os tamborzeiros. E acrescentamos a esta lista os tocadores de pífanos e caixas, que se destacam nas festas em que estão presentes, como protagonistas dos cortejos e rituais.

CAPÍTULO 4 – INDÍCIOS E EVIDÊNCIAS DE TOCADORES DE PÍFANOS EM MINAS GERAIS

Três grupos de tocadores de pífanos e caixas encontram-se atualmente em atividade, em Minas. São eles, como vimos, o Pipiruí, de Conceição do Mato Dentro, a Caixa de Assovio, do Serro e a Guarda de Honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de Minas Novas. No entanto, há registros de outros tantos grupos que existiram no passado e se extinguíram. Em Araçuaí; em Milho Verde e outra localidade próxima ao Serro, ainda não identificada; em Diamantina; em Ouro Preto. Estes são, por enquanto, os locais onde documentos ou testemunhos orais revelaram a presença de tais tocadores. Pesquisas futuras certamente ampliarão este quadro.

4.1 Ouro Preto

Vila Rica (atual Ouro Preto), fundada na última década do século XVII, foi local de destaque no contexto do povoamento de Minas Gerais. Logo, a vila ganhava proporções e status de capital de toda a região das Minas. Como tal, desenvolveu uma vida cultural intensa e, sendo a sede do governo da Capitania, até fins do século XIX, aquartelou importantes destacamentos militares.

4.1.1 Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos da Freguesia de N. Sra. do Pilar

A mais antiga evidência do pífano, em Minas Gerais, localizada até o momento, está conectada com a Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos da Freguesia de N. Sra. do Pilar, em Vila Rica, fundada em 1715.

A referência encontra-se em uma obra publicada em Lisboa, em 1734. Trata-se do célebre *Triunfo Eucharístico*, que relata o grandioso cortejo que trasladou o Santíssimo Sacramento da igreja do Rosário para a vizinha matriz, uma vez que esta ficou concluída, em 1733. O panfleto, encomendado pela própria Irmandade do Rosário, promotora do evento, dá conta do que se viu e ouviu ali. Nessas procissões do Santíssimo Sacramento, ou Corpo de Deus, mormente aquelas anteriores ao século XVIII, reuniam-se irmandades, tropas, instrumentos musicais, danças, máscaras, andores, figuras alegóricas e mitológicas, entre uma multiplicidade de outros elementos. João da Silva Campos, em seu livro *Procissões tradicionais da Bahia*, diz que “foi esta procissão [a do Corpo de Deus] a mais aparatosa do orbe católico até o décimo oitavo século”,⁶¹ particularmente em Portugal, como em outros locais.

Voltando a Vila Rica, ao *Triunfo Eucharístico*, o autor da narrativa, Simão Ferreira Machado, “natural de Lisboa e morador nas Minas”, antes de iniciar a descrição do imenso cortejo, indica a dimensão do evento:

Foy tal o empenho, que da Cidade do Rio de Janeiro, de todas as Minas, e de partes muito remotas fôra destas, se procurou muita, e preciosa parte do aparato; e tal a expectação da novidade, que das mais distantes partes das Minas, e fôra dellas, houve na villa, e seus arredores innumeravel, e nunca visto concurso.⁶²

Adiante, em uma ala já avançada do cortejo, mas longe ainda do seu final, dedicada aos sete planetas, temos a simbólica presença do pífano, ao lado de uma caixa de guerra e uma trombeta, todos eles instrumentos militares, acompanhando o planeta Marte, astrologicamente relacionado à guerra. Veja-se o trecho:

Seguia-se Marte: antes dele três figuras, nas cabeças com toucas mouriscas de carmesim de prata, com varia ordem de fitas de tella verde de prata; por hum lado com plumas brancas: vestião do carmesim das toucas trunfado de vermelho, e branco; calçavão de branco com çapatos encarnados.

⁶¹ CAMPOS, 1941, p. 216.

⁶² ÁVILA, 2006, p. 202-203.

Procedião em igualdade; **huma no meyo, duas pelos lados: a do meyo tocava huma caixa de guerra; a da mão esquerda hum pífano; a da direita huma trombeta.**

Vinha Marte em distancia de dous passos: armava-lhe a cabeça hum capacete de prata de valores de pedraria, rematado em hum precioso cocar de plumas brancas, e encarnadas; vestia de seda branca de prata; o peito em campo da mesma seda, bordado de ouro, e peças de diamantes, com guarnição de franjoens de ouro cingidos de pedraria [...].⁶³

Ainda outros músicos são descritos ao longo do relato, como chameleiros, trombeteiros, gaitero, clarim.

Em relação aos códices destinados ao registro de despesas desta irmandade, localizamos uma única menção ao pífano (1789-1790), algumas de flautas (que não sabemos até que ponto se assemelhavam ou se confundiam com pífanos), e outras de caixas.

Tabela 1 – Referência a pífanos e caixas
*Livro de Receita e Despesa [nº 3, 1761-1818]*⁶⁴

Ano	Folha	Despesa	Valor pago (em oitavas de ouro e réis)
1789- 1790	folhas 50	Idem [despesa] que mais pagou ao preto Manoel Antonio Joze de Araujo como ajustante dos tocadores das Trompas e flautas para a festividade desta Irmandade de como consta do seu recibo do dº Lº fs 173	5 “ “
		Idem que mais pagou a Anna Guedes de Espírito Santo pelo tambor seu escravo tocar na festividade da dita Irmandade e consta do seu recibo dito Lº fs 174	1 ½ “
		Idem que mais pagou a Marcos Coelho Neto, do seu escravo tocar pífano na festividade desta Irmandade como consta do seu recibo dito Lº fs 174	1 ½ “
		Idem que mais pagou a Caetano Rodrigues da Silva pelo tambor seu escravo tocar na festividade desta Irmandade como consta do seu recibo dito Lº fs 174 vº	1 ½ “
1790- 1791	folhas 55	Idem que mais pagou a Marcos Coelho Neto pello ajuste que com elle se fez de mandar tocar frauta e trompas na festividade da Irmandade e consta do seu recibo dº Lº fs 177 vº	5 “ “
		Idem que mais pagou a Anna Guedes do Espírito Santo pelo ajuste que com ella se fez de mandar tocar o seu tambor nas festividades da mesma Irmandade e consta do seu recibo no mesmo Livro fs 178	2 ½ “
1791- 1792	folhas 66	Pelo que pagou a Caetano Roiz’ da Silva das duas Caixas q’ tocarão em todas as funçoens da Irm ^{de} como consta do seu recibo a fs 181 vº	4 “ “
1792- 1793	folhas 71	Item, q’ mais pagou a Caetano Roiz’ da Silva das duas Caixas de guerra q’ tocarão em todas as funçoens da Irm ^{de} com recibo a fs 184 vº	5 “ “
1793- 1794	folhas 76	Itt. Que pagou a Anna Guedes, e Fran ^{co} Tavares França dos Tambores que tocarão nas funçoens da Irm ^{de} como consta do seu recibo a fs d ^{ias} (187 vº)	4 “ “
1794-	folhas	Itt. A Anna Guedes de seu mulleque q’ tocou o tambor nas festas p ^{lo} r ^{co} a fs. 205	2 ½ “

⁶³ *Ibidem*, p. 240-241.

⁶⁴ LANGE, 1979, p. 284-301. Note-se um problema editorial, concernente à repetição nas páginas 281-284, deste vol. I, das mesmas despesas constantes às páginas 391-394, do vol. VIII, referente à Irmandade do Rosário do Tejuco. Acreditamos que tais despesas referem-se ao Tejuco e não a Vila Rica.

1795	79		
	folhas 80	Itt. A Jeronimo Jose Roiz de seu mulleque q ^o tocou a Caixa na festa da Irm ^{de} p ^{lo} r ^{co} a fs. 206 v ^o	1 ½ “
1795-1796	folhas 89	Idem á Fran ^{co} Miz’ Per ^a de tocar trombeta e seus companheiros em todas as Festivid ^{es} pelo recibo fs 210	4 ¾ “
		Idem a Anna Guedes por tocar tambor o seu escravo p ^{lo} recibo fs 210 v ^o	2 ½ “
1796-1797	folhas 96	Idem Anna Guedes p ^r tocar tambor o seu Escravo pelo recibo fs 213	2 ½ “
		Idem a Fran ^{co} Martins Per ^a de tocar trombetas e seus Companheiros em todas as festivid ^{es} pelo recibo fs 213	2 ¼ 6
1797-1798	folhas 106	Idem a Fran ^{co} Miz’ Per ^a de Tocar Trombetas e seu Companheiro em todas as Festivid ^{es} pello R ^{co} fs 217	4 “ “
	folhas 109	Pello que pagou a Anna Guedes de md ^{ar} tocar Tambor em todas as festivid ^{es} pello R ^{co} a fs 218	2 ½ “
1798-1799	folhas 113	Idem Anna Guedes de mandar tocar Tambor em todas as Festivid ^{es} da Irm ^{de} pello R ^{co} a fs 112 v ^o	2 ½ “
1799-1800	folhas 120	Pello que pagou a Anna Guedes de mandar o seu preto tocar Tambor nas Festivid ^{es} desta Irm ^{de} pello R ^{co} fs 224	2 ½ “
1800-1801	folhas 129	Idem a Anna Guedes de mandar tocar tambor nas festivid ^{es} da Irmandade pelo Recibo fs 226	2 ½ “
1801-1802	folhas 136	Idem a Fran ^{co} Miz’ Per ^a e hum Companheiro de tocar Trombeta em todas as festivid ^{es} p ^{lo} R ^{co} fs 229	4 “ “
	folhas 137	Item a Anna Guedes de mandar o seu preto tocar Tambor nas festivid ^{es} da Irm ^{de} pello R ^{co} fs 230	2 ½ “
1802-1803	folhas 141	Item a Fran ^{co} Miz’ Per ^a de tocar Trombeta na Festivid ^e da Irm ^{de} p ^{lo} R ^{co} fs 232 v ^o	4 “ “
1803-1804	folhas 149	Idem a Francisco Miz’ Per ^a de tocar Trombeta em todas as festivid ^{es} pello R ^o fs 234	2 “ “
		Idem Anna Guedes de mandar o seu preto tocar Tambor em todas a (s) festivid ^{es} como consta do R ^{co} fs 254	2 ½ “
1804-1805	folhas 157	Idem Anna Guedes de mandar tocar Tambor nas festivid ^{es} pello R ^o fs 236	2 ½ “
1805-1806	folhas 164	It. a Anna Guedes d’ mandar tocar Tambor em as Festivid ^{es} da Irm ^{de} p ^{lo} R ^{co} fs 1 v ^o	2 ½ “
1806-1807	folhas 172	Pello que pagou Anna Guedes de mandar o seu preto tocar Tambor em todas Festivid ^{es} da Irm ^{de} R ^{co} fs 3	2 ½ “
1807-1808	folhas 179	It. a Anna Guedes d’ tocar Tambor seu preto em todas festivid ^{es} R ^{co} fs 5	2 ½ “
1808-1809	folhas 184	It. a Anna Guedes p ^r mandar seu preto tocar Tambor nas Festivid ^{es} r ^{co} fs 8 v ^o	“ ½ “
1810-1811	folhas 202	It. a Anna Guedes de mandar o seu preto tocar Tambor nas Festivid ^{es} de dous annos cinco mil reis e p ^r estar saptisfeita assina com Escr ^{am} Anna Guedes / Joaquim J ^c dos S ^{tos}	5:000
1811-1812	folhas 205	Pagou a Anna Guedes do que venceu o seu Escravo Manoel de tocar tambor nas Festas annual Anna Guedes / Pantaleão Alvares da S ^a	3:000
1812-1813	folhas 213	Idem p ^a pagar ao preto do Tambor q ^o tocou nas Festas	1\$800
1813-1814	folhas 222	Ao Tambor p ^a tocar no bando	“150
1815-1816	folhas 230 verso	Ao preto de tocar Caixa	- 600
1817-1818	folhas 243 verso	Idem ao preto Tambor para todas as funçoens da Irm ^{de} do prez ^e Anno	1\$200
1818-1819	folhas 249	Pagou a Anna Guedes do Tocador da Caixa nas festas a quant ^a de mil, e quinhentos r ^s e assigna Anna Guedes / O P ^e M ^{cl} da Costa Ferr ^a	1\$500
	folhas 249 verso	Tocador da Caixa de bando, e Mastro	\$375

O pífono foi escassamente mencionado nos códices, neste período. As despesas em maior número com trombetas fazem supor certa preferência por estes instrumentos. Percebe-se aqui claramente como os(as) senhores(as) de escravos recebiam pelos serviços destes. Figuram, entre estes senhores, músicos de importância, como Marcos Coelho Neto (filho) e Caetano Rodrigues da Silva. Há também indicações das situações em que as caixas eram empregadas: bando, mastro, “em todas as Festividades” e “todas as funções da Irmandade”, levando-nos a acreditar que a atuação delas não se restringia à festa, mas também a outros momentos, como a eleição da mesa administrativa da irmandade.

4.1.2 Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria

Esta Irmandade, pertencente à Freguesia de Antônio Dias, também em Vila Rica, foi inicialmente de brancos e negros juntos, erguida na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, fundada por volta de 1717 ou 1719.⁶⁵ No entanto, devido a conflitos, ocorreu a separação dos dois segmentos, levando cada qual a organizar-se em capela própria. Um dos grupos ergueu a Igreja de Santa Efigênia como sede da Irmandade. É a esta igreja que se liga a famosa figura de Chico Rei.⁶⁶

Dos levantamentos de Curt Lange sobre esta irmandade, consta a análise apenas do *Livro de Ingressos e Gastos*, cujas entradas abrangem o período de 1726 a 1785. Neste códice há profusão de referências à atuação de chameleiros (ou choromeleiros), boazeiros, trombeteiros, tambores (caixas de guerra), durante todo o período, além de bucineiros e gaiteiros. Uma entrada, apenas, indica despesa com flauteiros, assim mesmo, ao lado de outros instrumentos:

⁶⁵ LANGE, 1981, p. 150.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 150.

Tabela 2 – Referências a pífanos e caixas

*Livro de Ingressos e Gastos [1726-1785]*⁶⁷

Ano	Folha	Despesa	Valor pago (em oitavas de ouro)
1758-1759	folhas 68 verso	Pello q' se deo aoz tronbet ^{os} dos 4 dias de festa	7 “
		Pello q' se deo aoz Voâzr ^{os} dos d ^{os} dias de festa	9 “
		Pello q' se deo aoz flautr ^{os} dos d ^{os} dias de festa	5 “
		Pello q' se deo ao tam bor	4 “



1



2

FIGURA 11 – 1. *Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros*. Mauritz Rugendas. Década de 1840.

2. Detalhe mostrando instrumentistas: Caixa, pífano, gaita e marimba.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 171-189

A predileção pela combinação de vários instrumentos de sopro e a efetiva contratação dos mesmos reflete uma grande oferta destes tocadores em Vila Rica. Na gravura de Rugendas, *Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros*, observa-se uma possibilidade de combinação instrumental. Embora não haja referência quanto ao local da cena, supomos que seja Vila Rica, aparentado-se a igreja ao fundo com a igreja de Santa Efigênia.

Nos códices analisados das duas Irmandades do Rosário de Vila Rica não há grupos de tocadores de pífanos e caixas nos moldes que encontramos na região do Serro ou Minas Novas. Têm-se a impressão de que havia sim tocadores destes instrumentos, mas, por outro lado, havia também grande disponibilidade de instrumentistas de outros sopros, como charameças, trombetas e trompas, mais preferidos do que os pífanos, sobretudo na Rosário do Padre Faria, que dispunha de muito maiores recursos que suas congêneres da época.

4.2 Diamantina

Diamantina, antigo Arraial do Tejuco, fundado em princípios do século XVIII, foi posteriormente sede da Intendência dos Diamantes e um dos mais importantes centros mineradores da Capitania no período colonial. Existem também, neste local, registros da atuação de pífanos no contexto das festas de reinado. Já há muitos anos que o instrumento deixou de ali existir, porém em data ignorada. As referências levantadas na documentação transcrita por Curt Lange⁶⁸ e no relato dos viajantes Spix e Martius⁶⁹ revelam a presença do instrumento pelo menos entre os anos 1791 e 1834.

⁶⁸ LANGE, 1983, p. 377-413.

⁶⁹ SPIX; MARTIUS, 1981, p. 47-48.

Sobre a fundação da Irmandade não sabemos a data precisa, mas já estaria em atividade em 1743.⁷⁰ A construção da capela do Rosário teria sido iniciada entre 1765 e 1766 e abençoada em 1772-1773, prolongando-se por vários anos ainda seus melhoramentos.⁷¹

Reproduziremos, a seguir, as transcrições feitas por Curt Lange de dois códices da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do [então] Arraial do Tejuco referentes à atuação de pífanos e caixas. Incluiremos também as referências feitas a trombeteiros, a título de comparação, pelo fato destes atuarem em contextos similares, como em procissões, mastro, etc.

Tabela 3 – Referências a pífanos e caixas

<i>Livro de Receita e Despesa (1750-1786)</i> ⁷²			
Ano	Folha	Despesa	Valor pago (em oitavas de ouro)
1751	fls. 4	ouro p ^a as trombettaz	2 ½ 4
		ouro p ^a as trombetas	2 ½ “
1752-1753	fls. 7	Ouro para os trombetas no dia da festa	1 “ “
1752 (junho)	fls. 12v	P “ ouro que se pagará aos trombetas p ^a a festa	1 “ “
	fls. 13	P “ ouro p ^a trombetas para a mesma (festa)	2 ½ “
1772-1773	fls. 99v	<i>Despesa q’ se ficou devendo da festa do ano pasado</i> D ^o q’ se deu a João trombeteiro do d ^o anno	1 “ “
1781-1782	fls. 114v	P “ ouro que pagou aos trombeteiros, que tocarão no alevantamento do mastro	“ ½ “

<i>Livro de Despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Arraial do Tejuco (1786-1845)</i> ⁷³			
Ano	Folha	Despesa	Valor pago (em oitavas de ouro e réis)
1791-1792	fls. 27	Comestivo p ^a c ^{to} (?) pessoas que tocarão as caixas e pífanos no dia do bando p ^a a festa do d ^o anno de 1791	“ ½ “
1803-1804	fls. 66v	A Aleixo Caetano Pr ^a de tocar a Caixa para o Bando, e Mastro	1 “ “
1809-1810	fls. 82v	P “ Concerto da Caixa de guerra	“ ¼ 2
1811-1812	fls. 92v	P “ q’ se pagou ao Aleixo (tocador de caixa)	1\$200
1821-1822	fls. [1]24v	D ^o a Muzica p ^a o Bando	5 “ “
		D ^o ao Tocador de Caixa (quando do levantamento do mastro)	“ ¼ “
1822-1823	fls. 126v	D ^o ao Joaquim da Mota p ^a húa Caixa de Guerra p ^a as funções da Irmd ^c	3 “ “

⁷⁰ BOSCHI, 1986, p. 221.

⁷¹ LANGE, *op. cit.*, p. 379.

⁷² *Ibidem*, p. 391-398.

⁷³ *Ibidem*, p. 399-413.

1824-1825	fls. 133v	D ^o a Joaquim Marcelino de Fig ^{do} p ^r seis Couros de cabra p ^a as Caixas de Irmd ^c	2 “ 2
		D ^o p ^r Hum d^o de Viado para as d ^{as}	“ ¼ “
		D ^o p ^r Húa e meja Duzia de Alças para as d ^{as}	“ ¾ 3
		D ^o p ^r seis Vaquetas para digo de Pau para as d ^{as}	“ ¼ 2
		D ^o p ^r Duas Libras e tres Onças de Corda as d ^{as}	1 ¼ 4
		D ^o de Pregos piquenos p ^r as d ^{as}	“ “ 2
		D ^o a Placido Pires Sardinha p ^r Concerto em Quatro Pifanos da Irmd ^c	2 ¼ 5
1826-1827	fls. 39	D ^o p ^r Coatro Pifanos comprados a Thomas Bern ^{db} p ^a os toques da Irmd ^c	3\$000
		D ^o p ^r Dous Couros de Viado e Cordas p ^a a(s) Caixas de Guerra da Irmd ^c	2\$277 ½
1827-1828	fls. 141v	D ^o p ^r Concerto na d ^{as}	1\$125
		D ^o p ^r Dous Pifanos ao Crioulo de Francisco Antonio	1\$275
		D ^o p ^r Azeite doce p ^a os d ^{os}	\$160
		D ^o huma octava retror e hum Coro p ^a as Caixas a João Frz ⁷	3\$200
1829-1830	fls. 148v	P ^a Cordas p ^a as alças das Caixas a João Frz ⁷	\$480
1830-1831	fls. 150	D ^o ao Paulo Congo de por Arro em húa Caxa de tocar	\$960
1833-1834	fls. 154	D ^o para os tocadores de Caixas e Pifanos	1\$280
		D ^a da Licença da festa Reinado e Danças	2\$000
1834-1835	fls. 155	D ^o ao Hinqes (Henriques?) de consertar as caixas	1\$600
1837-1838	fls. 159	D ^o p ^r 14 ¾ V ^{as} de Cordas p ^a as Caixas	1\$180
		D ^o p ^r Duas Vaquetas p ^a as Caixas	\$320
1838-1839	fls. 160v	D ^o p ^r 5 V ^{as} de Corda p ^a húa Caxa	\$400
1842-1843	fls. 181	D ^o p ^a Licença p ^a tocar Caixas os 3 dias de festa	3\$000
		P ^a Dois dias de tocar Caixas na Festa de 1843	2\$000
	fls. 181v	p ^a a Camara de tocar Caixas dia da Posse Em 42	1\$000
		a Henrique Saraca de incorar húa Caixa	1\$200
	fls. 182	P ^r Ceis e meia V ^{as} de Corda p ^a huma das Caixas de Guerra	\$400
		P ^r mais sete e ½ V ^{as} de d ^a p ^a outra Caixa	\$450
1844-1845 6 junho	fls. 185v	Pagos a 2 tocadores de caixa p ^a acompanhar o reinado da festa a 2\$000 cada 1	4\$000

O próprio Lange fornece uma primeira análise destes dados, falando do “Instrumental empregado nos toques e procissões”:

Fala-se, em poucas ocasiões, destes objetos sonoros, e dos seus concertos ou da aquisição de instrumentos novos. As trombetas, **caixas de guerra** e a marimba foram empregadas tradicionalmente nas procissões. Os **pifanos** para os “toques da Imandade” foram reparados em 1823 por Plácido Pires Sardinha e outros 4 adquiridos de Thomas Bernardo, em 1824-26. Para a conservação dos **pifanos** usava-se “azeite doce”. Tratava-se no caso dos tambores de “**caixas de Guerra**”, freqüentemente sujeitos à troca de couros

de cabra e de cordas para as alças; tais acessórios foram comprados de Joaquim Marcelino de Figueiredo e João Fernandes (1824-30).⁷⁴

Pífanos são aqui, ao todo, mencionados sete vezes, incluindo-se as últimas despesas dos anos 1824-25 e 1827-28, em que há referência direta ao instrumento, embora não o nomeando. Existe uma concentração de despesas na aquisição, reforma, conservação de pífanos, em um espaço de 4 anos, de 1824 a 1828. É interessante a presença da despesa com azeite doce. Note-se aí, a semelhança com o que diz Robson Ferreira, da Caixa de Assovio, do Serro, e com o que vimos, em Minas Novas, em relação à lubrificação do instrumento.⁷⁵ A despesa com “canudos novos” (1824-25) é intrigante, poderia se referir a partes do instrumento, estojos, tubos para fabricação de novos instrumentos ou ainda outra finalidade. A primeira despesa da relação do segundo livro, do ano de 1791, aponta a presença de quatro tocadores, que sabemos ser a formação habitual destes grupos. Tratando-se de uma despesa isolada, ainda mais com “comestivo”, poderíamos conjecturar que os tocadores talvez tenham vindo de outro arraial. Refere-se também, o mesmo documento, à finalidade para a qual os tocadores foram pagos, no caso, “para tocar no dia do bando”, despesa que volta a se repetir em outras duas ocasiões. Imaginamos que este bando se refira ao anúncio da festividade, onde pífanos e caixas circulariam pelas ruas da cidade com este fim. Por último ainda mencionem-se despesas de cunho burocrático, já mencionadas por Lange: “D^a da Licença da festa Reinado e Danças” [1833]: 2\$000; “P^a Dois dias de tocar Caixas na Festa de 1843”: 2\$000; “p^a a Camara de tocar Caixas dia da Posse Em 42”: 1\$000.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 385-386.

⁷⁵ No Serro, Robson Ferreira (Rubinho), da Caixa de Assovio, diz molhar a flauta com água ou cachaça porque ela “afina muito, e se ela afinar muito atrapalha o Seu Jadir.” Diz o tocador que assim o faz para dar “um som mais agudo. [...] Com cachaça é melhor ainda. Ela permanece mais úmida.” (entrevista em 1º/7/2006). Em Minas Novas, em 2001, observamos José Leme Gomes (Zezão), então tocador de pífano da Guarda de Honra por duas vezes, durante os cortejos, entornando água dentro do pífano e sacudindo-o em seguida. No Serro, as atuais flautas são de bambu, ao passo que em Minas Novas são de metal.

No primeiro semestre de 1818, os viajantes naturalistas Spix e Martius encontravam-se no Tejuco. Naquele ano, em fevereiro, Dom João VI foi coroado Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Tal acontecimento ensejou comemorações em todo o Brasil. No arraial, as festividades organizadas duraram vários dias, com espetáculo de teatro, cortejos, danças portuguesas, das índias orientais, dos negros, arlequins e cavalcadas. Também os negros tomaram parte nestas comemorações, à sua maneira. Segue o relato:

Também os negros esforçaram-se por festejar, a seu modo, essa extraordinária solenidade patriótica; a escolha de um rei dos negros ofereceu-lhes para isso a melhor oportunidade. [...] Pela votação geral, foram nomeados o rei *Congo* e a rainha *Xinga*, diversos príncipes e princesas, com seis *mafucas* (camareiros e camareiras), e dirigiram-se em procissão solene, à igreja dos pretos. Negros, levando o estandarte, abriam o préstito; seguiam-se outros levando as imagens do Salvador, de São Francisco, da Mãe de Deus, todas pintadas de preto; vinha depois a banda de música, cujos componentes, com capinhas vermelhas e roxas, todas rotas, enfeitadas com grandes penas de avestruz, anunciando o regozijo, ao som de pandeiros e chocalhos, do ruidoso *carzá* e da chorosa *marimba*; seguia um negro de máscara preta, como mordomo, de sabre em punho; depois, os príncipes e princesas, cujas caudas eram levadas por pajens de ambos os sexos; o rei e a rainha do ano antecedente, ainda com cetro e coroa; e, finalmente, o casal real, recém-escolhido, enfeitado com diamantes, pérolas, moedas e preciosidades de toda espécie, que haviam pedido emprestadas para essa festa; o fim do séquito era composto de gente preta, levando cirios acesos ou bastões forrados de papel prateado. Chegando à igreja da Mãe de Deus preta que pertence aos negros, o rei deposto entregou o cetro e a coroa ao seu sucessor, e este fez então uma visita de gala, na sua nova dignidade, ao intendente do Distrito Diamantino, com toda a sua corte. [...] O mesmo espetáculo repetiu-se no outro dia, mas com umas variantes. O novo rei dos negros recebeu oficialmente a visita de um enviado estrangeiro à corte do *Congo* (a denominada *congada*). A família real e a corte, em trajes de gala, dirigiram-se com pompa à praça do mercado; o rei e a rainha sentaram-se em cadeiras, à sua direita e esquerda, acomodaram-se, em bancos baixos, os ministros, camareiros e camareiras e os mais dignitários do reino. Diante deles, estavam colocados, em dupla fila, os músicos da banda, com sapatos amarelos, e vermelhos, meias pretas e brancas, calças vermelhas e amarelas com capinhas de seda furadas, e faziam uma algazarra infernal com **tambores, pífaros**, pandeiros, chocalhos e com a chorosa *marimba* [...] Concluiu-se, afinal, a festança com o brado do rei dos pretos, que o seu povo todo reunido repetiu: - “*Viva El-Rei D. João VI!*”⁷⁶

Os instrumentos relacionados na descrição feita por Spix e Martius assemelham-se à composição instrumental dos grupos chamados *catopês*, que ainda atuam no Serro e no distrito de Milho Verde. Os pandeiros, atualmente, são mais associados com as

⁷⁶ SPIX; MARITUS, 1981, p. 47-48

marujadas, mas poderiam ter integrado, no passado, um mesmo grupo, junto aos outros instrumentos. A marimba, até onde se sabe, desapareceu por completo da região. Um dos instrumentos típicos dos catopês, o canzá (reco-reco) também está presente aí. Chocalhos corresponderiam talvez aos atuais xique-xiques, usados pelo catopê do Serro. Quanto ao pífano, aqui vem grafado pífaro, mas trata-se de tradução. Não sabemos qual foi o termo usado no texto original, em alemão.

Reproduzimos abaixo, algumas das aquarelas de Carlos Julião (c. 1776), com o título *Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos uzos do RJ e Serro do Frio*.⁷⁷



1



2

⁷⁷ JULIÃO, Carlos. *Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (ed.). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1960.



3



4

FIGURA 12 - *Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*

1. Lâmina XXXVIII – *Rei e Rainha negros da festa de Reis*.
Aquarela colorida. Neste caso, vêm-se trombetas (na posição de vanguarda).
2. Lâmina XXXIX – *Coroação de um rei nos festejos de Reis*.
Aquarela colorida. Aqui, já não há a presença de sopros. Constam o tamboril, reco-reco, pandeiro e marimba.
3. Lâmina XXXVI – *Cortejo da Rainha Negra na festa de Reis*.
Aquarela colorida. Vêm-se os instrumentos: pífanos (ou flautas), trompa, caixa, tamboril, reco-reco (canzá), viola, pandeiro e marimba. Note-se o papel dos sopros abrindo o séqüito na vanguarda.
4. Lâmina XXXVI – Detalhe.

4.3 Minas Novas

Em Minas Novas, no Vale do Rio Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, há um grupo, ainda em atividade, de tocadores de pífanos e caixas, chamado ali, Guarda de Honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Embora o estudo pomenorizado deste grupo não seja nosso foco neste trabalho, forneceremos sobre ele alguns dados para complementar o painel pretendido sobre pífanos no contexto das festas de reinado em Minas. As informações aqui apresentadas foram baseadas em entrevistas com integrantes da Guarda e com Isaías José do Rosário e Aurora Rodrigues de Matos Rocha,⁷⁸ além de registros em áudio-visual realizados pelo autor ou sob sua coordenação durante as festas do Rosário de 2001, 2005, 2006 e 2007. Estes registros, somados às entrevistas, perfazem cerca de vinte e seis horas gravadas.



FIGURA 13 - A Guarda de Honra em 2006, à frente da igreja do Rosário. (Fotografia: Juliana Pautilla)

⁷⁸ Cf. Referências de entrevistas, p. 163

4.3.1 Guarda de Honra e sua atuação na Festa do Rosário

A Guarda de Honra se distingue dos grupos do Serro e Conceição do Mato Dentro em alguns aspectos: em primeiro lugar, há apenas um pífano na formação. Outro aspecto de destaque é a presença de elementos extra-musicais, na composição do grupo, ao lado dos instrumentistas. São eles um *corta-vento* (portando uma espada), um *porta-bandeira* e um *pontão*. Tais figuras nos remetem à estrutura observada na iconografia renascentista que retrata milicianos alemães e suíços, apresentada no Capítulo 2.

A festa do Rosário de Minas Novas, também muito tradicional, mantém rituais que caíram em desuso em outros locais. Por exemplo, faz-se ali, até hoje, o transporte em cortejo do cofre da Irmandade até a igreja do Rosário, onde é feita sua abertura e pagamento dos anuais pelos irmãos da Irmandade ao som do caixeiro, que repica o instrumento a cada lance anunciado.



FIGURA 14 – Cortejo do cofre e anuais. O pontão mantém posição de guarda. Ao lado, o caixeiro Edivaldo Rodrigues toca para os anuais. (Fotografias do autor, 2005)

Outra prática interessante, ali observada, é o *jogo do pontão*, referido também em outras cidades próximas. O pontão, uma lança comprida, está também presente em algumas festas do Rosário do Nordeste, marcadamente no sertão da Paraíba e do Rio

Grande do Norte.⁷⁹ Esta similaridade sugeriria uma zona de influência contrastante com os grupo do Serro e Conceição. Tal jogo do pontão caracteriza-se pelo equilíbrio com que o jogador deve sustentar a lança durante alguns segundos, em posição vertical, sem que ela caia. Relatos dos tocadores locais fazem referência a um verdadeiro acrobata que chegava a sustentar a lança no queixo.⁸⁰ Em seguida ao jogo do pontão, realiza-se a reverência e o giro da bandeira diante dos reis postados à frente de sua residência. Ao longo do reinado, assim como no cortejo do cofre, o pontão e o porta-bandeira assumem uma postura de guarda.



FIGURA 15 - O *jogo do pontão* e o giro com a bandeira. (Fotografias: Juliana Pautilla, 2006)

Um dos pontos fortes da Guarda de Honra são os caixeiros e seus variados toques. Há toques distintos para (1) buscar água, no rio Fanado, dias antes da festa, para a lavagem da igreja. Chamado *ribeirão tá cheio*, o mesmo toque também é utilizado no ritual da *buscada da santa* no rio; (2) o *meio-dia*, semelhante ao toque da *reverência da bandeira* e do *mastro*; (3) o cortejo da bandeira, antes do mastro; (4) acompanhar o

⁷⁹ Roberto Benjamin (1974), em seu livro, *Festa do Rosário de Pombal*, descreve um grupo de 22 ‘pontões’ que participa daquela festa, acompanhados da formação local de pífanos e caixas, que ainda conta com pratos, adufe e fole. Diz o autor, “é inegável o caráter militar do grupo. O seu chefe é chamado ‘capitão dos pontões’ e constitui a guarda do rei da Imandade durante as procissões”. p. 97-98.

⁸⁰ Entrevista com a Guarda de Honra, em 13/10/2007.

reinado, chamado *feijão p'a planta*; (5) acompanhar o cortejo do cofre, da casa do tesoureiro até a igreja, chamado *pé redondo*.⁸¹

Uma ruptura profunda ocorreu no tocante ao pífano, ao longo de duas sucessões no posto de tocador, a primeira há cerca de 30 anos, a segunda, por volta de sete anos atrás. Progressivamente, perdeu-se a referência dos antigos toques. Conseguimos, no entanto, em entrevista com um morador da cidade, Isaías José do Rosário,⁸² de 85 anos de idade, músico flautista, registrar três das antigas melodias lembradas por ele, que adaptamos à rítmica dos toques produzindo uma hipótese, em partitura, de como soariam.



FIGURA 16 – Guarda de Honra em dois momentos. À esquerda, em 1973, com o antigo tocador de pífano, Mundinho. Além dele, João Camargo, caixeiro, João de Deus, na bandeira, e Chico Loro, no pontão. Acervo: Maria Geralda Fernandes (Lalada). (Fotografia: autor desconhecido). À direita, em 2001, com João Camargo, caixa, José Leme Gomes (Zezão), pífano, e Luis Lopes, caixa. (Fotografia do autor)



Figura 17 – A Guarda de Honra em 2007. À direita, Edivaldo Rodrigues, caixa, João Paulo, pífano, Geraldo Souza (Baim), José Ferreira, caixa. À esquerda, João Costa, port-a-bandeira, Adelmo Costa, corta-vento, José João Cordeiro, pontão. (Fotografias do autor)

⁸¹ *Ibidem.*

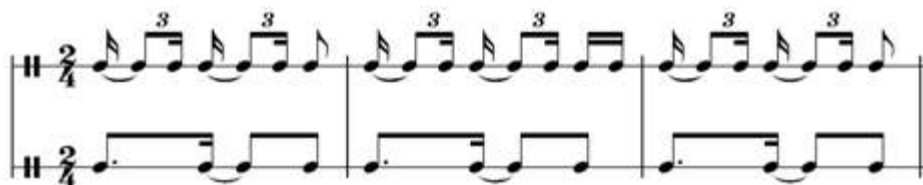
⁸² Isaías José do Rosário, em entrevista de 8/6/2006.

4.3.2 Partituras

4.3.2.1 Toques de caixa

PARTIRURA 1 – Toque de caixa. Buscada da santa. *Ribeirão tá cheio.*

(A segunda linha é apenas um esquema para facilitação da leitura, com os pontos de apoio do toque)



PARTIRURA 2 – Toque de caixa. Procissão da bandeira.



PARTIRURA 3 – Toque de caixa. Reinado. *Feijão p'a planta.*



PARTIRURA 4 – Toque de caixa. Cortejo do cofre. *Pé redondo.*



PARTIRURA 5 – Toque de caixa. Reverência e giro da bandeira / meio-dia / mastro.



4.3.2.2 Toques do pífano antigo (Mundinho), solfê jados por Isaías José do Rosário

PARTIRURA 6 – Melodia antiga. Procissão da bandeira

PARTIRURA 7 – Melodia antiga. Reinado

PARTIRURA 8 – Melodia antiga. Cortejo do cofre

4.4 Região de Minas Novas

Na região ao redor de Minas Novas também localizamos o pontão e o porta-bandeira vinculados à festa do Rosário. Em Francisco Badaró, consultamos um código de despesas da Irmandade de N. Sra. do Rosário, aberto em 1853, onde, embora não houvesse referência a pífanos, localizou-se muitas menções das figuras do caixeiro, porta-bandeira e *expontão*. Esta última figura nomeou-se ali de diversas formas: *maneador da lança* (1852-1859), *carregador da lança* (1865), *expontão*, (1860), *jogador do pontão* (1920).⁸³

A espada, o pontão e a bandeira também são tradicionais em Araçuaí. Francisco van der Poel, OFM (Frei Chico) nos oferece um interessante relato, citando alguns de seus informantes, sobre a presença destes elementos na festa do Rosário da cidade:

A espada, o pontão (uma lança comprida) e a bandeira são apresentadas ao rei e à rainha pelos respectivos alferes, quando saem ou chegam à porta das suas residências e na porta da igreja do Rosário. O capitão é o alferes da espada. Enquanto as **caixas** tocam, os alferes em uniforme militar branco fazem um por um a apresentação. Segundo Nagô (1975) isto significa o seguinte: “o pontão fura, a espada corta e a bandeira cura e limpa o sangue. Fazem para saudar o rei e a rainha”. Ermindo (1980) não sabe o significado do pontão. Mas a espada é para rebater as guerras e inimigos, e a bandeira para limpar o sangue”. Luís (1976) acrescenta: “Aquelas manobras é coisa da antiguidade”. Ele acha que estas coisas devem ser muito bem ensaiadas, sem trocar os alferes por qualquer motivo. Segundo Felício (1975) “isto vem do princípio. A bandeira é de ser branca, e ela tem uma coroa”. Depois da sua saudação individual os três alferes ainda cruzam espada, pontão e bandeira e juntos se aproximando do rei e da rainha fazem uma vênia.⁸⁴

Ainda acrescenta uma interessante citação de um autor português sobre usos similares em Portugal:

“Na ‘festa de Santo Antônio’, ou ‘festa dos moços’, na Atalaia (Pinhel), fazia-se pantomima de tipo militar, afinal adaptação do modelo das ‘mouriscas’. Três mordomos, - o ‘capitão’, com a espada como chefe e

⁸³ Livro nº 2, de Despesas da Irmandade de N. Sra. do Rosário da Capela de N. Sra. da Conceição de Sucuriú (atual Francisco Badaró). Aberto em 1853, 60 folhas.

⁸⁴ POEL, 1981, p. 263-264

comandante, o ‘alferes’, com a bandeira do grupo ou mordomia, e o ‘sargento’, com a alabarda, - tinham consigo dez ou doze rapazes fortes, vestidos de uniforme militar. Na procissão iam atrás do pátio duas raparigas, cada uma com seu pão de trigo, de alqueire, que durante a missa eram bentos. Os rapazes prestavam honra ao santo. A procissão recolhia; o andor, quando chegava à porta do templo, voltava a imagem para a rua. Então, um a um, os três mordomos avançavam e abatiam perante o andor as suas insígnias militares: a espada, a bandeira, a alabarda. Rufava o tambor. E o grupo dava salva de honra”.⁸⁵

Sobre as caixas no reinado, o mesmo Frei Chico fornece as seguintes informações, citando o informante Luís de Méia:

As **duas caixas**, uma maior, outra menor, é só para o reinado o mastro e na festa acompanhando o rei e a rainha. Toca quando joga o “pontão”. Só na hora de levantar a bandeira tocam todos juntos. Eles tá dançando tambor, e **caixa** tá batendo, e sino e foguete...! Os **dois caixeiros** tocam também nas novenas antes e depois. De formas que apanha as **caixas** na casa do capitão, vai, acerta a novena e depois volta tocando até a casa do capitão outra vez. Todas as noites da novena. Os nove dias.⁸⁶

E sobre o pífano, que parece ter ali existido no passado, traz também alguma notícia, na voz de outro informante, Ermindo Félix Ferreira:

A **caixa** que toca na novena é chamada: **Caixa** de anunciação! E se lembra que “aqui tinha um homem que se chamava Ferreirão. Ele veio praqui de muda e quando era no dia da festa tocava **flauta e caixa**. A **caixa** tocava assim: Tum, tum, tum. E tocava a **flauta**: Tararará. Depois o Ferreirão foi embora daqui”.⁸⁷

4.5 Região do Serro

Localizamos outros dois grupos na região do Serro. O primeiro, era de tocadores da comunidade do Baú, próxima ao Distrito de Milho Verde, onde participavam da festa do Rosário local. De acordo com Dona Albertina, de 84 anos, “os **pifeiros** era daqui do

⁸⁵ *Ibidem*, p. 264. As fontes desta citação, de acordo com Poel, são as seguintes: C. A. Monteiro do Amaral, na Revista Lusitana, XII, p. 290-292. Citado por sua vez no livro: *Foldore Religioso*, de Luis Chaves. p. 152. Porto, (Port.), 1944.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 258.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 258.

Baú, mas eles morreu e acabou. Os **pifeiros** tinha um instrumento, ainda lembro de Zé Procópio, Manué Cambâmbi tocando...”⁸⁸

Um segundo grupo foi localizado em um documento relativo à Festa do Rosário do Serro, de 1979, no qual, aparecem tocando, junto à Caixa de Assovio, outros tocadores, com seus dois pífanos e caixas.⁸⁹ Provavelmente foram como convidados e podem ser vistos em várias cenas, inclusive em primeiro plano. Não conseguimos nenhuma informação sobre a procedência deste grupo.

Acreditamos, com base na existência, na região do Serro, de pelo menos mais três grupos – a Caixa de Assovio e os grupos que existiram no Baú e em Diamantina –, que outros possam ter existido nas muitas localidades próximas, fundadas no período colonial, que contam inclusive com capelas do Rosário.

⁸⁸ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E COMUNITÁRIA DO CATOPÊ E DA MARUJADA DE MILHO VERDE E ADJACÊNCIAS. *Os Cantos Sagrados de Milho Verde*. Projeto: Tradição dos cantos sagrados de Milho Verde. Serro, 2007. p.13

⁸⁹ VS-1979.

CAPÍTULO 5 – PIPIRUÍ

FIGURA 18 – Festa do Rosário de 1980, Conceição do Mato Dentro. Pípiruí em destaque.
Acervo: José Correa (Fotografia: autor desconhecido)

5.1 Apresentação

O grupo de tocadores de pífanos e caixas de Conceição do Mato Dentro chama-se Pipiruí. O nome parece ser onomatopéico, uma imitação do som emitido pela flauta. Há uma parlenda da tradição oral da cidade que fala: “Pipiruí, pipiruí, pezinho no chão, dedinho no ar”.⁹⁰ Moradores antigos da cidade cantavam: “Pi-piruí-piruí, pi-piruí-piruí”.

Neste capítulo, descreveremos aspectos de repertório, instrumentação e, particularmente, tentaremos reconstituir a história do grupo desde 1880, ano limite das referências localizadas sobre o Pipiruí. A partir desta data, há uma continuidade na atuação do grupo que é quebrada em 1959, quando desarticula-se completamente. Alguns anos depois, em 1967, ocorre um novo reagrupamento, com plantel de tocadores inteiramente renovado e o caráter do grupo, em alguns pontos, modificado. O novo Pipiruí atuou durante os 22 anos seguintes até nova interrupção, em 1991. Em 2007 ressurgiu novamente.

5.2 Fontes

5.2.1 Documentos da Irmandade de N. Sra. do Rosário

O Pipiruí conta com farta documentação preservada, podendo-se ter, a partir dela, boa visão da atuação do grupo, desde 1880, quando localizamos as primeiras referências a *toques* de pífano. No Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Conceição do Mato Dentro, consultamos 13 códices ali custodiados, além de papéis avulsos, da Irmandade de Nossa do Rosário, hoje extinta.

⁹⁰ COSTA, 1975, p. 149.

Os dois códices mais antigos, o primeiro, de eleições e certidões de missas, e o segundo, de entrada de irmãos, cobrem, respectivamente os períodos 1788-1900 e 1802-1898. Pelo assunto que abordam, infelizmente, não trazem referências à atuação de tocadores. No entanto, numa série de códices, numerados no arquivo de 1 a 12, que cobrem, no conjunto, o período de 1880 a 1964, encontramos 56 referências a tocadores. Desta série, o códice de nº 7 está desaparecido e tampouco conhecemos o assunto de que trata, talvez, um Livro de “Registros de Auctorizações de serviços e contractos”, mencionado numa ata que traz a relação de dez livros, com respectivos fins, feita por ocasião da reestruturação da Irmandade, em 1915. A numeração de 1 a 12, tal qual se apresenta hoje, foi feita posteriormente pela própria irmandade ou quando da organização do arquivo, em data ignorada. Há ainda uma pasta, numerada 8-b, de documentos avulsos da irmandade, do período 1931-1943, onde foram localizadas outras oito referências. Transcrevemos, na íntegra, as 64 referências encontradas, no anexo 1. Finalmente, há também referência no catálogo do arquivo a uma pasta cujo assunto é a Festa do Rosário, que encontra-se também desaparecida.

Veja-se na tabela 1 a relação completa dos códices, com dados sobre os mesmos. No anexo 2, fornecemos um quadro com a síntese de todas as referências sobre pífanos e caixas encontradas. No anexo 1, reproduzimos estas referências na íntegra.

5.2.2 Literatura memorialista e historiográfica sobre Conceição do Mato Dentro

Dois livros sobre a cidade com dados de interesse sobre o Pípiruí e a festa do Rosário são referências importantes para este trabalho. A primeira é o livro *História de Conceição do Mato Dentro*, do historiador Geraldo Dutra de Moraes, publicado em 1942. No cap. III, há uma seção sobre as irmandades da cidade que faz referências ao

Compromisso da Irmandade do Rosário, hoje desaparecido, e sobre a festa do Rosário. O segundo livro, *Conceição do Mato Dentro: Fonte da Saudade*, de 1975, é do autor Joaquim Ribeiro Costa. É uma obra de cunho memorialista, com alguns detalhes de interesse sobre a festa do Rosário e a atuação do P ipiruí, inclusive fornecendo partituras de seus toques.

5.2.3 Depoimentos

Uma das fontes mais ricas, sem dúvida, foram os depoimentos colhidos junto aos próprios tocadores. Entrevistamos, da atual formação do grupo, José Correa (Zezito) e Cândido Ferreira (Dico), além de José Marçal dos Santos (Teia do), ex-regente de uma das bandas da cidade e que teve participação na antiga formação do grupo, em pelo menos uma oportunidade. José Correa contribuiu também com os solfejos das melodias executadas pelo grupo, das quais fornecemos transcrições em partitura.

Também entrevistamos Lourdes Marçal, de 89 anos, filha de José Marçal Filho (Juca Marçal), da antiga formação do P ipiruí.

5.2.4 Audiovisual

Os dois tocadores da formação atual, José Correa e Cândido Ferreira, também cederam rico material áudio-visual, que abrange o período 1968-1983. São cerca de 20 fotografias, duas fitas k7 e um pequeno filme em super8, de 1977, sem áudio. Da formação anterior a 1959, nenhuma fotografia foi localizada, a não ser fotos de família de José Marçal Filho.

Tabela 4 - Códices e documentos da Irmandade de N. Sra. do Rosário no Arquivo Eclesiástico de Conceição do Mato Dentro

Código	Período	Nº de folhas (total)	Nº de folhas (manuscritas)	Catálogo no AEP/CM/MD**	Abreviaturas	Observações
Eleições e certidões de missas	1788-1900	194	98	[?]	LEC	O Códice foi aberto em 1805 e relaciona as eleições retroativamente a 1788. A segunda parte do códice, de certidões de missas começa na fl. 140.
Termos de entrada de irmãos	1802-1898	109	69	Códice 27, cx. 9	LTEM	
Atas e bens	1895-1916	138	16	Miscelânea, seção 71, Livro nº 1	LAIB	O códice foi usado para atas das fl. 1-13 (1895-1909) e reaberto para inventário dos bens da irmandade, das fl. 13v-16v (1916)
Portarias*	1916-1943	s/n	40	Miscelânea, seção 71, Livro nº 2	LP	Códice sem numeração de folhas. Originalmente numerado com nº 8
Atas de reuniões*	1911-1922	50	50	Miscelânea, seção 71, Livro nº 3	LAR	
Despesas*	1879-1898	42	42	Miscelânea, seção 71, Livro nº 4	LD	
Irmãos do Rosário	1894-1934	98	43	Miscelânea, seção 71, Livro nº 5	LIR	Originalmente aberto para receitas com nº 2, das fl. 1-15v (1894-1903) e reaberto para entrada de irmãos, das fl. 16-43v (1916-1934)
Termos de posse	1916-1935	s/n	9	Miscelânea, seção 71, Livro nº 6	LTP	Folhas não numeradas e não rubricadas. A numeração do códice corresponde à original.
Empregados eleitos*	1911-1950	50	50	Miscelânea, seção 71, Livro nº 8	LEE	Originalmente aberto para receitas e despesas (1911), porém sem que tenham sido feitos lançamentos o códice foi reaberto para registro dos empregados eleitos (1916-1950)
Carga*	1911-1945	50	48	Miscelânea, seção 71, Livro nº 9	LC	
Inscrição dos irmãos do Rosário	1916-1949	?	18	Miscelânea, seção 71, Livro nº 10	LIIR	
Conta corrente de deve e haver	1902-1949	46	46	Miscelânea, seção 71, Livro nº 11	LCCDH	O códice, em sua capa, está numerado como nº 3. A numeração com nº 11 é posterior e está colocada em uma pasta que envolve o códice. Originalmente o aberto para lançamento de recibos de despesas (1902-1903), com apenas três folhas manuscritas e sem numeração. Em seguida reaberto e as folhas numeradas 1-43, com o novo fim, de Conta corrente de deve e haver (1916-1949).
Receita e despesa*	1951-1964	50	18	Miscelânea, seção 71, Livro nº 12	LRD	
Documentos avulsos*	1931-1943	cerca de 70 documentos	-	Irmandades, seção 8-b	DA	Pasta com portaria, recibos e autorização de pagamento avulsos

* Códices ou documentos em que constam referências a pifanos e caixas

** Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Conceição do Mato Dentro

5.3 O município de Conceição do Mato Dentro

5.3.1 Aspectos geográficos e históricos

Conceição do Mato Dentro localiza-se na bacia do Rio Doce, 180 km ao norte de Belo Horizonte. A população atual do município é de 18.070 habitantes e sua densidade demográfica, 10,81 hab/km².⁹¹

A história da cidade tem origem em 1702, quando uma bandeira vinda do arraial de Ivituruí (atual Serro), encontra ouro nas proximidades do rio Santo Antônio e ali funda o arraial de N. Sra. da Conceição.⁹² O arraial desenvolve-se rapidamente e perdura na condição de distrito do Serro até 1840, quando emancipa-se como Vila da Conceição.⁹³ Em 1851, é elevada a cidade com o nome Conceição do Serro.⁹⁴ Em 1923, volta a chamar-se somente Conceição e em 1943, Conceição do Mato Dentro.

A região de Conceição caiu em estagnação econômica no século XIX, com o esgotamento das lavras de ouro e reorganizou-se em torno da agricultura e pecuária. A demora na abertura das estradas de rodagem e, sobretudo, seu asfaltamento (só completado recentemente) ligando a cidade à Capital do Estado, acabaram mantendo Conceição relativamente à margem do desenvolvimento e industrialização ocorridos em outras partes do Estado.

Após a chegada do asfalto, vislumbra-se um cenário de crescimento econômico, aliado a sérios impactos sociais e ambientais provocados por empreendimentos de mineração, destinados à exportação para a China.

⁹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007. Sítio da internet: www.ibge.gov.br. Link: [cidades@](#).

⁹² MORAIS, 1942, p. 16.

⁹³ *Ibidem*, p. 181-182.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 186-187.

Conceição do Mato Dentro é ainda um importante local de peregrinação regional, por ocasião do Jubileu de Bom Jesus de Matozinhos, seu principal evento religioso, que é celebrado anualmente desde 1791, entre os dias 14 e 24 de junho.

5.3.2 A Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro

O primeiro Compromisso da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição, hoje desaparecido, data de 1723.⁹⁵ Geraldo Dutra de Moraes, em suas pesquisas sobre a história da cidade, ainda teve contato com o documento. Dele reservou algumas linhas na sua *História de Conceição do Mato Dentro*, que transcrevemos abaixo:

[...] No capítulo primeiro se diz que “... a confraria será composta de doze homens machos e doze mulheres fêmeas e toda pessoa preta, de ambos os sexos, forra ou cativa, de qualquer nação que seja, que quizer ser irmão desta pia ordem, deverá contribuir com uma oitava de ouro e fazer o assentamento com o escrivão”. Mais adiante, no capítulo sexto: - “... haverá um rei, uma rainha, príncipes e toda a corte, todos pretos de Guiné, Angola ou Moçambique, os quais serão eleitos todos os anos e serão obrigados a assistir com o seu estado as festividades de Nossa Senhora e mais santos, acompanhando no último dia a procissão atrás do pátio e assim o rei com a rainha, darão cada um de esmola quinze oitavas e os demais da referida corte e irmãos, darão cinco oitavas de ouro...”⁹⁶

É interessante notar a semelhança desta passagem com o trecho reproduzido por Curt Lange do Compromisso da Irmandade de N. Sra. do Rosário da Freguesia do Pilar de Vila Rica (atual Ouro Preto), que indica o quanto a estrutura destas congregações baseava-se em modelos anteriores:

[...] haverá nesta Irmandade um rei e uma rainha, ambos pretos de qualquer nação que sejam, os quais serão obrigados a assistir com seu estado às festividades de Nossa Senhora e mais Santos acompanhando no último dia a Procissão atrás do Pátio.⁹⁷

⁹⁵ *Ibidem*, p. 58.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 59.

⁹⁷ LANGE, 1979, p. 270.

Através da análise da documentação da Irmandade do Rosário de Conceição, percebemos uma história entrecortada por interrupções momentâneas, como se observa nos períodos entre 1891 e 1894; 1911 e 1915; 1931 e 1935. Por volta de 1964, a irmandade extingue-se definitivamente, por razões ainda ignoradas.

5.4 Análise da documentação

5.4.1 Período anterior a 1959

Os registros mais antigos revelando a atuação de tocadores de pífano em Conceição datam de 1880. O livro de despesas, aberto em fins de 1879, traz a seguinte entrada:

Recibi da Irmandade de Nossa Senr^a do Rozario, a quantia de (...) 40#000 [quarenta mil réis] de **toque de caxas e piphanos** sendo deste anno e do anno passado. (...) Conceição 3 de Janeiro de 1881. [Assina] Francisco Nunes de Souza⁹⁸

Constando o recibo já às primeiras páginas do referido códice e sendo o recibo retroativo ao ano anterior, infere-se que o grupo já existia há mais tempo. O termo usado – *toque de caxas e piphanos* – é o mesmo para os 20 anos subsequentes, com variações apenas na ortografia e no número: *caixa*, *caixas*, *cauxa*, *caxa*, *caxas*, *piphanos*, *pifanos*, *pifano*, estes – os pífanos – quase sempre referidos no plural a não ser em 1890, no último ano desta série.⁹⁹ Todas estas entradas revelam a expressão então em voga, em que a palavra ‘caixa(s)’ vem sempre antes de ‘pifano(s)’. As diferenças na nomenclatura refletem também o modo de exprimir dos diferentes indivíduos que redigem os recibos. Revela ainda um caráter impessoal na referência ao serviço, falando de toques e não de tocadores.

⁹⁸ LD, fl. 6v

⁹⁹ LD, fl. 12-12v; 17v-18; 24v; 25; 26v; 34v; 35; 35v; 36v.

Entre 1891 e fins de 1893, nenhum dos três códices que cobrem o período fazem menção de qualquer atividade no âmbito da irmandade, o que sugere uma paralisação da mesma neste ínterim. Quando a festa é retomada, em 1º de janeiro de 1894, também ocorre um câmbio no modo como são referidos os tocadores: *serviços prestados de pifanos e caixas* (1894),¹⁰⁰ *serviços prestados pifanos e caixas* (1895),¹⁰¹ *toques de caixa e pifanos* (1896),¹⁰² *tocadores de pifano e caixa* (1897),¹⁰³ *serviços dos pifanos* (1898),¹⁰⁴ *trabalhos de pifanos e caixas* (1902),¹⁰⁵ *toques de Caixa e pifanos* (1903).¹⁰⁶

Há, nesta fase, uma oscilação na nomenclatura. O termo das décadas anteriores ainda perdura (1896, 1903), enquanto um outro, que prevalecerá mais adiante, já é mencionado (1897), em que vemos a palavra ‘pifano’ antecedendo ‘caixa’ (tendência já desde 1894) e a novidade de se falar em ‘tocadores’ no lugar de ‘toques’ ou ‘serviços prestados’.

As referências a pifanos só aparecem novamente, na documentação, em 1915. Nenhum dos códices traz quaisquer dados de despesas entre 1904 e 1911.¹⁰⁷ A irmandade fica paralisada entre 1911 e 1915 e a festa é novamente retomada em 1917. Porém as despesas a ela referentes – assim como às da festa do ano seguinte – são lançadas em conjunto, sem detalhamento, sendo, provável, no entanto, que os tocadores estiveram presentes nelas. Em 1919, novamente, encontramos referência a *tocadores de caixas e pifanos*.¹⁰⁸

O primeiro documento em que aparece o nome Pipiruí é de 1921. Trata-se da “Acta da reunião da Meza da Irmandade, para os fins de organizar o programma da festa de N. S. do

¹⁰⁰ LD, fl. 39

¹⁰¹ LD, fl. 39

¹⁰² LD, fl. 40v

¹⁰³ LD, fl. 41v

¹⁰⁴ LD, fl. 41v-42

¹⁰⁵ LCCDH, s/n

¹⁰⁶ LCCDH, s/n

¹⁰⁷ O livro de nº 11, aberto em 1902, originalmente para receitas e despesas, é aquele aonde naturalmente se esperaria encontrar tais lançamentos, mas, por razões desconhecidas, interromp em-se em 1903, preenchidas duas folhas apenas e o livro é reaberto em 1916, já com outra finalidade.

¹⁰⁸ LP, portaria nº 85.

Rozario, a 1º de Janeiro p.[próximo] fut.[futuro], e annos subseqüentes”, ocorrida em 20 de Novembro de 1921, em que a mesa administrativa da irmandade resolve modificar alguns aspectos do programa da festa. Ao mesmo tempo em que abole a marujada e o catopê, a resolução mantém o Pipuruí. Lê-se, na ata :

[...] Em seguida a Meza – por proposta do Provedôr, de accôrdo com o Capellão, approvou o seguinte programma para as festas do Rozario, assim no anno próximo, como nos subseqüentes; ficando, entretanto, livre aos Reis que forem sorteados alterarem-no, para mais solemnidades (assim religiosas, como no que respeita ás festas profanas, quando dezejarem satisfazer as exigências do pòvo, em virtude das tradições).

A Meza da Irmandade de N. Snrª do Rozario, usando de suas attribuições, resolve:
[...]

Artigo 2º - Ficam abolidas a Marujada, o Catopê, e outras dansas que costumam ter logar; isto, porem, sòmente para os festeiros que quizerem acceitar estas disposições, pois que poderão alterar este programa, uma vez que não haja omissão do disposto no art. 1º.

Artigo 3º - Continua o uso dos toques chamados – ‘Pipuruí’, cujos executores serão pagos pela irmandade, bem como o conductor do Chapéo de Sol.¹⁰⁹

Em relação ao artigo 2º, não se sabe em que medida a nova resolução teve e feito sobre a atuação da marujada. Este grupo existe até hoje, sendo, no contexto atual, peça indispensável da festa.

Os dois outros documentos em que figura o nome Pipuruí são relativos ao pagamento dos tocadores do grupo na festa de 1º de janeiro de 1922. O texto da portaria nº 118, desta data, do Livro de Portarias,

refere-se ao pagamento de 32#000 ao S^{mr} José Marçal Filho, para si e m^s. [mais] 3 companheiros seus, que executaram o tradicional ‘**pi-pi-ru-í**’ no festejo do rozario hoje celebrado.¹¹⁰

O mesmo pagamento é referido à fl. 36 do Livro de Carga, na mesma data: “consta o pagamento “aos S^{nr}s q. tocaram o pipiruí (a 8# cada) - 32#000”.¹¹¹ Note-se que em cada um dos três registros, o termo Pipuruí é diferentemente articulado: toques chamados – ‘pipiruí’;

¹⁰⁹ LAR, fl. 39v e 40

¹¹⁰ LP, Portaria nº 118

¹¹¹ LC, fl. 36

tradicional ‘pi-pi-ru-f’; q. tocaram o pipiruí. No primeiro caso tem-se a impressão que a palavra refere-se a um tipo de toque. No segundo, seria um grupo musical. O terceiro dá a idéia de um gênero ou instrumento musical. Das três possibilidades, o sentido que prevalece hoje para a palavra é a do grupo de tocadores de pífanos e caixas. Usa-se também o termo como sinônimo de pífano.

Devemos estas três referências ao termo *pipiruí* à pena de José Polycarpo Figueiredo e Silva, provedor da irmandade entre 1915 e 1922. Foi graças a seus esforços, somados aos do secretário da irmandade à época, João Rodrigues do Carmo e Sousa, que esta reativou-se, depois de quatro anos em abandono. Nestes três documentos, sobretudo os dois últimos, redigidos no dia em que Polycarpo deixava a provedoria, depois de 6 anos à testa da irmandade, percebe-se um tom de euforia e satisfação pelo dever cumprido. Fez ele questão de redigir, de próprio punho (o que é normalmente atribuição do escrivão ou secretário), termos de encerramento em todos os livros da irmandade, além de um detalhado relatório de sua gestão.¹¹²

Quando Polycarpo foi aclamado provedor, em fins de 1915, teve lugar uma seqüência de reuniões a curto intervalo, com o objetivo de reorganizar a confraria, eleger novos empregados (festeiros) para a festa de 1917 e dar andamento à reforma da capela do Rosário, em estado de quase ruína à época. Por ocasião de uma destas reuniões, para posse dos novos festeiros, há um interessante registro, no livro de atas, da atuação dos tocadores de pífanos e caixas:

[...] Finda a assignatura do termo de posse, o Senhor Provedor, convidou ao Reverendíssimo Capellão a conferir a auctoridade aos eleitos, os quaes, de joelhos no presbyterio receberam as coroas e os sceptros o Rei e Rainha e agua benta que tambem receberam diversos empregados no mesmo dia e da mesma forma. Foram conferidas posse aos Juizes, da mesma maneira. Concluída as cerimônias da posse

¹¹²LAR, fl. 43-44v

foram ouvidas peças musicas pela Banda ‘Lyra da Paz’¹¹³ que todos ouviram de pé. O Reverendíssimo Capellão dirigio algumas palavras aos eleitos, finalizando por se achar contentissimo por ver que a Irmandade do Rosario, de ora avante, caminha para o engrandecimento; encerrando-se com tres Aves Marias a N. Senhora, pelo bom exito das pretenções dos fieis eleitos. Em seguida organizou-se o préstito, sahindo da Capella o Reinado, acompanhado de musicas, fogos, **pifanos, caixas**, etc. Nada mais houve.¹¹⁴

Na década de 1920, prevalece a expressão *tocadores de pifano(s) e caixa(s)*, no plural (1923),¹¹⁵ (1925),¹¹⁶ ou no singular (1927),¹¹⁷ (1929).¹¹⁸ Em 1928, inverte-se para *tocadores de caixa e pifano*.¹¹⁹

No entanto, a partir de 1930, ocorre uma interessante modificação nos lançamentos, agora, fornecendo o nome dos tocadores envolvidos, o que perdura até 1939.¹²⁰ Cabe mencionar que já há um lançamento deste tipo, de 1922 (citado acima), o mesmo em que aparece o nome Pipiruí.

A partir de 1941, cessa-se a nomeação individual dos tocadores e ocorre uma tendência nos lançamentos de indicar um instrumento apenas. Assim, neste mesmo ano, encontramos a expressão anterior *tocadores de pifano e caixa*, em portaria e recibo de 2 de janeiro¹²¹ e, na mesma data, *tocadores de pifano*, no lançamento de haver do tesoureiro.¹²²

¹¹³ É interessante notar a presença da Banda Lyra da Paz, na reunião. Esta banda, que existe até hoje, fora fundada e era dirigida por João Rodrigues do Carmo e Sousa, um dos indivíduos que mais se empenhou na prestação de serviços à irmandade do Rosário de Conceição. João Rodrigues era já secretário da irmandade desde 1894, tempo em que era provedor o Pe. Eloy Malachias. Curiosa é a coincidência do ano de paralisação da irmandade – 1911 – com o da fundação da banda por Rodrigues. A irmandade esteve em funcionamento, certamente, até 10 de dezembro de 1911, data do último registro encontrado nos códices. Já o estatuto da banda traz a data de fundação de 24 de dezembro e refere também que a banda já havia sido iniciada em 26 de junho. Em todo o caso, Rodrigues retomou a secretaria em 1915, ao se reestruturar a irmandade, atuando, nesta fase, como um sólido braço direito de José Polycarpo. Em 1926, tornou-se provedor, permanecendo no cargo até 1943.

¹¹⁴ LAR, fl. 12-13

¹¹⁵ LP, Portaria nº 1

¹¹⁶ LC, fl. 39

¹¹⁷ LEE, fl. 24

¹¹⁸ LP, Portaria nº 1

¹¹⁹ LEE, fl. 25v

¹²⁰ LP, Portaria nº 2 (1930); LP, Portaria nº 1 (1935); DA (4/1/1935); LCCDH, fl. 26v; DA (3/1/1936); LCCDH, fl. 27v; DA (9/1/1938); LCCDH, fl. 29v; DA (2/1/1939).

¹²¹ DA (2/1/1941)

¹²² LCCDH, fl. 34v

Este último termo e a variante *tocador de pifano*, no singular, se repetirão até 1947.¹²³ Nos dois anos seguintes não constam lançamentos de pagamentos aos tocadores. Quando reaparecem as referências a eles, já se procurará uma economia ainda maior no termo empregado, que passa a ser, sucintamente, *pifano*. Nestes casos, que aparecem nos anos 1950 e 1955-59,¹²⁴ o pagamento aos tocadores são encontrados após a listagem de todas as jóias, anuais e esmolas recolhidas durante a festa do Rosário.

5.4.2 Tocadores

Da fase mais antiga do grupo, acessível através da documentação conservada, pode-se levantar alguns nomes de possíveis tocadores. O mais antigo recibo é assinado por Francisco Nunes de Souza,¹²⁵ que, no entanto, não parece ser tocador. No mesmo recibo, consta também recebimento por bombas e fogos de ar e, nos anos seguintes, este senhor passa a receber exclusivamente por essas últimas despesas, ao mesmo tempo em que outros passam a receber pelos *toques*. O segundo recibo mais antigo e os três subseqüentes são assinados por Francisco Rodrigues de Sousa,¹²⁶ que também recebe em duas ocasiões para retirar goteiras do telhado da capela.¹²⁷ Este senhor, que poderia ser um tocador, também parece pertencer à diretoria da irmandade, pois assina, junto a outros membros da dita diretoria, os pareceres de julgamento das contas constantes no livro de despesas aberto em 1879. Todos estes recibos são apenas assinados pelos recebedores, tendo sido redigidos pelo escrivão e tesoureiro João Pereira Malachias, que redige a maioria dos recibos do códice até o ano de 1894.

¹²³ LEE, fl. 43; 44; 45v; 47

¹²⁴ LEE, verso da contracapa; LRD, fl. 9; 10v; 12; 14; 15

¹²⁵ LD, fl. 6v

¹²⁶ LD, fl. 12-12v; 17v-18; 24v; 25

¹²⁷ LD, fl. 24v; 25

Em 1886, recebe pelos toques José dos Santos Moreira, redigindo ele próprio o recibo¹²⁸ e dá a impressão de ser tocador, assinando o recibo de pagamento a toques também no ano seguinte,¹²⁹ sem, contudo, redigir o texto. Em 1888,¹³⁰ pela primeira vez, e, em seguida, também em 1890,¹³¹ assina – e também redige – o recibo pelos toques, Francisco Marçal da Fonseca, este, sim, mais seguramente um tocador. Mais adiante, em 1916¹³² e 1920,¹³³ ele aparecerá novamente recebendo pelo concerto de caixas, inferindo-se que seria caixeiro. É também o primeiro da família Marçal a figurar nesta documentação, como tocador.

Antonio Pinto Vieira, que assina em 1889¹³⁴ e João Cardozo de Oliveira, em 1895,¹³⁵ poderiam também ser tocadores, mas não temos indícios suficientes para afirmar conclusivamente. No recibo assinado pelo segundo, consta também uma despesa com fogos.

Outro que parece ter sido tocador é José Rodrigues do Carmo, talvez parente de João Rodrigues do Carmo e Sousa, que assina os recibos pelos toques nos anos de 1894,¹³⁶ 1898,¹³⁷ 1902¹³⁸ e 1903,¹³⁹ tendo redigido três deles. No segundo, ele escreve “por ser verdade eu ter recebido e meus companheiros” e, no último, emprega a conjugação verbal na primeira pessoa do plural, “E por termos recibidos”, o que denota ser ele um dos beneficiários do pagamento efetuado.

¹²⁸ LD, fl. 26v

¹²⁹ LD, fl. 34v

¹³⁰ LD, fl. 35

¹³¹ LD, fl. 36v

¹³² LP, Portaria nº 36 (1916)

¹³³ LP, Portaria nº 100 (1920) e LCCDH, fl. 9v

¹³⁴ LD, fl. 35v

¹³⁵ LD, fl. 39

¹³⁶ LD, fl. 39

¹³⁷ LD, fl. 41v-42

¹³⁸ LCCDH, s/n (4/1/1902)

¹³⁹ LCCDH, s/n (1º/1/1903)

Outro que recebe pelos toques, mas que não assina, por “não saber ler e nem escrever”, é Raimundo Izabel Tavares, em 1896.¹⁴⁰ É certamente tocador, pois novamente encontraremos seu nome em portaria de 1930,¹⁴¹ ao lado de outros três tocadores, referidos como tais.

Em 1922,¹⁴² aparece pela primeira vez José Marçal Filho (Juca Marçal), o segundo da família Marçal a figurar na documentação. Nesta ocasião ele assina o recibo (já referido acima) pelos outros três companheiros, que não são nomeados. Na década de 1930, ele está presente nos documentos dos anos 1930¹⁴³ e entre 1935 e 1939.¹⁴⁴ De acordo com Lourdes Marçal, sua filha, ele tocava pífabo no grupo.¹⁴⁵ Sobre este tocador, há ainda alguns depoimentos, citados abaixo.

Outro da família Marçal é José Marçal da Fonseca,¹⁴⁶ pai de José Marçal Filho, que recebe, como tocador em 1935,¹⁴⁷ 1936¹⁴⁸ e 1939.¹⁴⁹ O quarto Marçal da relação é José Marçal Sobrinho, que tem presença pontual em 1938,¹⁵⁰ não deixando outros indícios de sua participação no grupo.

Um tocador de destaque foi Gustavo Henriques de Freitas que aparece em diversos documentos, assinando pelo grupo. A primeira ocasião em que surge seu nome é 1929¹⁵¹ e, em seguida, em 1930,¹⁵² entre 1935 e 1939¹⁵³ e 1941.¹⁵⁴ Nestes documentos lê-se

¹⁴⁰ LD, fl. 40v

¹⁴¹ LP, Portaria nº 2 (1930)

¹⁴² LP, Portaria nº 118 (1922) e LCCDH, fl. 11

¹⁴³ LP, Portaria nº 2 (1930)

¹⁴⁴ DA (4/1/1935); DA (3/1/1936); DA (3/1/1937); DA (9/1/1938); LCCDH, fl. 29v; DA (2/1/1939)

¹⁴⁵ Entrevista com Lourdes Marçal, em 2/3/09

¹⁴⁶ Alguns esclarecimentos sobre José Marçal Filho (Juca Marçal) e José Marçal da Fonseca foram fornecidos por Lourdes Marçal, respectivamente, filha e neta destes tocadores. (Entrevistada em 2/3/09)

¹⁴⁷ DA (4/1/1935)

¹⁴⁸ DA (3/1/1936)

¹⁴⁹ DA (2/1/1939)

¹⁵⁰ DA (9/1/1938); LCCDH, fl. 29v

¹⁵¹ LCCDH, fl. 18

¹⁵² LP, Portaria nº 2 (1930) e LCCDH, fl. 21

¹⁵³ DA (4/1/1935); LCCDH, fl. 26v; DA (3/1/1936); LCCDH, fl. 27v; DA (3/1/1937); LCCDH, fl. 28v; DA (9/1/1938); LCCDH, fl. 29v; DA (2/1/1939); LCCDH, fl. 32

frequentemente “pagamento aos sr. Gustavo Henriques de Freitas e seus companheiros tocadores de pifano e caixa”, relacionando os demais nomes em seguida.

Um outro tocador que surge na documentação na década de 1930 é Bento Vieira Braga, provavelmente o mesmo a quem José Marçal dos Santos identifica pelo apelido, ‘Bentoca’.¹⁵⁵ Este era tocador de pífano e o próprio Marçal dos Santos (Teiado) teria o substituído certa ocasião, por volta de 1940: “Depois o Bentoca, eu não sei por que, uma circunstância qualquer o Bentoca não pôde tocar. Ele tocava pife. E eu toquei no lugar dele. [...] Ah, fiz a roupa nova”.¹⁵⁶

José Correa e Cândido Ferreira, em seus depoimentos, fazem referência a algumas recordações de infância em que lembram do antigo grupo.

A gente lembra muito do Vicente Colombina, Zé Chico, Adriano Roseta, sr. Gustavo, o sr. Zé Marçal, desculpa, Juca Marçal, então aquilo ficou na imaginação, as pessoas dessa época já usavam um paletó, uma gravata, no dia primeiro de janeiro, era uma coisa bonita, era diferente, marcou a gente. [...] Eu vi o grupo tocando um a vez na porta da igreja do Rosário, mais ou menos ali ao lado do coreto, eu acredito que eu deveria ter mais ou menos uns oito pra nove anos. E lembro muito do Vicente Colombina escorado na bengala, porque ele tinha os pés cheio de calos, então andava com aquele sapato que se adaptava, então ele mancava muito, e ele andava apoiado numa bengala e essa bengala ele escorava, ele colocava o traseiro nessa bengala pra poder ter o apoio pra tocar. Lembro disso perfeitamente. Lembro do Zé Chico batendo na caixa e com os lábios tremendo [...] já com alguma dose de pinga na cabeça, porque eles gostavam, né? E o Adriano, eu lembro dele também com aquele paletó assim muito apertadinho e com um lenço vermelho amarrado no pescoço e o [...] Juca Marçal com uma toalha também no pescoço e uma outra enrolada na caixa. [...] As pessoas que participavam do Pipiruí, principalmente o Zé Chico e o Adriano Roseta, ele era empregado da prefeitura, ele era lixeiro, ele então, nesse dia, ou ele não trabalhava, ou trabalhava até mais ou menos, umas nove horas. Eles iam lá pra igreja do Rosário abrir aquelas portas, que só eram abertas imagino uma vez por ano, onde guardavam os andores dos santos e ali ficavam... eram os quartos escuros. Ali ficavam os pifanos, as caixas, aqueles papéis que cobriam os andores de São Sebastião, aqueles papéis vermelhos. [...] Eles penetravam na escuridão ali, o Zé Chico e o Adriano Roseta, para tirar as caixas. Traziam para a porta da igreja, ali então eles, com todo o carinho, essas caixas eram desempoeiradas, eram, como diz, afinadas [...]. Eles então já colocavam as caixas, já amarravam as caixas no pescoço, já desciam pela rua batendo as caixas. [...] E desciam em direção à Bandeirinha e todo o boteco que eles passavam eles tomavam uma dose de pinga, oferecida pelos comerciantes. Aquele incentivo montava no sentimento das pessoas,

¹⁵⁴ DA (2/1/1941)

¹⁵⁵ Entrevista com José Marçal dos Santos, 10/03/07

¹⁵⁶ Talvez José Marçal dos Santos (Teiado) seja o José Marçal Sobrinho referido em DA (3 e 9/1/1938), transcrito abaixo. Repare-se, nas assinaturas, a palavra ‘dos’ rasurada no documento; LCCDH, fl. 29v

*as crianças já desciam ao lado deles, somente as caixas. E, lá pra meio-dia, uma hora da tarde, eles já cansados, desapareciam no fim da Bandeirinha para no dia seguinte voltar com aquele mesmo entusiasmo, já com as caixas afinadas, com o diziam eles, e já com os pifanos também preparados para os festejos do dia primeiro.*¹⁵⁷

*Eu lembro que até quando eu saí da escola ainda tinha o Pipiruí. Eu saí da escola em 49. Eu lembro que, em janeiro de 50... Eu lembro por isso: Joaquim [provavelmente se refere a Juca Marçal] fazia aquele churrasquinho, né? [...] Então, nesses dias, esses de festa ele num trabalhava. Ele trabalhava com Levi, meu irmão. Então Levi falou assim: “- É Dico, agora vou acabar com essa boa vida sua, que vem janeiro aí, Joaquim num vai trabalhá eu vou precisar d’ocê.” Então eu me lembro, o Levi ainda brincou, pra aproveitar, vinha as férias de dezembro, que janeiro eu ia começar... Quando foi 3 de janeiro, ele me pôs carregando lata, porque Joaquim mexia com os churrasquinho na praça e.. Então eu comeci a trabalhar em 50, mas ainda tinha o Pipiruí. Depois de 50 talvez teve mais um ano ou dois, eu num lembro, mas eu lembro que até 1950 ainda tinha. Ainda tinha essa turma tocando. Depois disso, quanto mais tempo eles tocaram, eu num lembro.*¹⁵⁸

Entre os tocadores mencionados nestes depoimentos, o sr. Gustavo é Gustavo Henriques de Freitas, sobre o qual já nos referimos. Zé Chico é, talvez, José Francisco de Andrade, que aparece na documentação em 1938, em dois documentos que deixam margem a alguma confusão. Veja-se o caso. No primeiro documento, uma portaria e respectivo recibo, lê-se o seguinte:

Secretaria da Irmandade do Rosário em 3 de Janeiro de 1938

Portaria nº 1

Rs 56,000 [cinquenta e seis mil réis]

O sr. Theoureiro desta Irmandade pagou ao srs. Gustavo Henriques de Freitas, José Marçal Filho, José Marçal Sobrinho e Bento Vieira Braga, tocadores de pifano, 10,000 cada um. Ao sr. José Francisco de Andrade de serviços que fez no decote das arvores 4,000 e finalmente ao Revmo Padre Frei Vicente de Licodia 12,000 de uma missa que celebrou no dia 2 deste.

O que se compra

O provedor:- João Rodrigues do C. e Sousa
O Secretario José Justiniano Carneiro

Recebemos a importância constante da presente portaria. Conceição, 9 de Janeiro de 1.938.

Recebi Gustavo Henriques de Freitas

¹⁵⁷ Entrevista com José Correa, em 02/11/07

¹⁵⁸ Entrevista com Cândido Ferreira, em 10/03/07

Bento Vieira Braga
 José Francisco de Andrade
 José Marçal dos Sobrinho
 José Marçal Filho¹⁵⁹

O outro documento, um lançamento de haver do tesoureiro no Livro de Conta Corrente de Deve e Haver, traz os seguintes dados:

9-1-1938 Importancia entregue para pagamento ao Snrs. Revm^o Frei Vicente, Gustavo Henrique de Freitas, e seus companheiros tocadores de pifano e caixa, Bento Vieira Braga, José Francisco de Andrade, José Marçal Filho, José Marçal Sobrinho, conforme consta da portaria n^o 1, desta data.
 56#000”¹⁶⁰

No primeiro caso, José Francisco de Andrade é relacionado à parte, recebendo por um outro serviço, a quantia de quatro mil réis, inferior àquela recebida pelos tocadores. Já o segundo documento relaciona entre estes, o mesmo José Francisco, como se pertencesse ao grupo. A portaria, que data de 3 de janeiro, redigida pelo Secretário da irmandade detalha todos os pagamentos efetuados, ao passo que o lançamento de haver, escrito pelo tesoureiro, na mesma data do recibo (9 de janeiro), lança-os em conjunto. Entenderíamos automaticamente ser José Francisco um dos tocadores, não fosse o primeiro documento. Mas, à sua vista, torna-se difícil uma conclusão, tanto mais quando não localizamos outra entrada deste senhor em outra parte, como tocador. No entanto, volta a possibilidade de ser, de fato, um dos tocadores, a partir do depoimento de José Correa acima.

Temos ainda Adriano Roseta, caixeiro, Vicente Colombina, pifano, citados nos depoimentos.

5.4.3 Período posterior a 1959

¹⁵⁹ DA (3 e 9/1/1938);

¹⁶⁰ LCCDH, fl. 29v

Após um intervalo de cerca de oito anos, o Pipiruí ressurgiu em Conceição do Mato Dentro, completamente renovado. Na ocasião, havia sido eleita festeira Inez Ferreira Diniz (Inezinha), a primeira de três vezes em que foi rainha. Corria o ano de 1967. José Correa e Cândido Ferreira nos dão alguns detalhes sobre aqueles acontecimentos:

[...] nós reuníamos aos domingos sempre numa casa, depois da missa das oito horas, todo mundo descontraido, sem rumo às vezes. E como a casa da Inezinha era perto da igreja e sabia [que] sempre tinha algum aperitivo lá, a gente ia pra lá. [...] Nós, após a missa das oito, várias pessoas, quinze, vinte pessoas, que freqüentavam a missa do lado de fora da igreja, já reunindo a turma pra ir pra esses encontros, explorar mesmo o tira-gosto na casa das pessoas. E quando chegamos lá, surgiu o assunto com relação à festa de primeiro de janeiro, que a Inezinha [...] tinha sido escolhida como [...] rainha do Rosário. E ela então disse, num daqueles momentos de entusiasmo, de muita vontade de realização, de fazer coisas novas, ela então disse que a maior vontade dela seria ressuscitar o Pipiruí. Foi quando nós dissemos: - Pois pode contar conosco.¹⁶¹

Na hora que ela recebeu a bandeira aqui na igreja, foi mandou que todo mundo fosse pra casa dela, né? E lá, aquela farra, aquela brincadeira, todo mundo dando os parabéns, que ela seria a rainha do ano vindouro, então ela pediu, que quem pudesse ajudar... com aquilo que pudesse ajudar, que ela queria a ajuda de todo mundo [...] Ai um promete uma coisa, outro promete outra [...] Ai ela pediu o Zezito. Ô Zezito, cê vai levantar o Pipiruí pra mim. Então o Zezito prometeu. Contava com a ajuda dos companheiros, né? Onde nós reunimos entre eu, o Zé Peixoto e o Lilico e o Zezito.¹⁶²



FIGURA 19 - Pipiruí em 1967. Raimundo, Lilico, Zezito, Dico e Zé Peixoto. Acervo: José Correa (Fotografia: autor desconhecido)

¹⁶¹ Entrevista com José Correa, em 02/11/2007

¹⁶² Entrevista com Cândido Ferreira, em 10/3/2007

Com o compromisso assumido providenciou-se a confecção de novos instrumentos e realizaram-se alguns ensaios ao longo do ano.

*Foi quando fizemos os primeiros ensaios na casa da Inezinha, fizemos ensaios na casa do Sr. Benedito Sérvulo, fizemos ensaios num boteco, chamado Grupião, fizemos ensaio no Salão de Pedra. [...] Após a semana santa, nós reunimos uns dois, três dias durante o Jubileu, nas férias de julho nós conversamos, em setembro, nós tivemos um encontro e o desfecho final foi em novembro, quando então nós já tínhamos definido o que deveria ser feito.*¹⁶³

*Então, reunindo, o [Geraldo] Peixoto prometeu de fazer os pife, como fez. Quando foi vesperando o fim do ano, o Zezito, de férias, veio pra cá – o Lilico também vinha pra cá, de toda forma ele também vinha pra assistir a festa - nós fizemos os ensaios assim com a ajuda do Teiado dando uma orientação [...] e saímos a primeira vez na festa dela.*¹⁶⁴



FIGURA 20 - O Pipiruí em 1968:

1. No cortejo do Reinado, à frente dos reis. Acervo: José Correa.
(Fotografia: autor desconhecido)
2. Da esquerda para direita: Lilico, Fuca, Zezito, Dico e Zé Peixoto. Acervo: Cândido Ferreira.
(Fotografia: autor desconhecido)

Os quatro tocadores referidos acima – José Correa (Zezito) e Geraldo Mageh (Lilico), nos pífanos e Cândido Ferreira (Dico) e José Peixoto, nas caixas - formaram o núcleo do grupo que atuou durante os 22 anos seguintes. Além destes, várias outros tocadores atuaram, com maior ou menor frequência. Destacam-se Luís Ferreira Malaquias (Fuca), pífano e caixa, Adelmo Vidigal (Xenxen), Gilberto Vidigal, Lourival Fernandes de Oliveira, José Carlos

¹⁶³ Entrevista com José Correa, em 02/11/2007

¹⁶⁴ Entrevista com Cândido Ferreira, em 10/3//2007

Figueiredo (Zé Tibufu), todos estes como caixeiros. Nesta fase, o grupo saiu em alguns anos com três pífanos e, às vezes, com três ou quatro caixas.



FIGURA 21 - O Pipiruí na década de 1970. Tocadores, da esquerda para direita:

1. Zé Peixoto, Dico, Zezito, Lourival, Lilico, 1970.
Acervo: Cândido Ferreira. (Fotografia: autor desconhecido)
2. Lourival, Zé Peixoto, Lilico, Dico, Zezito, 1970.
Acervo: Cândido Ferreira. (Fotografia: autor desconhecido)
3. Fuca e Dico, década de 1970.
Acervo: Cândido Ferreira. (Fotografia: autor desconhecido)
4. Adelmo (Xenxen), Zé Tibufu, Lilico, Zé Peixoto, Dico, 1977.
Acervo: José Correa (Fotografia: Matsue Murao)
5. Lilico, Zé Peixoto, Dico, Zezito, Adelmo (Xenxen), 1977.
Acervo: José Correa (Fotografia: Matsue Murao)



FIGURA 22 - O Pipiruí na década de 1980. Tocadores, da esquerda para direita:

1. Lilico, Zezito, Adelmo, Gilberto, Dico, 1980.

Acervo: José Correa. (Fotografia: autor desconhecido)

2. Adelmo, Lilico, Zezito, Gilberto, Dico, 1980.

Acervo: José Correa. (Fotografia: Matsue Murao)

3. Zé Peixoto (encoberto), Lilico, Zezito, Dico (encoberto), Adelmo, Fuca, 1982.

Acervo: José Correa. (Fotografia: Matsue Murao)

4. Zezito, Lilico, Dico, Nonô Barrão, [?], década de 1980.

Acervo: C. Ferreira. (Fotografia: autor desconhecido)

Por volta de 1990, o grupo acaba novamente e, apenas recentemente, na festa de 1º de janeiro de 2007, ocorre uma nova retomada.

Mas com a morte do Lilico, eu fiquei sozinho, fiquei sem uma pessoa para fazer a segunda voz. Eu também já estava, assim, um pouco desiludido, já com os afazeres aqui da capital, nós então resolvemos, apesar da nossa presença no dia primeiro de janeiro, e o povo pedindo, nós então paramos com aquilo. [...] Mas, passaram-se os tempos, a memória conservou, a vontade falou mais alto, e nós então voltamos a praticar o nosso Pipiruí que se deu agora, nesse ano de 2006, a pedido do nosso amigo Beto [Herbert Carneiro, irmão de Ivana Carneiro, rainha em 2007].¹⁶⁵

¹⁶⁵ Entrevista com José Correa, em 02/11/07



FIGURA 23 - Pipiruí em 2007: Zezito, Daniel Magalhães, Maurício Vidigal, Dico. A cervo: José Correa (autor desconhecido)

O espírito que presidiu esta nova formação do grupo, a partir de 1968, se diferenciou da formação anterior pelo vínculo que já não mais havia com a irmandade, que deixara de existir, sem prejuízo da festa que continuou a ser realizada. Num outro aspecto, o caráter da atuação do grupo não era mais a de um serviço prestado e remunerado, como se vê através de toda a documentação consultada, prendendo-se, no novo contexto, a motivações de outra natureza. Veja-se a este respeito o depoimento de Cândido Ferreira:

*[...] o Pipiruí nunca cobrou de ninguém, né? Nós tocava por farrá, brincadeira. Então o festeiro oferecia uma coisa qualquer pro Pipiruí. Então nós só aceitava assim, se for num bar. Paga qualquer uma bebida pra nós num bar, uma coisa qualquer. Então todo festeiro autorizava pra nós um bar, onde a gente podia tomar o que quisesse.*¹⁶⁶

José Correa acrescenta à fala de Cândido Ferreira aspectos ligados a um propósito de manutenção de uma antiga tradição da cidade:

[...] são coisas mesmo da antiguidade, que a Inezinha sempre ouviu o Pipiruí. O seu pai também, aquelas pessoas já mais velhas tinham na memória aquele som, aquela imagem e nós também participamos dessa imagem, ainda criança. Isso ajudou a concretizar. [...] com a ajuda de um e de outro, nós conseguimos, graças a Deus, reunir forças para que pudéssemos abrilhantar a festa de primeiro de janeiro. [...] depois disso, continuamos executando os nossos hinos em louvor à Senhora do Rosário, mas com essa informalidade. E assim, continuamos, paramos, agora

¹⁶⁶ Entrevista com Cândido Ferreira, em 10/3//07

*estamos voltando, esperamos contar com o apoio dos novos reis e estamos à disposição para que esta festa mantenha a sua tradição de sempre.*¹⁶⁷

5.5 Instrumentos.

Os pífanos que pertenceram ao Pipiruí estão entre os mais originais encontrados no país. Uma característica que, de imediato, os distingue é o fato de terem sido feitos em madeira e desmontáveis. A parelha possui ainda anéis de metal, com adaptações para o encaixe das juntas, que seriam, de acordo com José Marçal dos Santos, feitos de níquel ou prata. Estes instrumentos encontravam-se, até 2008, custodiados no arquivo da Paróquia de Conceição do Mato Dentro, local onde também estão abrigados os códices da Irmandade do Rosário, além de outros documentos. Um recibo de 1896,¹⁶⁸ do Livro de Despesas, aberto em 1879, faz referência ao “feitio de dous pífanos”, que talvez sejam os que se têm em vista. Desconhece-se, no entanto, por quem e aonde teriam sido feitos.

Outro instrumento muito antigo, que também pertenceu ao grupo que atuou até 1959, é uma caixa de metal, talvez de bronze, construída com presilhas, soldadas no aro, que se prestariam tanto para fixar cordas quanto tarraças.

Alguns documentos da irmandade referem-se a reforma, aquisição e confecção de caixas. Em 1894, são adquiridos sete metros de corda para caixas.¹⁶⁹ Em julho de 1916,¹⁷⁰ compra-se uma caixa “em mãos de D. Ambrosina Martins de Oliveira, viúva de João Damaso” e, em dezembro do mesmo ano,¹⁷¹ Francisco Marçal da Fonseca é pago pelo “concerto de uma caixa pertencente a Irmandade do Rosário”. Em 1920, o mesmo Francisco

¹⁶⁷ Entrevista com José Correa, em 02/11/07

¹⁶⁸ LD, fl. 40v

¹⁶⁹ LD, fl. 38-38v

¹⁷⁰ LP, Portaria nº 21

¹⁷¹ LP, Portaria nº 36

Marçal da Fonseca é pago novamente para concertar uma caixa.¹⁷² Em 1942, José Alves de Moraes é pago pelo “feitio di uma caixa para o pifano”.¹⁷³ Neste caso, fala-se provavelmente de uma caixa/instrumento e não de um estojo. A dúvida é sanada pelo recibo passado pelo fabricante no qual ele discrimina a despesa: “Feitio de 1 caixa para pifano – Cr\$ 12,00; 1 couro para a mesma – Cr\$ 3,00”.¹⁷⁴



FIGURA 24 - Pifanos antigos do Pipiruí

1. Parelha de pifanos
 2. Detalhe dos encaixes das juntas do pifano.
 3. Pifano desmontado. Corresponde ao instrumento da esquerda na fig. 24-1, acima.
- (Fotografias do autor)

¹⁷² LP, Portaria nº 100; LCCDH, fl.9v

¹⁷³ DA (24/12/1942)

¹⁷⁴ DA (24/12/1942)



FIGURA 25 - Antiga caixa do Pipiruí:

1. Caixa montada com resposta de chocalho de cascavel
2. Caixa desmontada com os dois aros e o bojo
3. Detalhe do prendedor da alça
4. Detalhe do aro
5. Detalhe do aro
6. Detalhe dos orifícios no bojo para saída de ar
(Fotografias do autor)

Quando o grupo retoma as atividades, em 1967, o marceneiro Geraldo Peixoto, (pai de José Peixoto, que será um dos integrantes da nova formação) assume a tarefa de confeccionar uma nova parelha, uma vez que a antiga já não dispunha mais de condições de uso. Quando se

combinou a reativação do Pipiruí, na referida reunião na casa de Inez Ferreira Diniz (Inezinha), esta

[...] procurou saber dele [Teiado] o que era necessário. Foi quando o Teiado disse que os pífanos estavam em condições precárias, não tinham mais condição de uso, mas que nesse momento, o Zé Peixoto, que estava do lado, também conosco, se ofereceu para, junto de seu pai, fazer alguma coisa que pudesse trazer de volta o som do Pipiruí. Foi quando esses pífanos foram retirados da igreja do Rosário, levados para o Sr. Geraldo Peixoto, de, num trabalho artístico, perdeu bastante madeira de jacarandá, mas conseguiu, depois da terceira ou quarta peça fazer [os instrumentos].¹⁷⁵

Hoje, esta parelha encontra-se sob a guarda de Eduardo Peixoto, regente da Banda Lyra da Paz, e também filho de Geraldo Peixoto. Estes dois pífanos, atualmente, apresentam vazamentos de ar. Pelas fotografias do período, verifica-se a existência de um terceiro pífano, do qual desconhece-se o paradeiro.

As duas parelhas, tanto a antiga, quanto a confeccionada em 1967, são afinadas, aproximadamente em dó.



4



5



6

FIGURA 26 – Pífanos fabricados por Geraldo Peixoto

1. Parelha, em jacarandá, fabricada a partir dos modelos antigos.
 2. Detalhe das tampas fabricadas por Geraldo Peixoto.
 3. Detalhe da parelha de pífanos com as tampas.
- (Fotografias do autor)

¹⁷⁵ Entrevista com José Correa, em 02/11/07

5.5.1 Planta dos instrumentos

5.5.1.1 Pifanos

1. Fabricação: Procedência ignorada

Acervo: Paróquia de Conceição do Mato Dentro

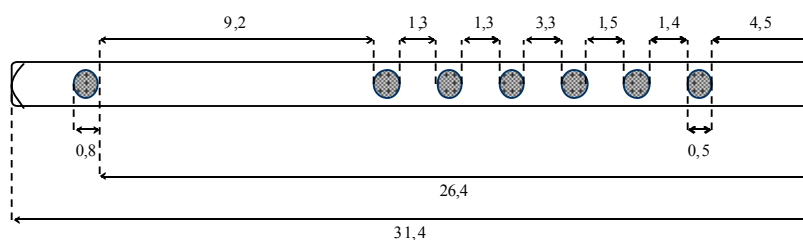
Material: Jacarandá com anéis em metal (níquel ou prata)

Cor: Preta

Nota fundamental: dó#4/ré4 (aproximado)

Observações: Pífano com pelo menos 100 anos de fabricação, desmontável em quatro seções. A planta abaixo corresponde ao instrumento da esquerda, da fig. 24-1.

FIGURA 27 – Planta do pífano antigo que pertenceu ao Pipiruí



2. Fabricação: Geraldo Peixoto

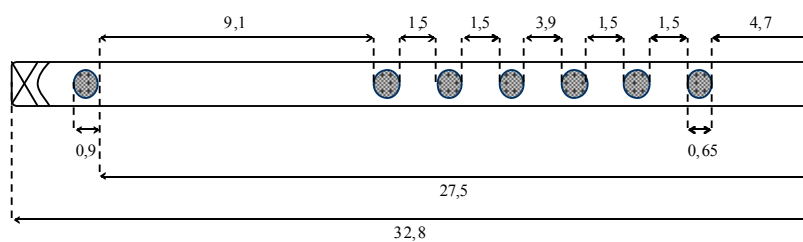
Acervo: Banda Lyra da Paz

Material: Jacarandá, com tampa em madeira clara

Cor: Preta

Nota fundamental: dó#4/ré4 (aproximado)

FIGURA 28 – Planta do pífano (1) de Geraldo Peixoto



∅ 1,05 cm

3. Fabricação: Geraldo Peixoto

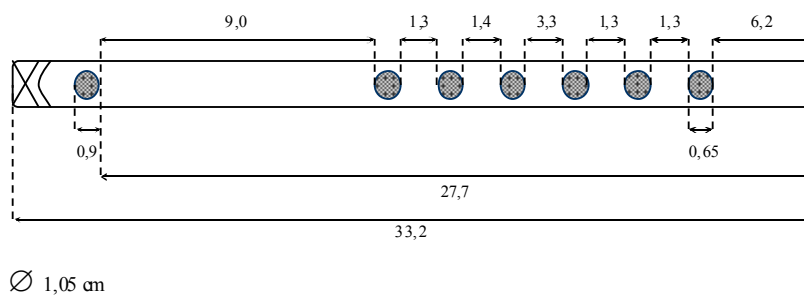
Acervo: Banda Lyra da Paz

Material: Jacarandá com tampa em madeira clara

Cor: Preta

Nota fundamental: dó#4/r#4 (aproximado)

FIGURA 29 – Planta do pífano (2) de Geraldo Peixoto



5.5.1.2 Caixa

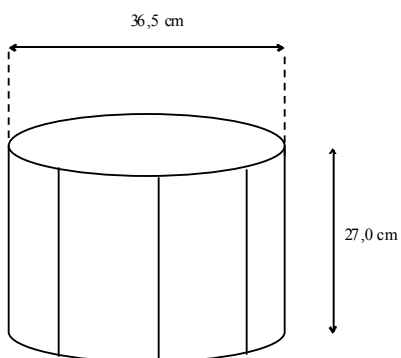
Fabricante: desconhecido

Acervo: Pipiruí

Componentes: Bojo: metal

Aro: metal

FIGURA 30 – Planta da caixa antiga do Pipiruí



5.6 Repertório (aspectos musicais)

O repertório praticado pela formação atual do grupo constitui-se de quatro pequenas melodias, solfejadas por José Correa:

PARITURA 9 – Quatro toques do Pipiruí

Toque 1:

Musical score for Toque 1, featuring three staves with treble clefs and a 2/4 time signature. The music consists of eighth and sixteenth notes with various articulations and dynamics.

Toque 2:

Musical score for Toque 2, featuring three staves with treble clefs and a 2/4 time signature. The music consists of eighth and sixteenth notes with various articulations and dynamics.

Toque 3:

Musical score for Toque 3, featuring two staves with treble clefs and a 2/4 time signature. The music consists of eighth and sixteenth notes with various articulations and dynamics.

Toque 4:

Musical score for Toque 4, featuring two staves with treble clefs and a 2/4 time signature. The music consists of eighth and sixteenth notes with various articulations and dynamics.

José Correa esclarece que do grupo antigo

*[...] o que ficou foi apenas o som que ficou na nossa memória. E mais nada. E, nasceu um Pipiruí daquele sentimento mesmo de vontade, de mostrar as coisas da terra. [...] essas músicas não tem nenhuma criação nova. Todas as músicas antigas, não sei como apareceu comigo. [...] Uma dessas execuções foi o Lilico. Que eu lembro assim, do Teiado, pode ser que tenha alguma, porque muitas vezes acontece de a gente misturar uma primeira parte com uma segunda parte, acredito que o Teiado tenha dado essa contribuição.*¹⁷⁶

Durante os trajetos dos cortejos, estes toques são encadeados em pot-pourri, sem pré-fixação da sequência, repetidos um número indeterminado de vezes. Em alguns momentos, uma segunda parte de um toque mistura-se com outro toque. O grupo toca durante alguns minutos e para por outros minutos, intercalando ou tocando simultaneamente com os outros grupos participantes da festa que se encontram próximos.

Joaquim Ribeiro Costa, em seu livro *Fonte da Saudade*, fornece a partitura de duas melodias do Pipiruí:

PARTITURA 10 – Toques do Pipiruí no livro de Joaquim Ribeiro Costa

Toque festivo



Marcha lenta



O próprio Costa comenta sobre os toques:

A primeira parte é um toque festivo, ordinariamente à saída do Reinado ou em outra oportunidade. Menos quando em acompanhamento aos juízes e juízas, em marcha lenta, ao serem procurados em suas casas, como antigamente se fazia, para o saimento do Reinado. Em um ou outro caso, é indispensável o concurso dos

¹⁷⁶ Entrevista com José Correa, em 02/11/07

tambores. Todas as músicas, por mim escritas de memória, foram testadas na flauta, de que é exímio executor, pelo prof. Juvenal Dias da Silva.¹⁷⁷

É interessante observar a semelhança do toque 3, cantado por José Correa, com o toque festivo, fornecido por Costa. Já a marcha lenta é desconhecida dos atuais tocadores do Pípiruí.

Somente um toque de caixa é atualmente executado:

PARTITURA 11 – Toque de caixa do Pípiruí



5.7 Repertório (função)

A partir da retomada do grupo em 1968, a atuação do Pípiruí restringiu-se à participação nos cortejos, de que tomam parte os demais grupos que atendem a festa. Não há uma posição definida para o grupo no cortejo. Em geral posiciona-se atrás do quadro dos reis e na frente do juizado, que desfilam com seus guarda-chuvas, como pode ser observado em algumas fotografias. Sem dúvida, uma das transformações mais marcantes do Pípiruí pós-68 em relação ao grupo anterior a 1959 talvez tenha sido a perda de funções atribuídas especificamente ao Pípiruí que o tornava tão indispensável à festa. Uma das razões para isto deve-se provavelmente à própria estrutura da festa que modificou-se em alguns aspectos com a extinção da irmandade, no intervalo em que o grupo ficou desativado.

Uma das funções atribuídas ao Pípiruí antes de 1959, era a de participar da sessão do anúncio das jóias, na capela, à tarde, no dia da festa. Era o momento em que os festeiros,

¹⁷⁷ COSTA, 1975, p. 228

juizado, irmãos de mesa e todos aqueles que espontaneamente o quisessem faziam ofertas de jóias¹⁷⁸ (empregados da festa), anuais (irmãos do Rosário) e esmolas (irmãos do Rosário) à irmandade. Nesta ocasião, após cada oferta, o Pípiruí, com seus quatro tocadores, repicava seus instrumentos.

José Marçal dos Santos lembra como se davam estes toques. A melodia por ele solfejada corresponde à primeira parte do toque 4, descrito acima:

*fulano de tal deu jóia tal tal tal tal tal e o Pípiruí: Tum Tum Tum Tum, tururam, taritararam, taritara-rarará. Tararam, taritararam, taritara-rarará. Ta rarirá. Só isso. Parou. Agora outra. Entrava outra, sabe? [...] Às vezes dava 50 mil réis, vinte, trinta, o que fosse. [...] Ficava recebendo aquilo e falava: Fulano de tal deu a mesada de tanto cinquenta reais, cem reais ou vinte reais, dez reais. Em cima da mesa ia ali tomando nota.*¹⁷⁹

E este ritual se prolongava durante o tempo necessário à coleta de todas as ofertas, o que, segundo o próprio Marçal, fazia-se em questão de duas ou três horas.

Em 1983, o Pípiruí reuniu-se na casa de Inezinha e realizaram, nesta ocasião, uma gravação, já fora do contexto da festa, com o objetivo de retratar a antiga cerimônia da oferta das jóias que já não era mais realizada. É José Correa quem faz, na gravação, uma introdução sobre estas ofertas:

*Em comprimento às festividades de N. Sra. do Rosário e aos quinze anos do Pípiruí, nós vamos tentar contar para vocês o que era a presença do Pípiruí tanto acompanhando o Reinado como na hora das ofertas. Essa oferta que tinha nome de jóia, reunia os senhores mesários, os senhores mais assim, digamos, os senhores mais velhos, mais conceituados, eles então formavam a mesada do sagrado, digo, da irmandade de N. Sra. do Rosário. Eles então recebiam dos juízes aquelas oferendas, que, ao som do Pípiruí, do sino e a campainha, anunciavam as mesadas. Deste modo, nós vamos tentar reproduzir um pouquinho o que antigamente [se fazia]. Nunca conseguiremos reproduzir na sua grandiosidade, na sua verdade, o que era mesmo, mas só mesmo assim para os nossos ouvintes terem uma idéia do que era.*¹⁸⁰

¹⁷⁸ As jóias eram ofertas em dinheiro, assim como os anuais, com valores fixados para cada cargo desempenhado na festa.

¹⁷⁹ Entrevista com José José Marçal dos Santos, 10/3/07

¹⁸⁰ Narração de José Correa. Gravado por Inez Ferreira Diniz, 1983.

Em seguida, na gravação, José Marçal dos Santos faz as vezes do encarregado do anúncio da jóia, lembrando nomes daquele tempo e o grupo em seguida realiza o toque. Nesta oportunidade, o toque feito corresponde a uma única frase do toque de número 2, descrito acima.

Outra atribuição do Pípiruí antigo, das mais interessantes, era a de realizar um giro pela cidade tomando nota dos juizes que deveriam ser recolhidos, um a um, na manhã do dia seguinte, para formar o cortejo do reinado. Uma lanterna acesa à porta da casa identificava como sendo a de um juiz ou juíza da festa. Isto se dava à noite, após o levantamento do mastro no dia 31 de dezembro. É novamente José Marçal dos Santos quem nos informa:

E a hora que a bandeira chegava na igreja, o Pípiruí disbandava, ia com o pessoal dar uma volta na cidade pra procurar juizado. Tinha um tal de Zé Chácara, veizinho, com um cadernozinho na mão, anotava as casa ond'ê que tinha juizado. Então pegava no outro dia de manhã pra sair no cortejo do reinado. Era trabalhoso o negócio, sabe? Então o Pípiruí ficava a noite toda rodando a cidade. E aonde é que tinha juíza tinha uma lanterna acesa, aí: ah, ali ten. Então marcou. No outro dia pegava. Cedo. Cedinho. Acompanhando, fazendo parte do reinado. [...] O Pípiruí dava notícia de tudo. É na casa de tal, assim, assim tem juizado, ia lá buscar, cedinho, mais a marujada, ia recolhendo pra no cortejo, trazendo a rainha pro Rosário com o cortejo. O rei e a rainha. Era complicado. E depois disso, tinha a reunião, tinha as oferta, depois que a missa acabava, ia almoçar e voltava pra igreja pra jóia.¹⁸¹



FIGURA 31 - José Marçal dos Santos (Teiado), em 2007. Trumpetista, regente de banda, relojoeiro. Tocou pífano no Pípiruí por volta de 1940. (Fotografia do autor)

¹⁸¹ Entrevista com José Marçal dos Santos, 10/3/07

CAPÍTULO 6 – CAIXA DE ASSOVIO

6.1 Apresentação

A Caixa de Assovio é o nome que recebe, no Serro, o grupo de tocadores de pífanos e caixas. O próprio nome do grupo já revela sua estrutura tímbrica. Na cidade, o termo pífano não é usado atualmente e, em grande medida, nem mesmo conhecido. Usam-se ali dois outros nomes: *flauta* e *subio*. Usaremos, portanto, neste capítulo, preferencialmente o termo nativo *flauta*, para nos referirmos ao pífano. Como instrumento musical, a flauta também é usada, embora de outra maneira, na marujada local, um grupo que também toma parte na festa do Rosário.

A Caixa de Assovio, normalmente, só atua nas festas do Rosário, seja no Serro, seja como convidada, nas festas em localidades próximas, como Alvorada de Minas, Três Barras, Sabinópolis, entre outras. São raros os convites para se apresentarem em ocasiões que não sejam relacionadas ao congado.

O grupo tem um papel central na festa do Serro. É ele quem toca à porta da igreja na matina, no primeiro dia da festa. Em seguida, conduz o cortejo, anunciando o início das festividades, em visita às seis casas de festeiros, onde abençoa e agradece a mesa do café da manhã servido em cada uma delas. Daí em diante, nos dois dias ainda restantes de festa, o grupo se junta ao catopê, responsável pela condução dos vários eventos relacionados ao Reinado. Além da Caixa de Assovio, do catopê e da Marujada, participa também da festa o grupo dos Caboclos. Cada um deles desempenha função própria, de acordo com uma complicada trama de eventos que caracteriza a festa do Rosário do Serro.¹⁸²

¹⁸² Reproduzimos, no anexo 2, os artigos do Estatuto reformado da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro (1979), que tratam da festa do Rosário e dos grupos participantes. Ao que parece, este Estatuto procurou

Nesta festa os grupos participantes normalmente são chamados pelo termo *dança*, inclusive a Caixa de Assovio. Os integrantes das *danças* são os *dançantes*. No entanto, utilizaremos, ao longo do capítulo, o termo *grupo*, para maior clareza.

6.2 Fontes

6.2.1 Documentação da irmandade

Está provavelmente perdida grande parte da documentação histórica da irmandade do Rosário do Serro. De acordo com o atual presidente da irmandade, foi ela tida por papéis sem importância e queimada por uma zeladora da capela do Rosário, onde à época estava guardada. No Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina, há alguns códices referentes à Irmandade do Rosário da Vila do Príncipe (posteriormente Serro), dos séculos XVIII e XIX, nos quais não localizamos referências a pífanos ou caixas. Contudo nossas buscas neles não foram exaustivas. Há um livro de Conta Corrente da Irmandade, em que se lê “Receita e Despeza da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade do Serro, desde 29 de junho de 1901 até 30 de junho de 1908, apresentados pelo Procurador Francisco Caetano Xavier”.¹⁸³ Embora haja algumas referências a pagamentos por música, não foram localizadas despesas específicas com tocadores de pífanos e caixas. Além deste códice, há alguns documentos avulsos referentes à reforma do compromisso que se processou nas primeiras décadas do século XX, com aprovação do Bispo Diamantinense em 1922. Este

consolidar em texto as tradições da festa, tal qual têm sido preservadas há mais de dois séculos. A ata da assembléia da Irmandade que o referendou refere-se à fala do seu presidente sobre as necessidades da “urgente” reforma do compromisso e “em razão da parte histórica e folclórica, que deverá ser perpetuada”. Ainda como reflexo deste tipo de pensamento, até hoje, na matina, à porta da Igreja do Rosário, por volta das cinco horas da manhã do primeiro dia da festa, o texto do estatuto referente à Caixa de Assovio é lido solenemente, não obstante os próprios tocadores não o cumprirem à risca.

¹⁸³ Sem numeração de folhas, localizado na Caixa 403A.

Compromisso reformado, bem como o original, de 1728 e o texto da nova reforma, feita em 1979, foram transcritos e publicados por serranos, alguns dos quais pertencentes aos quadros da diretoria da irmandade.

6.2.2 Literatura memorialista e historiográfica sobre o Serro

Há algumas obras de interesse na literatura memorialista sobre o Serro. A primeira é o livro do político serrano, Joaquim Salles, *Se não me falha a Memória*, publicado pela primeira vez ao longo das décadas de 1950 e 60. No capítulo intitulado “Festas, devoções, divertimentos”, o autor relembra o que testemunhou em sua primeira infância, antes de deixar a cidade ainda com idade de 10 anos. Portanto, tendo nascido em 1879, suas memórias da festa do Rosário correspondem à década de 1880.

O segundo autor de interesse é Geraldo Azevedo Freire, em seu livro *Caminhos da memória*, finalizado por volta de 1989 e publicado em 1997. Nele, o autor também se refere à festa do Rosário dos tempos de sua infância, a partir da época em que mudou para o Serro, aos sete anos, em 1925.

O livro de Aluizio Miranda, *Serro: três séculos de história*, publicado em 1972, também traz algumas informações de interesse sobre a Caixa de Assovio e o Catopê, já com um viés folclorista.

Há ainda os livros de Dário Silva, *História Antiga do Serro* (1932); Maria Eremita de Souza, *Aconteceu no Serro* (1999); e Luis Santiago, *Serro: Política, Geografia e Cultura* (2006), com poucos dados a acrescentar sobre a Caixa de Assovio ou o Catopê.

6.2.3 Depoimentos e demonstrações musicais

Entrevistamos os atuais integrantes da Caixa de Assovio: Jadir Pereira da Fonseca (Jadir Canela) e seu filho, Davi Jesus Silva e os irmãos Robson Ferreira da Mota (Rubinho), Ronei Ferreira da Mota e Rogério Ferreira da Mota. No Serro, além destes, também entrevistamos José Luís Rocha, ex-flautista na marujada; Lurdes Silva (Dona Cesária), viúva de um dos antigos chefes do Catopê; Antônio Marcílio da Silva (Antônio de Nhô), ex-caixeiro da Caixa de Assovio; D. Margarida Alves, viúva de Joaquim Martiliano Alves (Joaquim Gordura), antigo flautista da Caixa de Assovio; e Juscelina da Mota Pacheco, filha de Geraldo Nazário, outro antigo flautista do grupo.

Algumas das entrevistas também incluíram demonstrações musicais do repertório e dos toques de caixa. Ao todo, registramos cerca de 3 horas de depoimentos e demonstrações, no Serro, além das demais fontes e registros da festa.

6.2.4 Audiovisual

As fontes audiovisuais sobre a festa do Rosário do Serro destacam-se pela variedade e riqueza. De fato, a festa do Serro é provavelmente uma das mais documentadas do Congado mineiro. Em todas as seis oportunidades que a acompanhamos, sempre estiveram presentes equipes de televisão, pesquisadores, fotógrafos, cinegrafistas e outros. O material que levantamos é um reflexo deste cenário. Dividimos estas fontes em três tipos:

1. Filmes de curta-metragem e CDs lançados comercialmente;
2. Filmes amadores (VHS e super8) e gravações (K7), não editados, gravados por terceiros;

3. Gravações em áudio e vídeo realizadas ou coordenadas pelo autor.

O mais antigo documento audiovisual localizado é o filme de curta-metragem sobre o Serro do cineasta serrano Alcyr Costa, *O Serro e suas tradições*, de 1957. Um LP também foi produzido na época, com tiragem limitada, provavelmente com as gravações realizadas para o filme. Dois exemplares, de cuja existência soubemos, junto às pessoas que os possuíram, infelizmente foram perdidos. Em todo o caso, no filme, há cerca de 2 minutos de áudio da Caixa de Assovio, embora o grupo não apareça visualmente. Parte deste áudio mistura-se com a narração, em *off*, de Cid Moreira.

A próxima produção cinematográfica de nossa relação é de 1973. O filme de curta-metragem, produzido pela Minas Filme e dirigido por Shubert Magalhães, *Tradição no Serro Frio*, traz pequenos trechos da Caixa de Assovio em áudio e imagem. O Centro de Referência Audiovisual da Prefeitura de Belo Horizonte possui uma cópia desta obra. Neste mesmo ano, o professor e pesquisador Antônio de Paiva Moura registrou, em K7, cerca de sete minutos e meio da atuação do grupo, material que nos cedeu gentilmente.

Em 1975, dois filmes de curta-metragem são produzidos em convênio entre o Instituto Nacional de Cinema e a Universidade Católica de Minas Gerais, com direção do Pe. Edeimar Massote:¹⁸⁴ *Congados e Festa no Serro*. De acordo com Hélio Gagliardi,¹⁸⁵ fotógrafo e montador dos dois filmes, tinha-se em vista, a princípio, a produção apenas do primeiro filme, também rodado em outras cidades. Já o segundo, foi montado tendo em vista o aproveitamento de grande sobra de material captado, relativo ao Serro. O mesmo Gagliardi foi quem nos forneceu uma cópia de *Festa no Serro*.

¹⁸⁴ O Pe. Edeimar Massote foi o fundador da Escola de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais, na década de 1960, a primeira escola de cinema do Brasil. Foi ele também, junto com o Pe. Nereu, os criadores da Missa Conga, no início dos anos 1970, missa adaptada para a participação efetiva das guardas congadeiras, realizada em muitas comunidades do congado mineiro. Devemos estas informações a Hélio Gagliardi.

¹⁸⁵ Em relato de Jan/2009.

Do período 1979-1981, tivemos acesso aos registros feitos por Geraldo Mourão, em Super8. Neste conjunto, cerca de oito minutos retratam a Caixa de Assovio, dos quais, apenas um pequeno trecho do filme de 1981 possui áudio. Devemos a Ildeu Rabelo, um dos chefes do caboclo do Serro, a possibilidade de acesso a estes filmes, bem como aos seguintes: *O Serro e suas tradições* e *Congados*, já referidos, e *Festa do Rosário dos Homens Pretos do Serro*, curta-metragem de Rafael Conde (1995), além de filmagens não editadas das festas de 1988 e 1995.

Outra fita k7, com cerca de um minuto e meio de áudio da Caixa de Assovio, foi gravada e gentilmente cedida pelo flautista José Luis Rocha. O registro do grupo foi feito à porta de sua casa, em 1983, ano em que sua mãe foi festeira.

Outra fonte de consulta foram dois CDs lançados comercialmente. O primeiro CD, *Congado Mineiro – Documentos Sonoros Brasileiros Acervo Cachuera!*, vol. 1 da Coleção do Itaú Cultural, foi gravado durante a festa do Rosário do Serro por Paulo Dias e Marcelo Manzatti, em 1997 e traz uma faixa com a Caixa de Assovio. O segundo CD, *Festa do Rosário 2000 – Serro*, gravado por Caxi Rajão, tem 11 faixas relacionadas à Caixa de Assovio, sendo quatro delas com o catopê. As sete faixas da Caixa de Assovio foram gravadas em Estúdio, fora do contexto da festa.

A partir de 2002, iniciamos nossas pesquisas próprias, no Serro, registrando as festas do Rosário até 2008, exceto em 2003. Em 2006, a documentação foi feita por uma equipe, sob coordenação do autor, que nesta etapa contou com Leonardo Pires Rosse, Juliana Pautilla, Cristina Ferreira e Valéria de Paula Martins.

Gravações e documentários de terceiros, realizados após 2002, não foram incluídos na relação. Veja-se na tabela 2 a lista completa das fontes audiovisuais consultadas, organizadas por ordem cronológica. As durações indicadas dizem respeito, em primeiro lugar, à duração

total de cada uma das fontes e, em seguida, ao tempo total referente à presença em imagem ou som da Caixa de Assovio. Abaixo, a soma total destas durações. A coluna “número de registros” refere-se aos registros individuais de melodias distintas identificadas do repertório, podendo variar desde fragmentos de poucos segundos até trechos ininterruptos de vários minutos de duração.

Entre as fontes audiovisuais, também constam fotografias cedidas por particulares ou tiradas pelo autor ou sob sua direção. No primeiro grupo, são cerca de 20 fotografias, retratando a Caixa de Assovio e também a flauta da marujada desde a década de 1970. Há uma foto, cuja data se desconhece, possivelmente da década de 1960. O segundo grupo, que abrange fotos sobre a festa do Rosário do Serro, em geral, tiradas desde 2002, das quais a maioria retrata a Caixa de Assovio, chega atualmente a um acervo de cerca de 870 fotografias.

Tabela 5 - Fontes áudio visuais consultadas (Caixa de Assóvio)

Ano de gravação	Título / tema	Responsável pela gravação	Suporte original / número de fitas	Duração total	Tempo: Caixa de Assóvio	Número de registros: Caixa de Assóvio	Abreviaturas
1	"O Serro e suas Tradições"	Aleyr Costa (dir.)	16mm, p&b	10'18"	2'03"	2	AVS-1957
2	Festa do Rosário - Serro	Amônio Paiva Moura	k7	25'00"	7'28"	4	AS-1973
3	"Tradição no Serro Frio"	Shubert Magalhães (dir.)	35mm, colorido	11'	-	-	AVS-1973
4	"Congados"	Pe. Edemar Massote (dir.)	35mm, colorido	16'55"	1'58"	4	AVS-1975
5	"Festa no Serro"	Pe. Edemar Massote (dir.)	35mm, colorido	11'	4'10"	7	AVS-1975b
6	Festa do Rosário - Serro	Geraldo Mourão	Super8, colorido	15'02"	4'11"	7	VS-1979
7	Festa do Rosário - Serro	Geraldo Mourão	Super8, colorido	12'10"	2'00"	2	VS-1980
8	Festa do Rosário - Serro	Geraldo Mourão	Super8, colorido	9'30"	2'07"	5	AVS-1981
9	Festa do Rosário - Serro	José Luis Rocha	K7	46'13"	3'04"	2	AS-1983
10	Festa do Rosário - Serro	Autor desconhecido (cedido por Ildeu Rabelo)	VHS	29'44"	5'30"	8	AVS-1988
11	"Festa do Rosário dos Homens Pretos do Serro"	Rafael Conde (dir.)	Betacam[?]	18'00"	7'38"	14	AVS-1995
12	Festa do Rosário - Serro	Autor desconhecido (cedido por Ildeu Rabelo)	VHS	1:33'00"	17'20"	19	AVS-1995b
13	"Congado Mineiro" - Coleção Itaú Cultural vol.1	Associação Cachueira	CD	-	2'05"	1	AS-1997
14	"Festa do Rosário 2000 - Serro"	Caxi Rajão	CD	1:12'14"	24'02"	11	AS-2000
15	Festa do Rosário - Serro (somente Matina)	Daniel Magalhães	Hf8 (1)	1:06'00"	55'33"	32	AVS-2002
16	Festa do Rosário - Serro	Daniel Magalhães	Hf8 (2)	6:28'49"	1:38'20"	60	AVS-2004
17	Festa do Rosário - Três Barras (distrito do Serro)	Daniel Magalhães	Hf8 (1)	1:23'00"	33'08"	20	AVTB-2004
18	Festa do Rosário - Serro	Daniel Magalhães	MD (1)	58'04"	14'11"	3	AS-2005
19	Festa do Rosário - Serro	Leonardo Pires Rosse	MD (4)	5:07'46"	3:27'14"	65 (10 não se repetem em AVS-2006)	AS-2006
20	Festa do Rosário - Serro	Cristina Ferreira / Valéria Martins	Mini-dv (6)	5:40'00"	2:39'24"	60 (5 não se repetem em AVS-2006)	AVS-2006
21	Festa do Rosário - Serro	Daniel Magalhães	Mini-dv (3)	2:13'38"	50'29"	20	AVS-2007
22	Festa do Rosário - Serro	Daniel Magalhães	MD (1)	1:01'54"	22'57"	7	AS-2007
23	Lançamento do CD "Bandas de Taquara e Música de Pífano em MG"	Juliana Pautilla / Daniel Magalhães	Mini-dv (1)	16'45"	15'40"	4	AVBH-2007
24	Festa do Rosário - Serro	Daniel Magalhães	MD (1)	1:22'35"	35'43"	13	AS-2008
Total:				31:37'37"	12:56'15"	370	



FIGURA 32 - Vista do centro histórico do Serro. À esquerda, a capela do Rosário. (Fotografia do autor)

6.3 O município do Serro

6.3.1 Aspectos geográficos e históricos

O município do Serro localiza-se na região das nascentes do Rio Jequitinhonha, a 240 km a norte de Belo Horizonte, Capital mineira. A população atual do município é de 20.862 habitantes,¹⁸⁶ com densidade populacional de 17,12 hab/Km².

A fundação do primitivo arraial do Ivituruí (nome que significa Serro Frio), se deu nos primeiros anos do século XVIII, por aventureiros vindos de Sabará, segundo uma das versões mais aceitas.¹⁸⁷ Pela quantidade de ouro achado no lugar, o povoado cresceu rapidamente, alcançando a condição de vila, em 1714, com o nome de Vila do Príncipe. A partir desta época, o Serro passa a ser sede administrativa de uma grande Comarca, chamada Serro do Frio, cuja jurisdição abrangia nada menos do que todo o norte mineiro, confinando com a margem direita do São Francisco, a oeste, e com o Rio Verde, a norte. Logo, com a fundação da Vila do Fanado (atual Minas Novas), em 1730,

¹⁸⁶ IBGE, www.ibge.gov.br, link Cidades@. Dados de 2007.

¹⁸⁷ MORAIS, *op. cit.*, p. 13-15

grande parte do território mais a norte é desmembrado, mas continua, mesmo assim, contando com um imenso território. Por volta desta época, passa a receber um novo afluxo populacional indireto, em função da exploração do diamante, que se inicia na vizinha região do Tejuco (atual Diamantina). Em 1838, é transformado em cidade, com o nome atual, Serro.

A partir desta época, com o declínio da mineração, vem a estagnação econômica e o município se volta para a agricultura e pecuária, num processo similar ao que ocorreu também em Conceição. Nesta perspectiva, a produção artesanal de queijo para comercialização fora do município passa a despontar como nova opção econômica e torna-se conhecido a nível nacional. Recentemente, o queijo do Serro foi reconhecido pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial. A economia do município tem se voltado ultimamente para o turismo histórico e ecológico.

6.3.2 A Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro está até hoje ativa e tem seu primitivo compromisso datado de 1728. Este sofreu duas reformas, em 1922 e 1979. Promove anualmente a festa do Rosário, a mais tradicional da cidade. Diz-se que inicialmente a festa era no mês de outubro. Mas já desde o século XIX, passa a ser feita na data fixa de 29 de junho. O Estatuto de 1979 ainda traz esta data. Durante a década de 1980, no entanto, começa a ser realizada no primeiro final de semana de julho. As muitas tradições que marcam esta festa são zelosa e devotamente mantidas pelos dançantes e irmãos do Rosário, que a promovem. O colorido, a teia de rituais, a devoção popular, os dançantes, entre outros aspectos, fazem dela um grande acontecimento que justificadamente atrai a atenção dos serranos e de seus visitantes há tantos anos.

6.4 Análise da documentação

6.4.1 Formação instrumental

As evidências mais antigas da atuação da Caixa de Assovio, de acordo com a documentação, é o relato de Geraldo A. Freire, em que o autor, já no início de suas memórias, diz o seguinte sobre o grupo, logo que aborda a festa do Rosário:

Conheci-a [a festa do Rosário] por volta de 1925, em todo o esplendor dos seus reinados, das suas danças e do espocar das girândolas e morteiros! Três dias de festejos e alegrias: a alvorada, na véspera, dia 28 de junho; com o despertar – entre lúgubre e alegre – da “**caixa-de-assovio**”! O conjunto contava apenas de duas figuras: **flautista e caixeiro; flauta – pequena, de bambu – e caixa**, com o seu bater característico. Os dois, sempre acompanhados de muitos devotos, percorrendo todas as ruas da cidade, desde as quatro da madrugada até pelas sete horas, indo depois, tomar café na casa do Rei. Claro, muita pinga e salgado também.¹⁸⁸

Neste relato, o autor dá uma descrição do grupo falando de duas figuras, flautista e caixeiro, provavelmente referindo-se aos diferentes instrumentos que o compunham e não necessariamente ao número de tocadores. Embora a formação mais tradicional para estes grupos de tocadores de caixas e pífanos seja a de quatro integrantes, dois para cada um dos instrumentos, a documentação revela momentos (1975 e 1981) em que o grupo atuou, inclusive, com três flautistas.¹⁸⁹

No caso do Serro, não observamos em nenhuma oportunidade a formação com apenas um flautista, a não ser quando o grupo associa-se ao catopê e, eventualmente, um dos tocadores encontra-se momentaneamente ausente. Em relação às caixas, estas sempre permaneceram em número de duas, a não ser nas fusões com o catopê, quando a estas se juntam duas ou três outras caixas.

¹⁸⁸ FREIRE, 1997, p. 30.

¹⁸⁹ AVS-1975; AVS-1975b; AVS-1981



FIGURA 33 - Caixa de Assovio em 1975: formação com três flautistas. Da esq. para dir.: Zé Alexandre, Geraldo Valente, Joaquim Gordura, Amantino e Sebastião Nazário. Fotograma do filme *Congados*. (Fotografia: Hélio Gagliardi)

6.4.2 Tocadores

O tocador mais antigo identificado é Chico Violeiro. Flautista, integrou a Caixa de Assovio até por volta de 1958, quando faleceu.¹⁹⁰ Seu filho, Joaquim Martiliano Alves (Joaquim Gordura), o substituiu na flauta. Este nasceu em 1932, em Santo Antônio do Itambé, na época distrito do Serro, hoje município. Aos oito anos entrou para o grupo tocando caixa e aos 26, assume o pífano. Deixou o grupo em 1991, por motivo de saúde. De temperamento tranquilo, tinha grande devoção a N. Sra. do Rosário. Várias gravações, fotos e filmagens testemunham a atuação de Gordura.¹⁹¹

Amantino é outro flautista contemporâneo e parceiro de Chico Violeiro e, logo, também de Joaquim Gordura, permanecendo no grupo até falecer, no início dos anos 1980. Ao que parece, trabalhava na construção civil, além de fabricar xícaras de latão.

¹⁹⁰ Entrevista com D. Margarida Alves, nora do tocador. 26/11/2008

¹⁹¹ AVS-1957 (provavelmente ainda caixeiro, já prestes a assumir a flauta); AS-1973; AVS-1973; AVS-1975; AVS-1975b; VS-1979; AVS-1981; 1983 (fotografia); AS-1983; AVS-1988. Além destas, há também uma fotografia da década de 1960 ou 70.

Um dos tocadores que com ele conviveu, diz que “Amantino era mais cabeça quente. Quatro hora ele tava na rua zuano. Ele tava bem véio [nos anos 1980]. Fazia copo. Copo de toma café. De lata”.¹⁹² Amantino é também documentado em diversas oportunidades.¹⁹³

Outro tocador, cuja família rendeu à Caixa de Assovio vários de seus integrantes, foi Geraldo Nazário. Era músico que dominava diversos instrumentos e que também integrou a marujada do Serro. É provavelmente ele o flautista que vemos na marujada, no filme de Alcyr Costa, de 1957.¹⁹⁴ Nazário é, na verdade, o nome de seu pai, de onde ganhou o apelido. Ele tinha a peculiaridade de posicionar a flauta para o lado esquerdo e também fabricava suas próprias flautas.¹⁹⁵ Legou ambos os traços a um de seus aprendizes, José Luís Rocha. Da documentação referente a ele, infelizmente não constam gravações, a não ser o curta-metragem mencionado acima, em que ainda está na marujada. Há apenas duas fotos suas na Caixa de Assovio, uma de 1970¹⁹⁶ e outra, sem data precisa, provavelmente da década de 1960. Tendo nascido em 1910, transferiu-se para Patos de Minas em 1981, nos seus últimos anos de vida.¹⁹⁷ Geraldo era músico por inclinação pessoal, não tendo recebido conhecimentos musicais pela via paterna. No entanto, sua influência se fez sentir nas duas gerações seguintes de sua família, através de seu filho, Sebastião, e quatro netos, filhos deste último.

¹⁹² Entrevista com Antônio Marcílio da Silva (Antônio de Nhô), 26/11/2008

¹⁹³ AVS-1957 (aqui, seria um dos prováveis tocadores); AS-1973; AVS-1973; AVS-1975; AVS-1975b; VS-1979; VS-1980; A VS-1981.

¹⁹⁴ AVS-1957

¹⁹⁵ Cf. figura 26, algumas das flautas confeccionadas por G. Nazário.

¹⁹⁶ Revista “O Cruzeiro” de 4/8/1970, p. 75.

¹⁹⁷ Entrevista com Juscelina da Mota Pacheco, em nov/2008. (Filha de Geraldo Nazário)



FIGURA 34 – Caixa de Assovio com Geraldo Nazário

1. Caixa de Assovio, provavelmente em fins da década de 1960. Desconhece-se a identidade dos dois caixeiros à esquerda. Em seguida, Joaquim Gordura, Zé Alexandre e Geraldo Nazário. Acervo: Família Ferreira da Mota. (Fotógrafo desconhecido)
2. Geraldo Nazário com o catopê. Fonte: Revista “O Cruzeiro” de 4/8/1970, p.75. Foto de José Nicolau.

Sebastião Nazário foi sucessor do pai nas múltiplas habilidades musicais, que compreendiam o domínio do violão, baixo, cavaquinho, acordeon, entre outros instrumentos. Diz-se de ambos que “tocavam o que fosse” na flauta, assim como nos demais instrumentos.¹⁹⁸ Sebastião Nazário teve também passagem pela marujada e tem sua atuação documentada na Caixa de Assovio em vários momentos.¹⁹⁹ Seu derradeiro ano no grupo foi em 1987, quando falece subitamente, aos 42 anos de idade.



FIGURA 35 – Caixa de Assovio em 1987. Último ano de Sebastião Nazário (esq.) no grupo. À sua direita, um caixeiro do catopê, Joaquim Gordura, Geraldo Valente e Antônio de Nhô (parcialmente cortado). Acervo: Ronei Ferreira Mota. (Fotografia: autor desconhecido)

¹⁹⁸ Entrevista com a Robson Ferreira Mota e Jadir Canela, 1º/07/2006

¹⁹⁹ AVS-1975; AVS-1975b; AVS-1981; AS-1983; além de fotografias dos anos 1983 e 1987.

Entre os caixeiros mais antigos, que integraram a Caixa de Assovio, destacam-se Zé Alexandre e Geraldo Valente. O primeiro, provavelmente contemporâneo de Chico Violeiro, atuou até por volta de meados dos anos 1970.²⁰⁰ O segundo, não sabemos quando teria ingressado no grupo talvez ainda na década de 1960. Deixou o grupo em 1987, por razões ignoradas. Este tocador é também documentado em vários momentos.²⁰¹

Outro caixeiro é Antônio Marcílio da Silva (Antônio de Nhô), que entrou para o grupo provavelmente em fins da década de 1970, com aproximadamente 15 anos de idade, em substituição a Zé Alexandre. Permaneceu na Caixa de Assovio até por volta de 1995. As imagens disponíveis de 1979, 1980 e 1981 não o mostram claramente, embora, ele mesmo afirme ter ingressado no grupo por volta dos 15 anos de idade, o que corresponderia à segunda metade da década de 1970.²⁰² No documento de 1979,²⁰³ observa-se um caixeiro ainda novo, que poderia ser Antônio, embora os traços físicos não o confirmem. Há alguns documentos referentes a este tocador.²⁰⁴

Em 1988, entra Jadir Pereira da Fonseca (Jadir Canela), em substituição a Sebastião Nazário, na flauta. Natural de Santo Antônio do Itambé, logo que se transferiu para o Serro, em 1963, ingressou na marujada. Inicialmente no pandeiro, por volta de 1973, passa a tocar flauta naquele grupo, tendo aprendido a tocar o instrumento com Geraldo Nazário. Jadir Canela comenta sobre esta fase de aprendizado:

O avô dele é que me ensinou a tocar flauta. Do pouco que eu sei, aprendi foi com o avô. [...] Muitas vezes eu já perdi a paciência com ele. Falei assim: - Ah, Seu Geraldo, num vou mexer com isso mais não. - Vai, Menino! Cê vai

²⁰⁰ AVS-1957; AS-1973; AVS-1975; AVS-1975b; além de uma fotografia cuja data é estimada entre as décadas de 1960 e 70.

²⁰¹ AS-1973; AVS-1975; AVS-1975b; VS-1979; VS-1980; AVS-1981; AS-1983; além de uma fotografia de 1987.

²⁰² Entrevista com Antônio Marcílio da Silva (Antônio de Nhô), 26/11/2008

²⁰³ VS-1979

²⁰⁴ VS-1979 [?]; AS-1983; AVS-1988; AVS-1995; AVS-1995b. Há também uma fotografia de 1987, em que aparece o tocador.

aprender sim. Tenho certeza que cê vai aprender. [...] Eu ia lá na beira daquela serra pra ele me ensinar a tocar. Dom ingo à tarde, à noite. [...] E o trabaió pra controlar meus dedo! – Num é assim, menino. Ess e aqui vem pra aqui, vem pra aqui, aquela confusão toda, e aí eu ficava nervoso.²⁰⁵



FIGURA 36 – Marujada do Serro, com Jadir Canela. Ele é o segundo, da esquerda para direita, na fileira de baixo. Revista “O Cruzeiro” de 4/8/1970, p. 69. Foto: José Nicolau.

Em 1988, com a vaga aberta no grupo, Joaquim Gordura convida Canela para integrar a Caixa de Assovio, ocasião da qual há registro audiovisual.²⁰⁶ No entanto, dentro de três anos, Gordura é obrigado a deixar o grupo e passa a responsabilidade da chefia a Canela, que permanece na função de chefe até os dias atuais. É ele mesmo quem nos relata sobre este momento:

- Oh, Canela, eu tô meio adoentado, eu num tô agüentando – ele já tinha sofrido derrame – agora num guento tocar flauta, eu vou te entregar a Caixa de Assovio. Foi ele e o Efigênio [da irmandade]. Aí disse. Na época, ele [Joaquim Gordura] falou comigo que a Caixa num era de ninguém. E na mesma época, o Efigênio me convidou pra assumir esse compromisso. Ainda falei com ele: Ah, Seu Efigênio, mas pra mim é uma honra muito grande e a coragem do sr. também tá muita. O sr. acha que eu tenho condições pra isso? - Tem. E ainda falou: - O que cê fizé, Canela, tá bem feito. Um dia eu ainda falei com ele. O Joaquim é muito lento. Num vou dizer que a turma acostumou com ele. Eu num tenho tanta paciência que o Joaquim tem, não. – Já falei com 'cê. O que cê fizé, tá bem feito. Aí no outro dia, cham é os três companheiro, expliquei pra eles tudo diritinho.²⁰⁷

²⁰⁵ Entrevista com Jadir Canela em 1º/7/2006.

²⁰⁶ AVS-1988

²⁰⁷ Entrevista com Jadir Canela, 26/11/2008

Profissionalmente, Jadir Canela se dedica à marcenaria e artesanato, fabricando desde varas de pesca e móveis, até objetos ligados à festa, como arcos dos caboclos. Suas habilidades manuais também o levaram a suceder, há 25 anos, Geraldo Pacheco, na organização do boi-de-baiao, boneco tradicional no cortejo da bandeira. Jadir Canela aparece na Caixa de Assovio em todos os registros desde 1988, além de outros, anteriores, na época em que atuava na marujada.²⁰⁸

No mesmo ano em que Jadir Canela ingressou na Caixa de Assovio, 1988, entrou também um dos filhos de Sebastião Nazário, Rogério Ferreira Mota, que relata a ocasião:

Na época que eu entrei, eu entrei no lugar de meu pai. Como eu num sabia tocar a flauta, o Joaquim me colocou na caixa. E o Jadir entrou na flauta. [...] Tinha uns 12 ou 13 ano, num lembro bem. Assim que meu pai morreu, eu entrei, né? Eu tava com 12 ano. Em seguida o Joaquim me chamou, eu fui. [...] Inclusive na época quando eu entrei, em 88, eu num tava agüentando nem carregar a caixa. A caixa grande, né? Saía arrastando a caixa pra rua qfora.²⁰⁹

Depois de cerca de nove anos, ele deixou o grupo retornando, intermitentemente, nos anos posteriores. Há presença de Rogério nos registros dos anos 1988, 1995, 1997[?], 2002, 2004 e 2008.²¹⁰

Robson Ferreira Mota (Rubinho) é o segundo filho de Sebastião Nazário a entrar para o grupo, embora seja mais velho do que Rogério. Ele substituiu Joaquim Gordura, em 1991, e praticamente não tinha ainda contato com a flauta, a não ser pela presença do pai, que marcara sua infância.

Peguei por tradição né, seguindo meu avô, meu pai. Por convite do seu Jadir, que eu não sabia tocar nada. Só sabia soprar a flauta. Seu Jadir que foi lá em casa, né seu Jadir, me ensinando.²¹¹

²⁰⁸ Na marujada: A S-1973; AVS-1975; AVS-1975b; e 8 fotografias dos anos 1970. Na Caixa de Assovio: AVS-1988; AVS-1995; AVS-1995b; AS-1997; AS-2000; AVS-2002; AVS-2004; AVTB-2004; AS-2005; AS-2006; AVS-2006; AVS-2007; AS-2007; AVBH-2007; AS-2008. Há ainda 3 fotografias de 2003.

²⁰⁹ Entrevista com Rogério Ferreira Mota (26/11/2008)

²¹⁰ AVS-1988; AVS-1995; AVS-1995b; AS-1997 (no CD não há referência ao nome dos tocadores. A foto apresentada do grupo parece incluir Rogério); AVS-2002; AVS-2004; AVTB-2004; AS-2008.

Rubinho tem sido, desde então, o fiel parceiro de Jadir Canela na flauta, até os dias atuais. A partir de 1995, todos os documentos registram sua atuação.²¹²

Outros dois irmãos de Rubinho e Rogério têm participado do grupo, como caixeiros. Ronei Ferreira Mota entrou em substituição a Antonio de Nhô e, desde então, tem quase sempre tomado parte no grupo.²¹³ Ultimamente, Ronei começou a se interessar pela confecção e execução da flauta. Claudinei Ferreira Mota, que entrou no lugar de Rogério, no final dos anos 1990, permanecendo, dois ou três anos, voltou a participar do grupo, na festa de 2007.²¹⁴

Finalmente, os irmãos Davi Jesus Silva e ‘Dadá’, filhos de Jadir Canela, também participaram do grupo, como caixeiros.²¹⁵

6.5 Instrumentos

Das antigas flautas do Serro, localizamos três exemplares, todos fabricados por Geraldo Nazário. Jadir Canela possui uma delas, presenteada pelo fabricante. É de plástico e foi utilizada por muitos anos na Caixa de Assovio, até que se adquiriu a atual parelha. As outras duas foram presenteadas por Geraldo Nazário a José Luís Rocha, ex-flautista da marujada. São de ferro, de mesmo comprimento e disposição dos orifícios, porém uma de diâmetro menor que a outra. A partir destas flautas, José Luís fabricou, ele próprio, duas réplicas em PVC.

²¹¹ Entrevista com Robson Ferreira Mota (Rubinho) em 1º/7/2006.

²¹² AVS-1995; AVS-1995b; AS-1997; AS-2000; AVS-2002; AVS-2004; AVTB-2004; AS-2005; AS-2006; AVS-2006; AVS-2007; AS-2007; AVBH-2007; AS-2008. A lém de 3 fotografias de 2003.

²¹³ AS-1997; AS-2000; AVS-2002; AS-2005; AS-2006; AVS-2006; AVBH-2007; AS-2008.

²¹⁴ AVS-2007; AS-2007.

²¹⁵ Davi: AVS-2004; AVTB-2004; AS-2005; AS-2006; AVS-2006. Dadá: AVS-2007; AS-2007; AVBH-2007.



FIGURA 37 – Flautas fabricadas no Serro

1. Flauta fabricada por Geraldo Nazário. Acervo: Jadir Canela
2. Flauta fabricada por Geraldo Nazário (dir.) e sua réplica, fabricada por José Luis Rocha (esq.). Acervo: José Luis Rocha. (Fotografias: Juliana Pautilla)

Além destas flautas outras podem ser observadas nas fotografias antigas do grupo. Jadir Canela possuía uma flauta preta toda pintada com bolinhas coloridas; Sebastião Nazário nos anos 1970 tocava com uma flauta escura, nos anos 80 com uma flauta branca, de metal; Geraldo Nazário e Amantino também tocavam com flautas brancas; Joaquim Gordura é visto com uma flauta preta, na década de 1970 e, a partir de 1983, toca uma flauta branca, aparentemente a mesma que pertencia a Amantino.



FIGURA 38 - Jadir Canela, na marujada, com flauta pintada com bolinhas coloridas. Fotograma do filme curta-metragem *Tradição no Serro Frio*, de Shubert Magalhães, 1973. Acervo: Minas Filme. (Fotografia: Harley Carneiro)

As flautas atualmente utilizadas pela Caixa de Assovio não foram fabricadas no Serro. Jadir Canela teria adquirido o par de um vendedor ambulante.²¹⁶ Segundo o chefe da Caixa da Assovio, somente duas flautas, entre outras dezesseis disponíveis, estavam afinadas a contento, no momento da aquisição. Estas flautas são tampadas apenas com o próprio nó do bambu, o que resulta uma afinação de oitavas imprecisa, e quase não se verifica exemplares que soem na tessitura potencial do instrumento, de cerca de duas oitavas e uma quinta. No entanto, tal limitação na terceira oitava não constituiu problema para os fins práticos da Caixa de Assovio, levando-se em conta que as melodias executadas atualmente pelo grupo dificilmente ultrapassam o âmbito de uma sexta, no registro médio do instrumento. O modelo de flauta deste fabricante tem, ao invés de seis, sete orifícios digitais, uma tradição que parece ter vindo de país da zona andina. Além dos sete orifícios, seus instrumentos, de bambu, são ornamentados por entalhes com figuras de pássaros, índios, entre outros motivos. Para adaptar os instrumentos às suas necessidades, Jadir Canela simplesmente tampou com um pequeno pedaço de madeira o sétimo orifício, localizado no dorso do cilindro. Além desta tampa no orifício dorsal, os instrumentos ganharam também anéis de metal nas extremidades para reforço contra rachaduras e, no caso do instrumento de Jadir Canela, um belo crucifixo de madeira, também fixado na extremidade, que estava no antigo pífano usado pelo flautista.

²¹⁶ Provavelmente, trata-se do mesmo fabricante de flautas, que vende seus instrumentos consignados no Mercado Central de Belo Horizonte há pelo menos oito anos, conhecido por César (não sabemos o sobrenome).



FIGURA 39 - Parelha de flautas atualmente usadas na Caixa de Assovio. Bambu. Fabricante: César [?]. Os anéis de reforço nas extremidades e o crucifixo, assim como o tampas no orifício dorsal (não-visíveis na foto), foram acréscimos feitos por Jadir Canela (Fotografia: Juliana Pautilla)

As flautas usadas na Caixa de Assovio têm nota fundamental variando entre um lá alto e um si bemol, a não ser em 1995, quando a fundamental é si. Na análise, há que se ter em vista também a possibilidade de variações na rotação dos equipamentos utilizados, principalmente gravadores e reprodutores k7 e equipamentos de gravação e telecinagem no caso de filmes. No entanto, mesmo considerando estes fatores, as gravações não aparentam distorções relevantes neste sentido. Uma amostragem das gravações nos vários períodos documentados, apresenta o seguinte quadro:

TABELA 6 - Quadro das notas fundamentais produzidas pelas flautas

Ano	Nota fundamental das flautas	Equipamento de gravação	Ano	Nota fundamental das flautas	Equipamento de gravação
1957	sib	Gravador de rolo [?]	1983	sib	Gravador de k7 Aiko
1973	sib	Gravador k7	1988	lá↑	Câmera VHS
1975	sib↓*	Gravador de rolo Nagra	1995	si	Câmera VHS
1981	sib↓	Câmera super 8	2002-2008	sib↓	Câmera Hi8 / Mini-DV / Gravador MD

* As setas indicam que a frequência está ligeiramente acima ou abaixo das notas em questão, de acordo com o diapasão lá=440hz

Aparentemente, as flautas usadas na marujada têm afinação mais alta, em suas notas fundamentais. Os dois exemplares fabricados por Geraldo Nazário, em poder de José Luís Rocha, apresentam notas fundamentais em si. As gravações da marujada também fazem supor a afinação em si, bem como a flauta fabricada por Geraldo

Nazário, com que Jadir Canela toca na Caixa de Assovio, no documento de 1995, mostrada na figura 26-1. Convém notar que entre os dois grupos há uma diferença quanto às escalas utilizadas. Enquanto na Caixa de Assovio a tônica corresponde à nota fundamental (a nota mais grave), alcançada com todos os orifícios tampados, na marujada, a tônica alcança-se com três orifícios abertos, produzindo uma nota mi, em uma flauta cuja fundamental é si. Isto se deve, provavelmente, à tonalidade em que as músicas são tocadas, com acompanhamento de violas, violões, cavaquinhos e banjos.

No quadro acima, a pequena variação de menos de um semitom entre todos os exemplos (a única exceção é 1995, em que foram usadas flautas de medidas diferentes), mostra que a nota fundamental das flautas utilizadas pela Caixa de Assovio tem sido tradicionalmente si bemol.

Quanto às caixas do grupo, não temos maiores referências sobre as antigas, que vemos em algumas fotografias, com bojo azul e aro vermelho. São aparentemente menores em diâmetro que as atuais. Tanto estas, quanto as antigas, possuem o sistema de taraxas para esticar as peles de couro, aliás, uma preferência de todos os grupos que atuam na festa.²¹⁷

As duas caixas atuais são pintadas de azul, com bojo de compensado e peles de couro em ambas as extremidades, em dois tamanhos diferentes, percutidas cada uma delas por um par de baquetas de madeira. Trazem um dispositivo na pele inferior, conhecido pelo termo *resposta*.²¹⁸ Esta pele, que não é percutida, vibra por ressonância e graças à resposta, tem seu som amplificado. A resposta é constituída de esteiras esticadas sobre a pele, em que se prendem, no caso destas caixas, umas miçangas e pequenos objetos cilíndricos seccionados.

²¹⁷ O filme de Alcyr Costa, de 1957, já mostra as caixas com este dispositivo.

²¹⁸ Jadir Canela (Entrevista em 26/11/2008), fornece o termo *chocaió*, para a resposta, em virtude do chocalho de cascavel, normalmente preferido para este dispositivo.



FIGURA 40 - Resposta da caixa. (Fotografia do autor)

6.5.1 Plantas dos instrumentos

6.5.1.1 Pifanos

1. Fabricação: Geraldo Nazário

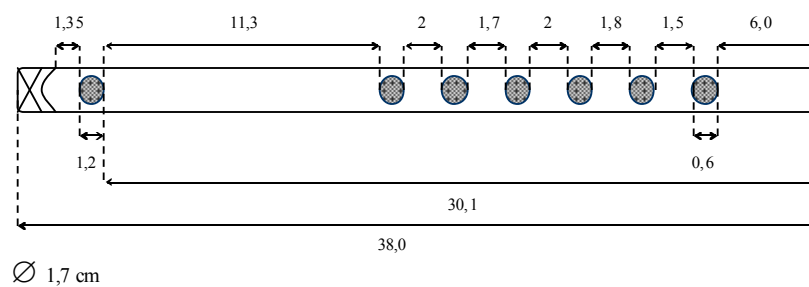
A cervo: José Luís Rocha

Material: Ferro

Cor: Preta

Nota fundamental: si³

FIGURA 41 – Planta do pífano (1) de Geraldo Nazário



2. Fabricação: Geraldo Nazário

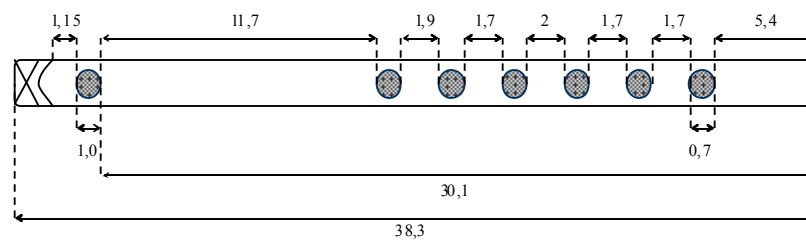
A cervo: José Luís Rocha

Material: Ferro

Cor: Preta

Nota fundamental: si3

FIGURA 42 – Planta do pífano (2) de Geraldo Nazário



Ø 1,35 cm

3. Fabricação: Geraldo Nazário

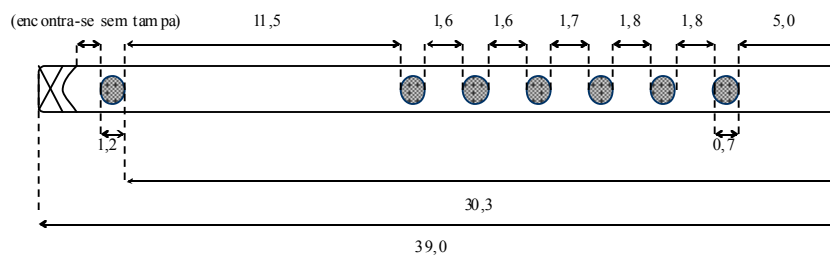
A cervo: Jadir Canela

Material: Plástico

Cor: Preta

Nota fundamental: si3

FIGURA 43 – Planta do pífano (3) de Geraldo Nazário



Ø 1,85 cm

4. Fabricação: César [?]

A cervo: Jadir Canela

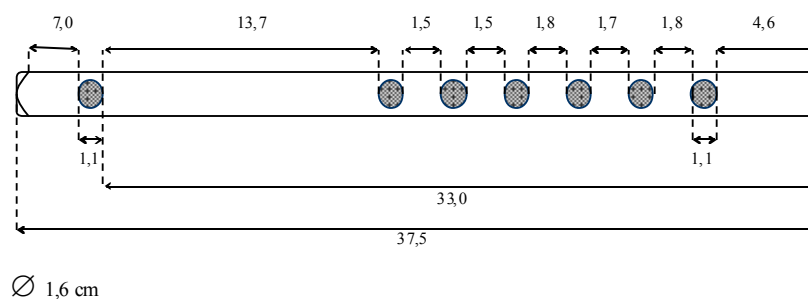
Material: Bambu

Cor: Tom natural de bambu

Nota fundamental: sib3↓

Observações: Possui entalhes ornamentais, anéis de metal nas duas extremidades, crucifixo preso em uma delas. Tampado pelo próprio nó do bambu. Flauta utilizada atualmente pela Caixa de Assovio.

FIGURA 44 – Planta do pífano de bambu utilizado atualmente na Caixa de Assovio



5. Fabricação: José Luís Rocha

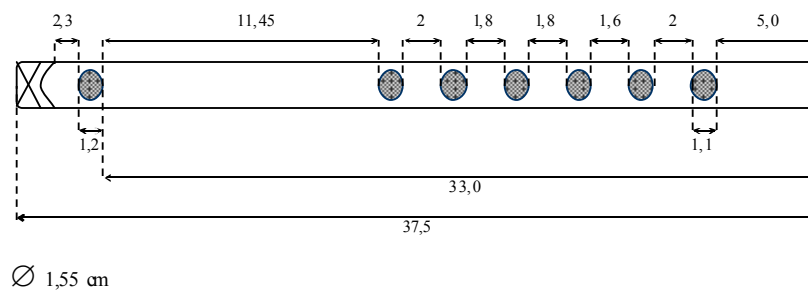
A cervo: José Luís Rocha

Material: Plástico (PVC)

Cor: Branca

Nota fundamental: dó4

FIGURA 45 – Planta do pífano de José Luís Rocha



6.5.1.2 Caixas

Fabricante: desconhecido

Acervo: Caixa de Assovio

Componentes: Bojo: compensado de madeira, pintado de azul;

Aro e arraxas para esticar peles: metal

Pele: couro

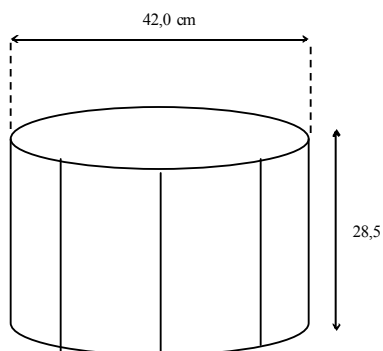
Alça: couro

Resposta (*chocaió*): dois cordões de nylon esticados, em que se prendem secções de 2 a 5 cm de talos de penas de galinha e urubu e pequenos objetos cilíndricos de bambu, metal e plástico, além de contas de plástico e sementes de lágrima de N. Sra.

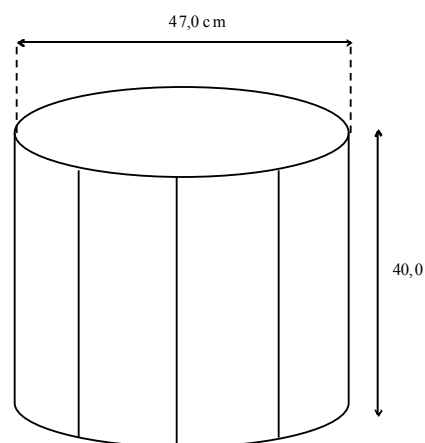
Baquetas: madeira (duas)

FIGURA 46 – Planta das caixas atuais da Caixa de Assovio

1.



2.



6.6 Repertório

Como já foi mencionado acima, a Caixa de Assovio e o catopê atuam em conjunto na festa como um só grupo e o repertório de ambos torna-se, assim, o mesmo. Nem mesmo no único momento em que a Caixa de Assovio está sozinha, na manhã de sábado, há especificidade no repertório executado. Levantamos cerca de 30 músicas dos dois grupos, sendo que 6 delas não têm sido mais feitas nos últimos anos e tampouco conseguimos registros sonoros das mesmas. Além destas, os flautistas tem costume de acompanhar os hinos católicos que eventualmente são cantados durante a festa, que não estão aqui incluídos.

Na análise que faremos a seguir, tentaremos evidenciar uma ruptura no estilo musical do grupo, ocorrida na transição que se deu entre 1988 e 1991, quando a Caixa

de Assovio se renovou quase por completo. Optamos em transpor as melodias transcritas, de sib maior para dó maior, com o objetivo de facilitar a leitura.²¹⁹



FIGURA 47 - Caixa de Assovio e Catopê, em 2008. Da esq. para dir.: o caixairo Ronei Ferreira, o chefe Catopê, Nelson Silva, Jadir Canela, Robson Ferreira (Rubinho) e Rogério Ferreira (tampado). (Fotografia do autor)

6.6.1 Aspectos musicais

6.6.1.1 Ritmo

O repertório é marcado pela variação entre dois tipos de toques: a marcha *lenta* e a marcha *dobrada*, mais rápida. Mais uma vez, são estes dois toques os mesmos praticados pelo catopê. Neste caso, houve, de fato, uma absorção pela Caixa de Assovio dos toques do catopê.

As partituras apresentadas são aproximações das execuções reais, cujas nuances rítmicas extrapolam os objetivos deste trabalho. Durante as festas, os toques se

²¹⁹ Muitos autores, como Crook (1991), optaram pela transcrição da música de pífano na tonalidade de ré.

prolongam indefinidamente, repetindo a estrutura básica com algumas variações, não se limitando às possibilidades fornecidas abaixo.

1. Marcha lenta.

Apenas quatro músicas foram identificadas, feitas com este ritmo: *Ave Maria*, *São Benedito*, *Emo qua*, *Deus vos salve casa santa*, *Vamos levar a coroa do imperador*. Esta última, segundo os integrantes do grupo,²²⁰ pertence ao repertório da marujada de Alvorada de Minas, uma cidade vizinha, em cuja festa do Rosário a Caixa de Assovio costuma participar como convidada. *Deus vos salve casa santa* é repertório comum a outras festas de congado. As outras três serão comentadas adiante.

PARTITURA 12- *Vamos Levar a coroa do Imperador* (do repertório da marujada de Alvorada de Minas)



Cabe ainda notar que as marchas lentas possuem um tom mais solene, de cunho religioso e invocatório mais acentuado. Segundo Glaura Lucas (1999, 158), que descreveu os ritmos de caixas, em seu estudo sobre as guardas dos Arturos e Jatobá, diz que “a marcha lenta é para ser executada com a guarda parada, em situações solenes, como, por exemplo, dentro da Igreja na Missa Conga, nos agradecimentos à mesa, e também em funerais”.²²¹ Contextos semelhantes foram igualmente observados no Serro.

²²⁰ Entrevista com Jadir Canela e Robson Ferreira (Rubinho), em 1º/7/2006. É interessante notar que o grupo também tocou longamente esta música em Belo Horizonte (set/2007), numa oportunidade em que atuou fora do contexto da festa do Rosário.

²²¹ LUCAS, 1999, p. 158-159.

Por outro lado, um dos caixeiros ainda presentes na época, Antônio de Nhô, já acumulava experiência de quase dez anos no grupo e, de alguma forma resistiu a esta adaptação. É Rogério também quem fala sobre isto:

Eu mais Antonio, eu bati com ele um ano, ele só batia aquele toque antigo. Eu tentava seguir ele, num conseguia de jeito nenhum. E ele só conseguia bater aquele ritmo véio. - Esse aí, eu num consigo bater esse ritmo, não. Que é muito apressado, entendeu? E Antonio batia numa calma, aquilo tudo. Depois Antonio mesmo saiu, entrou Ronei, meu irmão. Nós continuamos batendo esse que nós batemo até hoje.²²³

Acabou prevalecendo, assim, a adaptação recomendada por Joaquim Gordura. Tivemos a oportunidade de entrevistar Antônio de Nhô, que nos demonstrou a execução do toque antigo, o mesmo que se escuta nas gravações anteriores a 1988.

3. Toque de caixa antigo.²²⁴

Dentre as gravações que trazem este toque, a de 1983 destoa pelo andamento, bem mais acelerado. Nesta época, estava no grupo Antônio de Nhô, e não mais Zé Alexandre, como nas outras. O toque é levemente rufado, sendo a estrutura abaixo as acentuações principais.

PARTITURA 15 - Marcha dobrada Toque de caixa antigo

● = 116 (1957); 120 (1973); 112 (1975); 132(1983)

²²³ *Ibidem.*

²²⁴ Há também um toque antigo mais lento, porém não conseguimos uma referência clara dele.

6.6.1.2 Me l d i a

As melodias das músicas executadas pelo grupo, atualmente, enquadram-se no âmbito de uma sexta maior, executadas no registro médio da flauta, a partir do sib⁴, na tonalidade de si bemol maior. Percebe-se a presença, com um certo destaque na melodia, do sétimo grau abaixado, no registro do grupo de 1957, característica que não foi mais observada posteriormente.

As frases melódicas são muito recorrentes ao longo do repertório, variando, às vezes, de uma música para outra em pequenos detalhes, ou mesmo, sendo idênticas, em alguns casos. Neste sentido, temos, por exemplo, *Aonde vai parar / Da licença, Senhor Rei*, mostradas abaixo. O que distingue as duas músicas é uma segunda parte em *Aonde vai parar*, que *Dá licença* não possui. Esta segunda parte, por sua vez, é praticamente igual à segunda parte de *São Benedito. Adeus, Sinhá, adeus / Entrega essa coroa e Ave Maria / São Benedito*, são outros pares que apresentam semelhanças acentuadas entre si. Outras várias semelhanças ocorrem dentro do repertório.

PARTITURA 16 - *Dá licença, Senhor Rei*



PARTITURA 17 - *Aonde vai parar*



Em geral, há uma diferença entre a melodia das flautas e seu canto correspondente. Os instrumentos realizam um contorno geral da melodia original e, às vezes, fogem desta consideravelmente, adquirindo uma outra forma que se consagra através do uso.

6.6.1.3 Textura

A textura talvez seja o aspecto que melhor evidencie a ruptura musical ocorrida no grupo, em 1988. Joaquim Gordura, que chefiava a Caixa de Assóvio nesta transição – até sua saída, em 1991 –, para acomodar o então novato Jadir Canela,²²⁵ não objetou em que este acompanhasse as melodias em uníssono. Desabituaado com o dueto de flautas polifônico, Canela já fazia muito em memorizar um repertório considerável, inteiramente novo para ele. Com o súbito derrame sofrido apenas três anos depois, talvez Gordura não tenha tido tempo suficiente, ou mesmo disposição, de instruir Canela no estilo polifônico até então praticado no grupo. Nesta medida, a referência que restou a Canela foi a da textura em uníssono, não obstante o uso de duas flautas. Com isto, também aqui, o grupo teve de se adaptar a uma nova sonoridade. Mesmo neste novo contexto estilístico, percebe-se um aprimoramento dos atuais flautistas, juntos desde 1991, ao compararmos, por exemplo, as gravações de 1995 e 1997, com as dos anos mais recentes.

Porém, os antigos registros do grupo revelam uma textura predominante a duas vozes, que incluiu, como vimos, até três vozes, em determinados momentos. Nos exemplos transcritos abaixo, vemos que a relação destas vozes não se limitou à homofonia em terças paralelas, muito comuns nos estilos musicais relacionados ao pífano, mas incluiu também contrapontos. Transcrevemos, da fase anterior a 1988,

²²⁵ Novato no grupo, e não na flauta, que já tocava desde pelo menos 1973.

trechos de gravações de 1957 e 1973, que aparentemente dizem respeito à mesma música, não localizada entre as que se executa atualmente. No exemplo de 1957, a locução de Cid Moreira embola-se à música até o compasso 20, havendo trechos em que as notas eram inaudíveis e foram inferidas.

PARTITURA 18 - *Música de 1957*

The musical score is presented in four systems. Each system consists of two staves: a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a bass clef staff. The time signature is 2/4. The piano accompaniment is a steady eighth-note pattern. The vocal line includes various rhythmic patterns and rests, with some notes marked with a flat (b). The score is numbered 9, 17, and 25 at the beginning of the second, third, and fourth systems respectively.

PARTITURA 19 - *Música de 1973*

6.6.1.4 Forma

O repertório traz, em geral, uma ou duas frases curtas, em geral de oito compassos, que se repetem sucessivamente, enquanto se faz necessária a execução, podendo prolongar-se por vários minutos. Normalmente, as marchas dobradas, feitas na rua, são encadeadas uma após a outra, em pot-pourri, sem interrupção das caixas. Nos casos em que se emendam estas marchas com *Emo Qua*, à entrada das casas, as execuções contínuas superam os dez ou quinze minutos.

Um aspecto que ressalta na execução das flautas é a pausa que é feita a cada repetição da frase melódica, pausa esta de vários compassos, em que as caixas seguem tocando. Tal característica, não era tão marcante nas décadas passadas, quando a execuções eram mais contínuas, como pode-se ver nas partituras acima, de 57 e 73, e em outras gravações. Às vezes, observa-se nestas pausas os flautistas trocando algumas palavras entre si ou com outras pessoas fora do grupo. Estas pausas também correspondem ao tempo de alternância entre flautas e canto, quando o catopê ou alguns de seus integrantes, estão presentes, cantando. Veja-se, mais adiante, as partituras de *Ave Maria* e *Emo qua*, com exemplos desta alternância entre canto e flauta, bem como das pausas observadas, mesmo sem a presença de canto.

Cerca da metade do repertório compõe-se de músicas com apenas uma frase, a qual é repetida seguidamente. Destas, uma parte traz dois membros de frase com campo harmônico polarizado:

PARTITURA 20 - *Adeus, Sinhá, adeus*

Outras mantêm-se no campo da tônica:

PARTITURA 21 - *Vai, vai* (1ª versão)

Algumas músicas possuem duas frases. Vejam-se estas duas músicas em que há um parentesco evidente:

PARTITURA 22 - *Eiv em, eiv em, meu povo guerrear*



PARTITURA 23 – *Toque*²²⁶



6.6.1.5 Outros aspectos musicais

Quase todas as músicas até agora descritas são muito antigas e não são mais conhecidos seus autores. Entretanto, ao ser questionado sobre o repertório do grupo, Jadir Canela fala de uma música, que teria sido inventada por Joaquim Gordura:

*E aquela musica, tão lenta, que Joaquim tocava. Mas ela é tão complicada. [cantarola] Perdi até o ritmo dela. Muitos ano. [...] Musica nova, que ele inventou, mas ele já cantou essa música logo, já bem perto do falecimento dele. É, foi ele que inventou. Música até muito complicada demais, tanto que ele nem continuo tocando ela, não.*²²⁷

Repare-se que Canela emprega o termo *ritmo* no sentido de *melodia*, como frequentemente se vê em contextos musicais de transmissão oral. Desta música

²²⁶ Os tocadores do grupo não conhecem um nome para esta música, a qual tampouco possui letra, sendo a única do repertório puramente instrumental. Isto, se ela não for uma variação de *Eivém, eivém*, uma hipótese plausível.

²²⁷ Entrevista com Jadir Canela em 1º/7/2006

específica, não ficou registro, assim como podem ter havido outras em semelhante condição. Os dados levantados indicam que o repertório da Caixa de Assovio era maior do que se apresenta hoje.

Embora a performance do grupo corresponda ao padrão para tocadores de pífanos e caixas, com execuções instrumentais, observamos, por outro lado, que o repertório, na quase totalidade, possui letra. Apenas em uma das músicas atualmente praticadas não se observou a presença de uma parte cantada. Não sabemos, tampouco, quantas das antigas músicas já esquecidas correspondiam a este critério. Certamente, o envolvimento do grupo com o catopê, teve também papel fundamental na dinâmica deste repertório.

6.6.2 Aspectos funcionais

6.6.2.1 Matina e café da manhã

A atuação do grupo está vinculada a funções específicas, determinadas segundo cada momento da festa. A Caixa de Assovio protagoniza o início dos festejos, no evento da *Matina*, na qual o grupo executa, em três blocos, três repetições da música *Ave Maria*, sem acompanhamento de canto e entremeado pelo badalo de sinos e foguetes. Após o terceiro bloco, a porta da igreja se abre e o grupo segue tocando igreja adentro e os quatro músicos giram próximos ao altar, sem interromper o toque, até que param. Repare-se, na partitura de um dos blocos executados da *Ave Maria*, na matina da festa de 2006, as pausas entre as repetições da melodia e, na segunda repetição, uma variação melódica emprestada de *São Benedito*, que foge completamente da música. Os

pequenos triângulos correspondem às notas fracas da caixa, nesta marcha lenta. A letra da música é a seguinte: “A ve Maria canta lá no céu, A ve Maria ela canta lá na glória”.

PARTITURA 24 – *Ave Maria*

The musical score is presented in six systems, each with a vocal line and a drum line. The time signature is 2/4. The drum line consists of a steady eighth-note pattern with small triangles indicating accents. The vocal line contains the following lyrics: "A ve Maria canta lá no céu, A ve Maria ela canta lá na glória".

10

18

27

35

43

O Estatuto reformado da Irmandade, em 1979, prescreve o que deve ser feito na Matina e em sua sequência, no café da manhã na casa dos festeiros.

No dia 28 às cinco horas da manhã, teremos a “MATINA”. Somente a Caixa de Assovios, reunir-se-á na porta da Igreja em companhia do 1º Juiz e de todos os irmãos. Precisamente às cinco horas, a mesma entoará cânticos, por três vezes. Após a terceira vez, o chaveiro (sacristão) abrirá bem lentamente a porta da Igreja, cujas luzes estarão apagadas, e todos entrarão, ao som da Caixa de Assovios, para pedir à Virgem do Rosário as bênçãos para a sua festa. Nesta hora teremos fogos de artifícios e repique dos sinos de todas as Igrejas da Cidade. Após a MATINA, a Caixa de Assovios, juntamente com o 1º Juiz e irmãos, percorrerá a casa de todos os festeiros, anunciando o início oficial da Festa do Rosário. Será servido a todos um cafezinho, aperitivos, salgados.²²⁸

Jadir Canela também fala sobre a matina e o café da manhã:

Quatro e meia nós já temo que estar aqui pela rua pra reunir lá na porta da igreja. Se o tempo permitir, é muita gente. A praça da igreja fica superlotada. Então sai aquela multidão me acompanhando. E, com o diz, eu sou o guia da turma toda. Ai nós vão visitar os seis festeiro. E nós encerramo lá onde foi o corte. O corte é onde eles matavam o boi [...] Ai faz a última homenagem. Em cada lugar que a gente visita, tem que rodear a mesa, tem a música pra gente cantar. Fala que tá agradecendo a mesa. Ai canta, despede e já vão pra outro lugar, pra outra casa de outro festeiro. São seis festeiro.²²⁹

O café da manhã nas seis casas de festeiros – rei, rainha, 1º juiz, 1ª juíza, 2º juiz, 2ª juíza – que se segue à matina, é todo conduzido pela Caixa de Assovio. O grupo sai da igreja com a marcha dobrada *Olha a retirada* que, doravante, é sempre ‘puxada’, na saída dos recintos em que se encontram. Uma outra música também utilizada alternativamente para esta função de retirada é *Adeus, Sinhá, adeus*.

PARTITURA 25 - *Olha a retirada*



²²⁸ COMPROMISSO... 1979, p. 13-14.

²²⁹ Entrevista com Jadir Canela, em 30/6/2006.

Ao se aproximar da entrada da casa do primeiro festeiro,²³⁰ a Caixa de Assovio passa a tocar a marcha lenta *Emo qua*, antes de prosseguir a caminhada adentrando o local. Sem interromper o toque, o grupo dirige-se à mesa do café posta, a qual circula várias vezes, agora com o acompanhamento de Irmãos do Rosário cantando, com destaque para Maria de Lurdes Silva (Dona Cesária), viúva de um dos antigos chefes do catopê. A partitura e comentários sobre este canto encontram-se na seção sobre os vissungos.



FIGURA 48 - Caixa de Assovio e Dona Cesária no café da manhã. 2008.
(Fotografia do autor)

Terminado o canto, o acesso à comida é franqueado e toma-se o café, servido com grande variedade de quitandas, bolos, queijos, biscoitos, bebidas e aperitivos típicos. Depois de dez ou quinze minutos, o grupo reúne-se “para agradecer a mesa”, cantando *São Benedito*. A letra desta música é a seguinte, de acordo com o que é cantado atualmente: “São Benedito, sua casa cheira [ou cheia], cravos e rosas cheira flor

²³⁰ Ultimamente, o café da manhã foi transferido para escolas, clubes e creche da cidade, em vista da multidão de pessoas que vem tomar parte neste início de festa com fartura de comidas e bebidas. A própria Irmandade tem se preocupado com a dimensão que o café da manhã tomou nos anos recentes, em alguns casos, acionando o corpo policial para evitar tumultos e desordens.

da laranjeira. Eivem São Benedito, vem saindo cá pra fora, óia lá, venha receber o martírio do rei da glória”. Aluízio Miranda fornece uma versão diferente:

São Benedito, sua casa cheira
 Cravos e rosas, e fulo de laranjeira.
 Eivem São Benedito
 Ele eivem de lá de dentro
 Com a nossa reiconga,
 Para nosso rei olha
 São Benedito, sua casa cheira,
 cravos e rosas e fulo de laranjeira.²³¹

PARTITURA 26 – São Benedito

Após várias voltas circulando a mesa, o grupo emenda a marcha *Olha a retirada* e sai novamente às ruas em demanda da próxima casa de festeiro. Assim percorre as seis casas, arrematando a manhã do sábado na ‘casa do corte’, mencionada por Jadir Canela.²³² Ali sempre cantam *Deus vos salve Casa Santa*, além de *Emo qua*, para a chegada e *São Benedito*, no agradecimento à mesa, além de outras.

²³¹ MIRANDA, 1972, p. 113.

²³² É ali que a família de José Mourão (Zé de Fina), particularmente sua filha Glorinha, dá prosseguimento à tradição deixada por ele de distribuir pedaços de bois sacrificados na véspera e mantimentos a centenas de habitantes do Serro e das vizinhanças, carentes. Foi José Mourão um dos promotores da publicação do Compromisso da Irmandade junto ao Estatuto reformado, em 1979, cuja apresentação leva sua assinatura. Seu filho, Geraldo Mourão, foi o realizador das filmagens em super8 das festas dos anos 1979, 80 e 81.

6.6.2.2 Cortejos e outras etapas da festa

Logo mais, voltam a se juntar para o toque do ‘meio-dia’, em frente à igreja do Rosário. O toque apropriado é mais uma vez *Ave Maria*. Esta é, dentro do repertório da Caixa de Assovio e do catopê, a música mais solene, cantada no início da festa e sempre que se vai tirar (das casas) reis e juizes, assim como quando se tira a bandeira de N. Sra. ou sua imagem para a procissão.

Atualmente, o grupo não acompanha mais o mastro, no sábado à noite, devido a compromissos assumidos por Jadir Canela com o *boi de balaio*, outra tradição da festa, que tem sua única saída justamente neste momento. No dia seguinte, o grupo volta a reunir-se cedo, na sede do catopê. Daí em diante, os dois grupos passam a atuar juntos. Em termos de instrumental, significa o acréscimo de outras duas ou três caixas, e cerca de dez reco-recos e outro tanto de xique-xiques. Por volta das sete da manhã, o grupo (agora somado ao catopê), é o primeiro a ganhar as ruas com a missão de formar o reinado. Algumas das músicas feitas durante os cortejos (assim como nos cortejos da manhã de sábado), são *Eivem, eivem, meu povo guerrear, Toque, Aonde vai parar* (partituras acima), *Rei Mangangá, Vai, vai* (1ª e 2ª versão), *Quemba*, entre outras:

PARTITURA 27 - *Rei Mangangá*



PARTITURA 28 - *Vai, vai* (2ª versão)

PARTITURA 29 - *Quemba*

Cânticos que se fazia durante os trajetos e em outras situações são informados por Aluizio Miranda. Seguem abaixo, as letras informadas pelo autor:

Viva a rainha do céu,
Viva o rei, viva a rainha,
viva a rainha do céu

Quando avistam a Igreja do Rosário:

Donde vai parar (tris)
No Rosário, onde vai morar.
Óia lá,
Donde vai parar,
No Rosário, onde vai morar

Para que o reinado se afaste da igreja, é chamado pelos catopês, que entoam:

Vamos simbora, não fica ninguém,
O rei a rainha, não fica também.

Cantigas que fazem pela rua:

Catopê, cumé que ocê chama,
Canela de ferro criado de vosmicê.

Minha gente nós vamo simbora,
Vamo no Rosário festeja Nossa Senhora.

Eivem, eivem a pomba real (bis),
Ou viem o por mar, ou viemo por terra,
Viva Senhora do Rosário.
[atualmente, canta-se: eivem, eivem, eivem meu povo guerrear]

Minha gente venha vê (bis),
Os pretinho do Rosário,
Ó Senhora, ó Senhora, ó Senhora do Rosário.²³³

Um evento importante da festa, conduzido pelo catopê (Caixa de Assovio incluída), é o ritual de passagem da coroa do rei velho ao rei novo, e da *vara* de juizes velhos para novos, após a procissão, no dia do reinado. Neste momento, rei, rainha ou juizes estão sentados em seus respectivos tronos e o grupo ajoelha-se para cantar *Ave*

²³³ MIRANDA, *op. cit.*, p. 113,114.

Maria, por três vezes.²³⁴ Após este cântico, o grupo entoa *Entrega essa coroa*, que é quando se dá a passagem da coroa, cetro e capa, no caso dos rei e rainha e vara, no caso de juiz ou juíza. Finalizada a transmissão, é a hora de se cantar *Senhor rei* [ou rainha, juiz ou juíza, conforme o caso] *nós vamos embora*, retirando-se do local, acompanhando os novos dignitários.

PARTITURA 30 - *Entrega essa coroa*



PARTITURA 31 - *Senhor rei, nós vamos embora*



Na segunda-feira, após todos os compromissos, a festa se encaminha para o desfecho, que não acaba cedo:

*Até segunda feira, mais tarde da noite, ainda tem o final da festa. Tamo entregando os festero do ano que vem. Costuma ficar até uma hora da manhã, dependendo do giro e onde que os festero vão ser hospedado. Às vezes é um lugar mais longe. Se um fica perto da praça, o outro lá pro arraial de baixo, lá no final do Gambá. Tem que entregar todos.*²³⁵

²³⁴ Maria da Conceição Alves Costa (Maria de Boneco), filha do antigo chefe do Catopê, Vicente ‘Enterrador’, conta que seu pai cantava sete vezes para tirar rei, rainha e juizes e não três vezes, como passou a ser feito. Segundo a mesma informante, a música *Vai,vai* era usada depois de tirar 1º juiz e 1ª juíza e *Rei Mangangá* seria originária de Milho Verde, um distrito próximo, onde há também um Catopê muito antigo. (Entrevista em 27/11/2008).

²³⁵ Entrevista com Jadir Canela, em 30/6/2006.

6.6.3 Vissungos

Na região do Serro e Diamantina, desde o período colonial, floresceu, entre a população afro-descendente, alguns tipos de cantos, que se tornaram posteriormente conhecidos pelo termo *vissungo*, divulgados pela primeira vez por Aires da Mata Machado Filho, em 1943.²³⁶ O autor fala sobre os variados propósitos a que se destinavam:

Alguns são especialmente adequados ao fim e acompanham fases do trabalho das minas. Outros parecem cantos religiosos adaptados à ocasião, já no exercício consciente de práticas feiticeiras, já pelo esquecimento do primitivo significado. Os negros no serviço cantavam o dia inteiro. Tinham cantos especiais para a manhã, o meio-dia e a tarde.²³⁷

O autor informa serem os *vissungos* também usados, ao lado de caixas, em “cerimônias que acompanhavam o levantamento do mastro”:

Enquanto alguns do grupo levantam o mastro e o sustentam, outros dançam em torno, socando a terra e cantando os *vissungos*, sempre ao ritmo dos tambores.²³⁸

Falantes e cantantes do dialeto africano estiveram sempre presentes na região do Serro. Na própria cidade, informa A luízio Miranda lembrar-se de

ter ouvido o negro Luis Mundéu, desde muitos anos chefe dos catopês, explicar que “*unganga*” é padre – resto perdido de uns conhecimentos de línguas africanas. Soube que o então vigário local, depois Bispo de Barra do Pirai, D. José Andrade Coimbra, há coisa de uns vinte anos, coligiu boa safra de terminologia negra na boca de dançantes mais conhecedores que os de hoje.²³⁹

²³⁶ O autor realizou sua pesquisa em 1928 e a publicou em seu livro *O negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. 3ª ed. Foi o primeiro a sistematizar estes cantos. Novo estudo na região foi realizado por Lúcia Valéria do Nascimento, em São João da Chapada, local das pesquisas de Machado Filho e em Milho Verde. (África no Serro Frio. *Vissungos: Uma Prática Social em Extinção*. Dissertação de Mestrado em Linguística, FALE, UFMG, 2003.

²³⁷ MACHADO FILHO, 1985, p. 65-66.

²³⁸ *Ibidem*, p. 71.

²³⁹ MIRANDA, *op. cit.*, p. 105.

Miranda dá como extinto, já em 1972, o uso de línguas africanas no Serro. Porém, tendo sido, no passado, tão presentes como o foram estes cantos, ainda a memória de alguns indivíduos os têm guardado até hoje. Citamos, por exemplo, o canto do catopê, *Emo qua*, nitidamente pertencente a este gênero. Com efeito, ele é usado no contexto da festa pelo catopê e pela Caixa de Assovio, para abrir passagem, na entrada de recintos, assim como para abençoar o alimento antes de ingeri-lo. A significação do termo *Emo qua* não foi obtida e era desconhecida pelos próprios cantantes. Os versos em língua africana que se seguem são os seguintes: *Inganazambi eu sou fia*. O primeiro termo, *Inganazambi*, é uma palavra recorrente nos vissungos e tem por significado ‘Senhor Deus’. Não sabemos se *eu sou fia*, é de fato o que está sendo dito ou uma deformação de vocábulos africanos, com a conseqüente perda do antigo significado. Há uma versão, toda em português, que é preferida quando o canto é feito publicamente durante a festa. Em apenas duas ocasiões recordamos ter ouvido D. Cesária cantando a versão em dialeto africano, uma, em sua casa, em entrevista realizada por nós, em março de 2007, e a outra, no contexto da festa, juntando-se à Caixa de Assovio na porta de sua residência e acompanhando o grupo ao redor da mesa do café da manhã, em 2004, ano em que foi festeira.

Na transcrição abaixo, lê-se, na segunda linha da letra, as palavras em dialeto africano. A seqüência da letra nesta mesma linha, já em português, é usada alternadamente com a letra da primeira linha pelos cantantes em qualquer circunstância em que o canto é realizado. Os trechos sem letra são a parte solo da flauta.

Partitura 32 - *Emo qua*

Emo qua Oi va lha mim Nos sa Se nho ra Emo qua Emo qua
In ga na zam bi eu so fi a Emo qua

qua La no cam po do Ro sa rio E mo qua
Da li cen ca nes sa fes tu

segue a música

Há outro canto, o qual nunca testemunhamos durante a festa, documentado por Rafael Conde, junto à mesma Cesária,²⁴⁰ e por A Luisio Miranda. Segundo este último autor, o canto era realizado “ao se encontrarem outros dançadores (marujos ou catopês), que também vêm saudar o reinado”. A seguir, apresentamos a letra, cujo significado desconhecemos, em duas versões, a primeira de Miranda e a segunda do libreto do Estatuto reformado, que traz algumas letras de cânticos da festa:

Olelê catumbi,
redá do caminho que eu quero passá,

²⁴⁰ AVS-1995.

galinha dangola virou patuá.²⁴¹

Hô lerê catumbira, Hô lerê catumbira
Arreda do caminho que eu quero passar
A galinha d'angola, virou patuá
Pisa no chão devagar.²⁴²

Percebe-se o quanto estes cantos estão ainda presentes na festa do Rosário do Serro, mesmo tendo-se abandonado o uso do dialeto africano quase por completo. O repertório praticado pelo grupo é todo imbuído da relação entre música e função, elementos indissociáveis neste contexto.

Numa outra perspectiva, a festa de Nossa Senhora do Rosário atua como um arquivo de práticas que se inscrevem em outra perspectiva temporal e simbólica. E concluindo com Sônia Queiroz, pesquisadora dos vissungos:

Desaparecido o ritual dos funerais feitos a pé e o trabalho coletivo, as festas religiosas de cronograma fixo (especialmente a festa de N. S. do Rosário) passam a desempenhar um papel essencial na preservação dos cantos em Minas.²⁴³

²⁴¹ MIRANDA, *op. cit.*, p. 114.

²⁴² COMPROMISSO... 1979, p. 19-23.

²⁴³ QUEIROZ, 2008, p.3

Tabela 7 - Quadro comparativo dos grupos de tocadores de pifanos e caixas em Minas Gerais

Nº de tocadores	Pipirui (Conceição do Mato Dentro)		Caixa de Assovio (Serro)	Guarda de Honra (Minas Novas)	Diamantina	Ouro Preto	Milho Verde	Grupo da região do Serro	Araçuaí
	Antes de 1959	Após 1967							
pifanos	2	2 ou 3 (1981: último ano em que se viu 3 pifanos juntos)	2 ou 3 (1981: último ano em que se viu 3 pifanos juntos)	1	2	(1) 1 (1733) formação mista com uma trombeta (2) 1 (1789-1790) (3) flautas (1789-91) formação mista com trompas (4) flauteiros (1758-59) formação mista com boazes e trombetas	2	2	1
Instrumentos (características)	2	madeira; desmontáveis	metal; pvc; bambu	metal	[?]	[?]	[?]	[bambu?]	[?]
Nº de toques de caixa	2	1	Compensado: taraxas	Madeira: corda	madeira: corda	[?]	[?]	[?]	[?]
Ocasões de atuação	2	1	2	6	[?]	[?]	[?]	[?]	[?]

CONCLUSÃO

Tendo em vista todo o exposto passamos às conclusões, nas quais gostaríamos de reforçar algumas das análises feitas com outras reflexões sobre o trabalho de campo, a pesquisa, e seus possíveis desdobramentos.

Com tantas evidências vinculando o pífano à matriz européia militar, uma nova perspectiva para o entendimento dos grupos espalhados em território brasileiro se abre, não só no caso de Minas. Ao passo que, aqui, o negro se serviu do instrumental para atender aos seus propósitos no âmbito das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, no Nordeste, apesar de existirem contextos similares envolvendo pífanos e irmandade do Rosário, será preponderante a participação do indígena, como elo de transmissão destas tradições. Na mesma medida em que o negro foi elemento essencial empregado nas guerras coloniais contra as nações estrangeiras, o indígena também teve um papel de destaque neste sentido. De fato, no início da colonização portuguesa, o aldeamento supunha também sua militarização e não eram outros, senão o pífano e a caixa, os instrumentos utilizados no contexto. Talvez decorra destas circunstâncias a corrente versão da origem indígena do pífano, repassada oralmente no Nordeste.

O panorama apresentado demonstra que estes tocadores de pífanos e caixas não foram expressões isoladas, nem surgidas ao acaso, mas, pelo contrário, teriam sido proeminentes outrora, como o são ainda hoje no Nordeste, onde a estrutura social da Região os conservou em grande número.

Verificamos, analisando as funções desempenhadas pelos diversos grupos de tocadores mineiros, nas festas do reinado, similaridades que fazem supor serem os usos tão antigos quanto padronizados. O bando, por exemplo, já era praticado em Vila Rica (Ouro Preto) e no Tejuco (Diamantina), ao mesmo tempo em que o encontramos no

Serro atual, já revestido de outra terminologia – *matina e café da manhã* – mas com finalidade idêntica: o anúncio da festa (há, no entanto, no Serro, características que particularizam este ritual). Outros eventos se mantêm intactos: a posse da mesa administrativa e de reis e juizes; o mastro; o cortejo do reinado. O pagamento dos anuais, jóias e esmolos, acompanhados dos instrumentos, é prática comum a pelo menos dois dos grupos. Na região de Minas Novas, onde há a presença de elementos extra-musicais, como pontão, corta-vento (espada) e bandeira, há também um repertório associado especificamente à atuação destas figuras. Há ainda peculiaridades, como no caso do Pípiruí, de sair à noite, na véspera do reinado, a anotar as casas onde no dia seguinte deverão recolher o juizado para composição do cortejo. Enfim, a presença destes tocadores no contexto das festas não é, de nenhuma maneira, acessória. Frequentemente, os tocadores se referiram ao fato de que, sem eles, o reinado não sai, procurando retratar sua importância. De fato, trata-se de grupos que fornecem os toques musicais fundamentais na operacionalização dos cerimoniais durante a festa.

Uma das características mais salientes destas formações, além do timbre, é a sua mobilidade espacial. Estes grupos são especializados em execuções processionais que envolvem necessariamente o deslocamento físico e, no âmbito militar, supriram as necessidades de acompanhamento em longos deslocamentos, por terra ou por mar. A facilidade em obter os materiais necessários na confecção dos instrumentos a partir dos recursos obtidos facilmente na natureza, como algodão para cordas, couro para peles, madeira para aros e bojos, bambu e taquara para a flauta, sem necessidade de processamentos complexos, também responde pela preferência que estas formações tiveram sobre outras.

No entanto, os pífanos encontrados em Minas diferem dos do Nordeste, pela durabilidade dos materiais empregados em sua fabricação, com exemplares em madeira

e metal. O PVC é de utilização mais recente e já é comum também no Nordeste. Podemos distinguir um contraste nas proporções dos instrumentos entre as regiões do Serro e Conceição, com instrumentos menores e com fundamental em dó e sib e Minas Novas, cujos pífanos são maiores, com fundamental em lá b.

Determinados condicionantes históricos marcaram o surgimento destes grupos, em Minas Gerais, no período colonial: riqueza material advinda da exploração do ouro e minerais preciosos; grande presença de populações negras como esteio de mão de obra; forte presença de contingentes militares, com engajamento dos próprios negros; presença marcante das irmandades no âmbito da sociedade colonial; desenvolvimento cultural e artístico. Destaque-se também que, tanto as irmandades, com suas festas, quanto os tocadores de pífanos e caixas, não surgiram em Minas, mas são instituições modeladas e transplantadas a partir de outros centros mais antigos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife/Olinda, e finalmente, Lisboa, para falar dos principais. E se cidades como Conceição do Mato Dentro, Serro e Minas Novas, tiveram ocasião de ver surgir estas formações musicais e acompanhar, até os dias atuais, os mesmos grupos em seus contextos rituais (é certo, já, em grande medida, transformados), isto também deve-se a razões que mais uma vez aproximam estes locais. Neste sentido, apontaríamos três fatores, em três diferentes esferas: no âmbito da economia regional, destacamos a estagnação que se seguiu à exaustão das lavras auríferas e o isolamento geográfico que impediu sua industrialização; em segundo lugar, num plano social, destacamos o apego da população local aos valores tradicionais; e, por último, em uma variável correspondente aos indivíduos particulares, a habilidade destes em transmitir oralmente os conhecimentos musicais através de várias gerações. São normalmente fatores muito humanos que determinam a perda ou recuperação de um conhecimento.

Registramos aqui, também, uma transformação simbólica importante na percepção do pífano, que passa, de instrumento militar português do período colonial, a representar, no Serro, o “gemido dos negros nas senzalas”. Estamos diante de uma inversão completa do significado do instrumento, que passa, de objeto de opressão nas mãos de militares portugueses, a símbolo do “negro oprimido nas senzalas”!

Percebe-se, hoje, uma crescente pressão da sociedade envolvente impondo uma sensibilidade auditiva modificada. O som elétrico-eletrônico em alto volume passa a ser cultuado como valor positivo. Com isto, temos visto frequentemente nas festas do Rosário, uma alteração do espaço ritual, na medida em que os organizadores incluem potentes equipamentos de som mecânico ligados tocando simultaneamente com os grupos, não deixando margem à audição dos mesmos, desprezando-os, enfim, e relegando-os a papel ornamental.

O trabalho de campo foi sempre ocasião de novas descobertas e surpresas. Ao longo das dezenas de vezes que retornamos à região, fomos obrigados a rever nossos conceitos e certezas por diversas vezes, face a novas informações e situações vividas, confirmando a importância de uma estadia prolongada *in loco*.

Como primeiros frutos da pesquisa, testemunhamos, no papel de fomentadores e co-partícipes, a reativação do Pipiruí, de Conceição do Mato Dentro, que encontrava-se, na época, há dezesseis anos parado. Surpreendeu-nos a prontidão com que os antigos tocadores responderam ao interesse movido a respeito de seu trabalho, reacendendo a chama de uma tradição que continuava latente, embora não manifesta. Em Minas Novas, o atual tocador de pífano baseia-se em nossos registros para recompor os antigos toques perdidos. No Serro, os tocadores da geração mais nova, descendentes de antigos integrantes da Caixa de Assovio, encantam-se em conhecer o estilo musical praticado por seu pai e avô, do qual não tinham referências.

Estamos diante, portanto, de uma tradição musical viva, que também deixou inúmeros vestígios de sua presença no passado, e desta maneira, gera a possibilidade de um diálogo fecundo que informa tanto o conhecimento histórico quanto a atuação musical dos tocadores no presente.

Sentimo-nos gratificados pela oportunidade e acolhida que nosso projeto mereceu da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste sentido, reafirmamos a importância do papel da Universidade no fomento a pesquisas que desenvolvam o conhecimento histórico-musicológico, com ainda grande terreno a percorrer no Brasil, comprometido e articulado com as comunidades e a tradição oral.

O panorama que apresentamos dos tocadores de pífanos e caixas, em Minas Gerais, é uma síntese das pesquisas realizadas até agora sobre o tema. Na medida em que novas investigações forem feitas, certamente surgirão novos dados que poderão contribuir, numa perspectiva cada vez mais ampla, para a compreensão deste estilo musical em seus diversos aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLGAYER-KAUFMANN, Regine. *Der Kampf des Hundes mit dem Jaguar: bandas de pífanos in Nordostbrasilien*. Hamburg: Karl Dieter Wagner, 1996.

ALVAREZ-PEREYRE, Frank; AROM, Simha. Ethnomusicology and the Emic/Etic Issue. In: *Journal of the International Institute for Traditional Music*. Vol. 35(1). Berlin: IITM, 1993.

ANDRADE, (Cel.) Paulo René. *Origens Históricas da Polícia Militar de Minas Gerais 1709/1831*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

ANDRADE, Mário de. *Dicionário Musical Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Vol. 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo Público Mineiro, 2006.

BARBOSA, Elmer C. Correa. *O Ciclo do Ouro, o Tempo e a Música do Barroco Católico*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: [s.n.], 1971.

BARROCO, no. 16. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

BATE, Phillip. *The Flute*. Londres: E. Benn, 1969.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Festa do Rosário de Pombal*. João Pessoa: Ed. UFPB, 1979.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. 2006. Dissertação (Mestrado em Música) Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, 2006.

BLADES, James e MONTAGU, Jeremy. *Early Percussion Instruments*. Oxford: University Press, 1976.

BLANCO, Ricardo Román. *Las 'Bandeiras': Instituciones Bélicas Americanas*. Brasília: UnB, 1966.

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (org.) *As Minas Setecentistas*. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 59-75.

_____. *Os Leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986.

BRANDÃO, Carlos. *A Festa do Santo Preto*. Goiânia: UFGO, 1985.

BRAWNWIESER, Martin. O Cabaçal. In: *Boletim Latino-Americano de Música*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.

BUDASZ, Rogério. *A Música no Tempo de Gregório de Mattos*. Curitiba: Dep. Artes/UFPR, 2004.

CAJAZEIRA, Regina Célia de Souza. *Tradição e Modernidade: O perfil das Bandas de Pifanos da cidade de Marechal Deodoro – Alagoas*. 1998. 183 f. Dissertação (Mestrado em Música: Etnomusicologia) - UFBA, Salvador, 1998.

CALDAS, José Antônio. *Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Edição Fac-similar. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951.

CAMPOS, João da Silva. *Procissões Tradicionais da Bahia*. Salvador: SES, 1941.

CANECA, Marco Antônio da Silva. *O Pífano da Feira de Caruaru: Contexto; Características; Aspectos Educativos*. 1993. Dissertação (Mestrado em Música) - Conservatório Brasileiro de Música, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: E dUSP, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Luís Paulo Macedo (coord.). *O Exército na História do Brasil*. Vol 1 (Colônia). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.; Salvador: Odebrecht, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (org.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX / James Clifford. José Reinaldo Santos Gonçalves (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROZÁRIO NA FREGUEZIA DA CONCEYÇÃO DA VILLA DO PRÍNCIPE DO SÊRRO DO FRIO NO ANNO DE 1.728. [Belo Horizonte]: [s.e.], 1979. Inclui o Compromisso reformado da Irmandade de 1922 e o Estatuto de 1979.

COTTA, André Guerra. A Música em Itabira do Mato Dentro: Reflexões sobre uma pesquisa de campo e leituras de fontes secundárias. In: CASTAGNA, Paulo (org.). *V Encontro de Musicologia Histórica: Anais*. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004.

COTTA, Francis Albert. Para além da desclassificação e da docilização dos corpos: organização militar nas Minas Gerais do século XVIII. *MNEME – Revista de humanidades*, v.1, n.1, ago./set. / 2000. Acessado no sítio <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/mneme.pdf/mnemen3pdf/mnemev2n3a.pdf>, em 20/1/2009.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Conceição do Mato Dentro – Fonte da Saudade*. Itatiaia, 1975.

CROOK, Larry Norman. *Zabumba Music from Caruanu, Pernambuco: Musical Style, Gender, and the Interpretation of Rural and Urban Worlds*. 1991. Tese (Doutorado em Música) - University of Texas, Austin, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*. São Paulo, 1953. Biblioteca Histórica Paulista, vol VIII

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. 2 vols. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1978.

DIAS, Maria Vitória. *Mato Dentro: Viagem Através dos Tempos e Contratempos da História de Conceição*. Belo Horizonte: Dossiê de investigação histórica, 1994..

DINIZ, Jaime C. *Músicos Pernambucanos do Passado*. Vol. 1 Recife: UFPE, 1969.

_____. *Músicos Pernambucanos do Passado*. Vol. 2 Recife: UFPE, 1971.

_____. *Músicos Pernambucanos do Passado*. Vol. 3 Recife: UFPE, 1979.

FIGUEIREDO FILHO, José de. *O Folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FITZGIBBON, H. Macaulay. *The Story of the Flute*. Londres: Crowest, 1940.

FREIRE, Geraldo Azevedo. *Caminhos da memória*. Belo Horizonte: Maza Edições, 1997.

FURTADO, Júnia Ferreira. *O Livro da Capa Verde: O Regimento Diamantino de 1771 e a Vida no Distrito Diamantino no Período da Real Extração*. São Paulo: Annablume, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1983.

HOOD, Mantle. *The Ethnomusicologist*. New York: McGraw-Hill, 1971.

JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EdUSP, 2001.

JULIÃO, Carlos. Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos uzos do RJ e Serro do Frio. Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. (ed.). RJ, Biblioteca Nacional, 1960.

KASTNER, Georges. Manuel Générale de Musique Militaire. A l'Usage des Armées Françaises. Paris, Typographie de Firmin Didot Frères, 1848.

LAHON, Didier. Exclusion, Intégration et métissage dans les confréries Noires au Portugal (XVIIe-XIXe). In: QUEIJA, Berta Ares; STELLA, Alessandro (org.). *Negros, Mulatos, Zambaigos. Derroteros Africanos en los Mundos Ibéricos*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos- Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000, v. 407, p. 275-311.

LANGE, Francisco Curt. Documentação Musical Pernambucana. *Barroco*. Belo Horizonte, vol 9, p. 7-52, 1977.

_____. Pesquisas Luso-Brasileiras. *Barroco*. Belo Horizonte, vol. 11, p. 71-142, 1980.

_____. *História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais*. Vol. 8 – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

_____. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica*. Vol. 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979.

_____. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica*. Vol. 5. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

_____. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica*. Vol. 2. Irmandade de São José dos homens pardos ou bem casados In: *Barroco* no. 6, Belo Horizonte: UFMG, 1979.

LARA, Silvia Hunold. Significados cruzados: as embaixadas de congos na Bahia setecentista. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: Unicamp, 2002.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Crônica Militar*. Belo Horizonte: edição do autor, 1960.

LUCAS, Glauro. *Os Sons do Rosário: Um Estudo Etnomusicológico do Congado Mineiro – Arturos e Jatobá*. 1999. Dissertação (Mestrado em Música) – ECA, USP, São Paulo, 1999.

MAC CORD, Marcelo. *O Rosário de D. Antônio: Irmandades Negras, Alianças e Conflitos na História Social de Recife, 1848-1872*. Recife: Ed. UFPE, 2005.

- MARCUSE, Sibyl. *A Survey of Musical Instruments*. New Abbot, David and Charles, 1975.
- MEIRA, Antônio Gonçalves & Schirmer, Pedro. *Música Militar e Bandas Militares: Origem e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Estandarte Editora, 2000.
- MELLO, Christiane Figueiredo Pagano de. A guerra e o pacto: a política de intensa mobilização militar nas Minas Gerais. In: *Nova história Militar Brasileira*. CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Cap. 2, p. 67-86.
- MENDES, Fábio Maria. Encargos, privilégios e direitos: o recrutamento militar no Brasil nos séculos XVIII e XIX. In: *Nova história Militar Brasileira*. CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Cap. 4, p. 111-138.
- MERRIAM, Alan P. *Antropology of Music*. Evaston: Northwestern University Press, 1964.
- MIRALES, José. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n], 1900.
- MIRANDA, Aluizio Ribeiro de. *Serro, três séculos de História*. Belo Horizonte: [s.n.], 1972.
- MONTAGU, Jeremy. *The World of Medieval and Renaissance Musical Instruments*. New Abbot: David & Charles, 1980.
- MORAIS, Geraldo Dutra. *Música Barroca Mineira*. São Paulo: [s.n.], 1975.
- _____. *História de Conceição do Mato Dentro*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1942.
- MORAIS FILHO, Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- MOURÃO, Rui. *O Alemão que Descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- NASCIMENTO, Lúcia Valéria do. *A África no Serro do Frio. Vissungos: uma Prática Social em Extinção*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) -. FALE, UFM, Belo Horizonte, 2003.
- NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts*. Urbana: University of Illinois Press, 2005. 2ª edição.
- PEDRASSE, Carlos Eduardo. *Banda de Pifanos de Canuaru: Uma Análise Musical*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 2002.
- PEIXE, César Guerra. Zabumba, Orquestra Nordestina. In: *Revista Nacional do Folclore*, no. 26. São Paulo, 1970.

PEREIRA FILHO, Jorge da Cunha. *Tropas militares luso-brasileiras nos séculos XVIII e XIX*. 2001. Disponível em: http://buratto.org/gens/gn_tropas.html, Acesso em: 28/7/08.

PILÓ, Conceição. *Conceição do Mato Dentro*. [s.l.], Grafenge, 1980.

PINHEIRO, Iva Rodrigues. *Origem do Processo Migratório no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: UFMG-FACE, 1988.

PINTO, Tiago de Oliveira. As Bandas de Pifanos no Brasil: Aspectos de Organologia, Repertório e Função. In: CASTELO-BRANCO, Sawa El. Schawan (coord. e ed.). *Portugal e o Mundo: o Encontro de Culturas na Música*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Nova Enciclopédia, 1997.

PIRES, Hugo Pordeus Dutra. A Malícia do Pife. Caracterização Acústica e Etnomusicológica do Pife Nordeste. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

POEL, Francisco van der, OFM. *O Rosário dos Homens Pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

PORTO, Liliana de Mendonca. *Feiticaria, negritude e a relação com o "outro": Crenças mágicas em uma cidade do vale do jequitinhonha/MG*. Brasília, 2003. 248 f.

_____. *Reapropriação da tradição a partir do presente: Um estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte/MG(a)*. Brasília, 1997. 252 f.

PRIORE, Mary del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Sônia. Vozes da África em terras diamantinas. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Edição especial, out/2008.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Registro de diversas cartas, patentes, ordens, bandos, etc. do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1711). Ouro Preto: Arquivo Público Mineiro, vol. 2, nº 4, 1897. p.794-95.

RICHARD, Fernando. Congado: Festa maior à Senhora do Rosário. *O Cruzeiro*, 4/8/1970, p. 66-75.

ROCHA, Ilídio. Da introdução da tipografia à passagem de Lourenço Marques à cidade. Extraído do sitio <http://www.macua.org/livros/DAINTRODUCAODATIPOGRAFIA.htm>. Acesso em 24/02/2009. Cita LOBATO, Alexandre. *História da Fundação de Lourenço Marques*. Lisboa: [s.l.], 1948. p. 82

ROCHA, José Joaquim da, (autoría atribuída). Memória Histórica da Capitania de Minas-Geraes", *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ouro Preto: Arquivo Público Mineiro, nº 2, 1897. p. 425-517.

ROCHA, José Maria Tenório. As Bandas de Pifanos do Nordeste do Brasil. *Folclore*. Nº13. Guarujá: Centro de Folclore do Litoral Paulista, 1988.

SACHS, Curt. *The History of Musical Instruments*. Londres, J. M. Dent & Sons, 1978. [1a. ed. 1940]

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SALLES, Joaquim de. *Se não me Falha a Memória*. Poços de Caldas, Insituto Moreira Salles, 1993.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *A Vila em Ricas Festas: Celebrações Promovidas pela Câmara de Vila Rica – 1711-1744*. Belo Horizonte: Fumec/FACE/Editora com Arte, 2003.

SANTIAGO, Luis. *Serro: Política, Geografia e Cultura*. Terceiro livro da série O Vale dos Boqueirões – História do Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: edição do autor, 2006.

SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, nº14, 1909. p. 718.

SCARANO, Julita. *Devoção e escravidão: a Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no séc. XVIII*. São Paulo: Comp. Ed. Nac./Sec. de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

SILVA, Dario. *Memória sobre o Serro Antigo*. Serro: Typ. Serrana, 1928.

SOUZA, Bernardo Xavier Pinto e, "Memórias Históricas da Província de Minas Geraes", *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, nº 8, 1908. p. 523-639.

SOUZA, Maria Eremita. *Aconteceu no Serro*. Belo Horizonte: BDMG, 1999.

SOUZA, Marina de Mello e. *Os Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 4ª ed.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Os Negros em Portugal: Uma presença silenciosa*. Lisboa: Caminho, 1988. Coleção Universitária no. 31

_____. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. *Os Sons dos Negros no Brasil*. Cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Art Editora, 1988.

TURINO, Thomas. Structure, Context, and Strategy in Musical Ethnography. In: *Ethnomusicology*, vol 34, no, 3, 1990. pgs. 399-412.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

REFERÊNCIAS DE ENTREVISTAS

ALVES, Margarida. Serro/MG. 26/11/2008. 25 min. Entrevista concedida ao autor.

COSTA, Maria da Conceição Alves (Maria de Boneco). Serro/MG. 27/11/2008. 15 min. Entrevista concedida ao autor.

FONSECA, Jadir Pereira da (Jadir Canela). Serro/MG. 26/11/2008. 12 min. Entrevista concedida ao autor.

FONSECA Jadir Pereira da (Jadir Canela). Serro/MG. 30/6/2006. 40 min. Entrevista concedida ao autor.

MAGALHÃES, Daniel de Lima. Entrevista com Aurora Rodrigues de Matos Rocha e Luís Lopes. Minas Novas/MG. 28/11/2008. 40 min.

MAGALHÃES, Daniel de Lima. Entrevista com a Caixa de Assovio: Jadir Pereira da Fonseca (Jadir Canela), Robson Ferreira Mota (Rubinho), Ronei Ferreira Mota e Davi Jesus Silva. Serro/MG. 1º/7/2006. 70 min.

MAGALHÃES, Daniel de Lima. Entrevista com a Guarda de Honra: João Camargo, Luís Lopes, Edivaldo H. Rodrigues, Geraldo Souza (Baim), João Costa, Adelmo Costa, José João Cordeiro. Minas Novas/MG. 13/10/2007. 110 min.

MAGALHÃES, Daniel de Lima. Entrevista com José Marçal dos Santos (Teiado) e Cândido José Ferreira (Dico). Conceição do Mato Dentro. 10/3/2007. 50 min.

MARÇAL, Lourdes. Belo Horizonte/MG. 2/3/2009. 40 min. Entrevista concedida ao autor.

MOTA, Rogério Ferreira da. Serro/MG. 27/11/2008. 10 min. Entrevista concedida ao autor.

PACHECO, Juscelina da Mota. Belo Horizonte/MG. Nov/2008. 15 min. Entrevista concedida ao autor. (conversa por telefone)

ROCHA, José Luis da. Serro/MG. 11/3/2007. 100 min. Entrevista concedida ao autor.

ROSÁRIO, Isaías José do. Minas Novas/MG. 8/6/2006. 10 min. Entrevista concedida ao autor.

SILVA, Maria de Lurdes (Cesária). Serro/MG. 12/3/2007. 20 min. Entrevista concedida ao autor.

SILVA, Antônio Marcílio da. Serro/MG. 27/11/2008. 15 min. Entrevista concedida ao autor.

SOUZA, José Correa (Zezito). Belo Horizonte/MG. 2/11/2007. 40 min. Entrevista concedida ao autor.

ANEXO 1

Documentação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato

De ntro: referências a pífanos e caixas

1.1 Livro nº 2 - Portarias

1.1.1 Documento 1.

Temo nº 36

Digo Portaria nº 36

Rs 2#500

Passou-se portaria de pagamento da quantia de dous mil e quinhentos reis, 2500, para pagamento ao senhor Francisco Marçal da Fonseca de **concerto de uma caixa** pertencente a Irmandade do Rosário, conforme a autorização de 13 do corrente mez. Conceição do Serro, 17 de Dezembro de 1916.

O Secretario: - João Roiz do Carmo e Sousa

1.1.2 Documento 2

Portaria 85

Nº 85

Rs 123#273

Passou-se portaria da quantia de (cento e vinte e três mil, duzentos e 73 para **pagamento dos tocadores de caixas e pífanos** e outras despesas com os festejos do dia 1º de Janeiro do anno corrente. Para constar passou-se este. Conceição, 10 de Janeiro de 1919. O Secretario:- João Rodrigues do Carmo e Sousa.

1.1.3 Documento 3.

Portaria 100

Rs 4#000

Portaria nº 100

Passou-se portaria ao Senhor Thesoureiro para pagar a importância de 4#000, de **concerto de uma caixa**, que fez o Senhor Francisco Marçal da Fonseca. Conceição, 18 de Janeiro de 1920.

O Secretario:- João Rodrigues do Carmo e Sousa.

1.1.4 Documento 4

Portaria nº 118 – 32#000

Refere-se ao pagamento de 32#000 ao S^{nr} **José Marçal Filho, para si e m^s. 3 companheiros seus, que executaram o tradicional ‘pi-pi-ru-i’** no festejo do roزاری hoje celebrado. Conceição, 1º de Janeiro de 1922.

O provedor José Polycarpo.

1.1.5 Documento 5

Portaria nº 1 Rs 82#000

À favor do Senhor Secretario da irmandade, passou-se portaria da importância de 82#000, sendo:- 40#000 para **pagamento dos tocadores de pifanos e caixas**, conf. o recibo apresentado, 35#000, para pagamento ao Senhor Eduardo Caucio Ribeiro, de serviços que fez no telhado, asseio e rebocação da Capella e 7#000 de capina do adro ao Senhor Daniel Pio da Silva Conceição, 3 de Janeiro de 1923. O Secretario:- João Rodrigues do C. e Silva

1.1.6 Documento 6

Portaria nº 1 Rs 47#000

Passou-se portaria para pagamento de 40#000 **aos tocadores de pifano e caixa** e inclusive a importância de 7#000 ao sr. Miguel Jorge Safe de copos, papel, tinta e feichadura para a Irmandade do Rosário. Conceição, 1º 1º-29
O Escrivão J. J. Carneiro

1.1.7 Documento 7

Portaria nº 2 (dois)

Rs 45#000

Nº 2 Nesta data, passou-se portaria da quantia de (45#000) quarenta e cinco mil reis, para **pagamento aos tocadores de caixa e pifanos Gustavo de Freitas, José Marçal, Raymundo Izabel e Bento Vieira Braga** e cinco mil reis para Francisco Malachias, de resto de serviços que se ficou a dever-lhe. Do que para constar faça este termo. O Provedor:- João Rodrigues do C. e Sousa. Con^{am} 4 de Janeiro de 1930.

1.1.8 Documento 8

“Portaria nº 1 – 50#000

Passou-se portaria aos **Srs. Bento Vieira Braga e outros**.

C^{am} 4 de Janeiro de 1935 –

O Secretario J. J. Carneiro”

1.2. Livro nº 3 – Atas de reuniões

1.2.1 Documento 10

fl.12

- Acta da reunião da Mêza Administrativa, em Sessão Solemne. – 6-1-1916

“As cinco horas da tarde, do dia seis de Janeiro de mil novecentos e desesseis, no Corpo da Capella a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario, desta Cidade, remida a mesa administrativa da Irmandade, sob a Presidência do Senhor Provedor, Cap^m José Polycarpo de Figueiredo e Silva, presentes Rei e Rainha eleitos, na forma do estylo foi aberta a Sessão especial. Lida a acta da sessão da mesa, antecedente, e posta em discussão, por não haver quem pedisse a palavra e depois a votos foi unanimemente aprovada. Depois de ter sido executada uma peça pela Banda de musica ‘Lyra da Paz’ O Senhor Provedor declara os fins da reunião e convida o Secretario a ler o termo de posse de Rei, Rainha, o qual será assignado por Pg 12v

estes e bem assim pelos Juizes, Irmãos de mesa e os demais empregados eleitos e que estiverem presentes. (...) Finda a assignatura do termo de posse, o Senhor Provedor, convidou ao Reverendíssimo Capellão a conferir a auctoridade aos eleitos, os quaes, de joelhos no presbyterio receberam as coroas e os sceptros o Rei e Rainha e agua benta que também receberam diversos empregados no mesmo dia e da mesma forma. Foram conferidas posse aos Juizes, da mesma maneira. Concluída as cerimônias da posse

foram ouvidas peças musicas pela Banda ‘Lyra da Paz’ que todos ouviram de pé. O Reverendíssimo Capellão dirigio algumas palavras aos eleitos, finalizando por se achar contentíssimo por ver que a Irmandade do Rosario, de ora avante, caminha para o engrandecimento; encerrando-se com tres Aves Marias a N. Senhora, pelo bom exito das pretenções dos fieis eleitos. Em seguida organizou-se o préstito, sahindo da Capella o Reinado, acompanhado de musicas, fogos, **pifanos, caixas**, etc. Nada mais houve. Do que para constar, faço esta acta que depois de lida e approvada, por todos os membros vai assignada. [Seguem-se as assinaturas]

1.2.1 Documento 11

fl.39, 39v, 40 e 40v

- Acta da reunião da Meza da Irmandade, para os fins de organizar o programma da festa de N. S. do Rozario, a 1º de Janeiro p. fut., e annos subseqüentes; e tambem para a organização da pauta de irmãos que terão de concorrer ao sorteio para Rei e Rainha, na 2ª Dominga de Dezembro pr. Futuro.

No Domingo, 20 de Novembro de 1921, na forma do Compromisso, na sua parte alterada e approvada pelo Ex^{mo} S^{sr} Arcebispo – no artigo 8º - (vide Compr. In fine), reunio-se a Meza da Irmandade, na Capella, ás duas horas da tarde.” [relação dos presentes]

“Aberta a sessão, com a oração ‘Ave Maria’ após a saudação christã, o Provedor expoz o fim da reunião e em breves palavras justificou as razões pelas quaes não reunio a Mesa, desde o início do anno, e expoz as medidas tomadas, que foram em pequeno numero – constando das portarias de pagamento, no livro próprio registradas. – Em seguida a MEza – por proposta do Provedôr, de accôrdo com o Capellão, approvou o seguinte programma para as festas do Rozario, assim no anno próximo, como nos subseqüentes; ficando, entretanto, livre aos Reis que forem sorteados alterarem-no, para mais solemnidades (assim religiosas, como no que respeita ás festas profanas, quando dezejarem satisfazer as exigências do pòvo, em virtude das tradições).

Resolução nº

A Meza da Irmandade de N. S. do Rozario, usando de suas attribuições, resolve:

Artigo 1º - As festas em honra a N. S. do Rozario, que terão logar a 1] de Janeiro de cada anno, constarão de Missa Cantada – Procissão – Sermão – Te Deum – e em seguida Bençam com o SS.

§ único – Após a bençam terá logar a posse dos novos empregados: Rei – Rainha – Provedôr - e mais mezarios, Juizes e irmãos de Meza, sendo que o Rvmº Capellão tomará posse por todos os ausentes.

Artigo 2º - Ficam abolidas a Marujada, o Catopê, e outras dansas que costumam ter logar; isto, porem, sómente para os festeiros que quizerem acceitar estas disposições, pois que poderão alterar este programa, uma vez que não haja omissão do disposto no art. 1º.

Artigo 3º - Continua o uso dos **toques chamados – ‘Pipi rui’**, cujos executores serão pagos pela irmandade, bem como o conductor do Chapéo de Sol.

Art. 4º - Fica abolido o uso de doces e jantares, e mesmo de almôço (e outras comidas á madrugada) para a Musica, isto, porem, com as restrições da 2ª parte do art. 2º -

Art. 5º - Ao Rei e á Rainha do anno serão sempre fornecidas pelo Provedor a lista geral dos juizes e juizas, para que convidem-nos a tomar parte no reinado; bem como uma copia destas resoluções.

Art. 6º - O modo pratico do Cortejo será organizado pelos Reis, com musica, fogos, etc.

Art. 7º - A musica sacra ficará sempre dependendo da approvação do Vigario, para que sejam observadas as disposições do Motu-proprio do Santo Padre Pio X.

Art. 8º - Haverá sempre – a uma hora da tarde, do dia 1º de Janeiro – a reunião Geral da Irmandade, devendo o provedor dar-lhe a máxima solemnidade, e promover todos os meios adequados a fim de que os funcionarios e irmãos paguem suas jóias e annuaes.

Art. 9º - Continuam em vigor as resoluções anteriores, constantes das actas, e que não forem contrarias a estas disposições.

Art. 10º - Revogam-se as disposições contrarias.

Consistorio da Capella do Rozario, em Conceição, aos 20 de Novembro de 1921.

O Capellão, Frei Vicente de Licodia

O Provedor, José Plycarpo de Figueiredo e Silva

O Vice Provedor ... João Miguel Arabe

Secretario João Rodrigues Carmo e Sousa

1.3.4 Documento 15

fl. 24v

Recibi do Ilmo. Senr. João Pereira Malachias Escrivão da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade, com vozes de Thesoureiro, a quantia de 20#000 vinte mil reis de **toque de caixa e piphanos** no festejo do reinado. Por verdade e ter recebido passo a presente em que somente me assigno e sae a margem.

Conceição 12 de Janeiro de 1884.

Francisco Rodrigues de Souza.

20#000

1.3.5 Documento 16

fl.25

Recibi do Ilmo Senr. Cap^{am} João Pereira Malachias, escrivão da Irmandade de N. Senhora do Ruzario, a quantia de vinte dois mil reis (22#000) a saber vinte mil reis do **toque de caixa e piphanos** do reinado e dois mil reis que venci para tirar diversas goteiras na Capella. Por verdade e ter recebido mandei passar a presente com que se sai a margem e me assigno.

Cidade da Conceição 7 de Janeiro de 1885

Francisco Rodrigues de Souza.

22#000

1.3.6 Documento 17

fl. 26v

Recibi do Senr Cap^{am} João Pereira Malaq^{as} Escrivão i Tezoureiro de N. Senhora do Rozario a quantia de vinte i quatro mil reis 24000 reis proviniente de **toque de caixas i pifanos** na festa da mesma Santa. E por verdade passo i firmo o presente em que mi assigno com que si sai a margem. Com^{cam} 3 de Janeiro de 1886.

Jozé dos Santos Moreiras

1.3.7 Documento 18

fl. 34v

Recibi do Ilmo Capitão João Pereira Malaquias Escrivão da Irmandade d Nossa Senhora do Ruzario desta Cidade, com vozes de Thesoureiro, a quantia de Vinte mil reis, procedidos de **toques de Caixas e Piphanos** da festa do Reinado. Em signal de verdade mandei passar este que por mim vai assignado sendo a quantia que se sae a margem. Cidade da Conceição 18 de Fever^o de 1887.

20#000

José dos Santos Moreira.

1.3.8 Documento 19

fl. 35

“Recibi do Ilmo Cp.^m João Per^a Malachias a quantia de vinte e dois mil reis para contribuir com as **caixas** do reinado; cuja q^{ta} vai mencionada [ilegível] 22#000 e para dar [ilegível] anno passado [ilegível] me assigno. Conceição do Serro 3 de Janeiro de 1888.

Francisco Marçal da Fonseca”

[tinta atravessou o papel e borrou o verso, por isso ilegível em alguns trechos]

1.3.9 Documento 20

fl. 35v

“Recibi do Senr. Cap^{am} João Pereira Malaq^s Escrivão da Irmanade de Nossa Senhora do Rozario, e com vozes de Thesoureiro da mesma a quantia de deseceis mil reis 16#000, procedidos de **toques de caixas e pifanos** na festa do reinado do com^e anno. Por verdade e ter recebido mandei passar o presente em que som^e me assigno com o que se sae a margem.

16#000

Cidade da Conceição 4 de Janeiro de 1889

Antonio Pinto Vieira

1.3.10 Documento 21

fl. 36v

“Recibi do Cidadão Cap^{am} João Pereira Malachias escrivão e com vozes de Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Ruzario a quantia de vinte mil reis de **toques de Cauxa i pifano** e por ter recebido passo este. Conceição 3 de Janeiro de 1890 20000

Francisco Marçal da Fonseca”

1.3.11 Documento 22

fl. 38 e 38v

“Recibi do Cidadão Capitão João Pereira Malachias Escrivão da Irmandade de Nossa Senhora do Ruzario desta Cidade, Com vozes de Thesoureiro, aquantia de cincoenta e oito mil quinhentos e vinte reis 58#520: a saber 52:500 de cinco kilos de cera a razão de cinco mil reis dois mil reis para pagamento do carregador do chapéu de sol do rei, dois mil reis de mais kilos de insencio, novecentos reis a carregadores de bancos para igreja matriz e um mil cento e vintereis **1:120 de sete metros de cordas paras as caixas**. Em signal de verdade e ter recebido mandei passar o presente com que se saí a margem, e vai por mim assignado. Conceição 3 de Janeiro de 1894. 58#520

José Martins de Ol^{as} Rozas”

1.3.12 Documento 23

fl. 39

“Recibi do Senr João Pereira Malachias escrivão da Irmandade de N. S. do Rozario, com vozes de Thezoureiro a quantia de trinta e dous mil reis 32:000 pelos **servissos prestados de pifanos e caixas** prestados a mesma Snr^m no corrent e anno e por verdade e eu ter recebido passo o prezente e por mim vai assignado.

Cidade Conceição 5 de Janeiro de 94

32000

José Rodrigues do Carmo”

1.3.13 Documento 24

fl. 39

“Recibi do Thesoureiro P^e Vigario Eloy Pereira Malachias a quantia de cento e dois mil reis proveniente 12 duzias de fogos q~gastou com festejo do anno de sendo trinta de fogos e trinta e dois de **serviços prestados pifanos e caixas** e por ser verdade passo este que vai por mim assignado. Conceição 4 de Janeiro de 1895. 62#000

João Cardozo de Oliveira”

1.3.14 Documento 25

fl. 40v

“Recibi do Thesoureiro da Irmandade de Nosa Senhora do Rozario o Revm^o Snr P^e Eloy Pereira Malachias a quantia de quarenta e sete mil oitocentos secenta reis (47#860) sendo (35#000) por quanto comprou-se 7,5 kilos de cera em vellas para a capella (10#000) pelo **feitio de dous pifanos** 620 reis importancia de ter cadernos de papel para o expediente da Irmandade 640 reis importancia de dous maços de taxas americanas para serem impregados no infeite do trono e 1:600 de duas garrafas de azeite para a illuminação da m^{ma} Capella quantias estas que prefazem a somma acima declarada com que sae a margem..... 47#860

Conceição 4 de Janeiro de 1896. Francisco Gomes Ribeiro”

1.3.15 Documento 26

fl. 40v

“Recibi do Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade o Revm^o Snr P^e Eloy Pereira Malachias a quantia de trinta e dous mil reis (32#000) proviniente do trabalho de **toques de caixa e pifanos** no reinado. E por ter ricibido e não saber ler e nem escrever pedi ao Snr Francisco Gomes Ribeiro que este por mim passasse e a meu rogo assignasse. C.^m 5 de Janeiro de 1896. A rogo do Snr Raimundo Izabel Tavares – Francisco Gomes Ribeiro 32#000”

1.3.16 Documento 27

fl. 41v

“Recebi do Revmo Snr P^e Eloy Per^a Malachias Thezoureiro da irmandade de N. Senhora do Rosario a quantia de trinta e cinco mil reis (35x000), sendo 25 mil reis que pagou-se a muzica para tocar na Missa do Gallo e 10x000 gratificação dos **tocadores de pifano e caixa**. E por verdade passo este. C.^m 5 de Janeiro de 1897. Joaquim Antonio do Carmo. O procurador. 35x000”

1.3.17 Documento 28

fl. 41v e 42

“Recebi do Rvm^m Snr Vigario Eloy Pereira Malachias, Thesoureiro da Irmandade de N. S^a. do Rozario, a quantia de 32000 trinta e dois mil reis (50#000) pelos **serviços dos pifannos** no reinado da mesma S^a, por ser verdade eu ter recebido e meus companheiros passo este que por mim vai assignado, Com^{am} 3 de Janeiro 1898, José Rodrigues do Carmo 32000”

1.4 Livro nº 4 – Empregados eleitos

1.4.1 Documento 29

fl. 24

Em seguida à lista de joias, anuais, esmolos, lê-se o texto:

“No dia primeiro de janeiro de mil novecentos e vinte e sete, reunida a mesa adminsitrativa; rendeu a quantia de trezentos e quarenta mil reis deduzida dessa quantia a importancia de quarenta mil reis, para pagamento dos **tocadores de pifano e caixa** fica o termo de entrada, para á Thesouraria na importancia de trezentos mil reis.

Conceição do Serro, 1^o de Janeiro de 1927.

João Rodrigues do Carmo e Sousa
 Sincero dos Santos Costa
 José Ferreira da Conceição
 Joaquim de Almeida Costa
 José Justiniano Carneiro – Secretário
 Mineralina Ferreira do Carmo
 Joaquim Fernandes Lima
 Benedicto H. de Freitas”

1.4.2 Documento 30

fl. 25v

“Ao primeiro dia do mez de Janeiro de 1928, reunida a meza administrativa recebeu-se a importancia de duzentos e vinte e dois mil reis (222#000) referente ao rendimento do anno de 1927. Dessa importancia retirou-se quarenta mil reis para pagamento dos **tocadores de caixa e pifano** e mais seis mil reis ao sr. Eusébio Alves da Silva, pegador do chapeo de sol dos Reis. Dando-se entrada para o thesoureiro da importancia de 176#000 cento e setenta e seis mil reis. Do que para constar lavrei este termo que vae datado e assignado.

Conceição, 1º de Janeiro de 1928.
 Frei Miquelangelo Capuchinho
 João Rodrigues do Carmo e Sousa
 Benedicto H. de Freitas
 José Ferreira da Conceição
 José Justiniano Carneiro – Secretário
 Ubaldo José Ferreira
 Jenuina Salustina”

1.4.3 Documento 31

fl. 41v e 42

rendimento da irmandade em 1943

“Soma	370,10
Abate para os Srs. tocadores de caixa	40,00
Em poder do Sr. Tesoureiro	320,10

Conceição, 1º de Janeiro de 1943

João Rodrigues do Carmo e Sousa
 Antonio Thomé de Abreu
 José Pinto Fernandes de Abreu
 João Evangelista
 Candida Augusta da Silva
 O secretario José Justiniano Carneiro”

1.4.4 Documento 32

fl. 43

Receita da irmandade em 1944

“Soma	224,90
Pago aos tocadores de pifano e carregador de chapeo de sol	49,00
Total	175,90

Conceição, 1º de Janeiro de 1944

José Natalício da Silva
 José Pinto Fernandes de Abreu
 Eduardo Cancio Ribeiro
 Antonio Thomé de Abreu

Benedicto Ferreira
 José Justinião Carneiro
 etc”

1.4.5 Documento 33

fl. 44
 receita da irmandade para 1945
 “Soma 360,20
Pago tocadores de Pifano e Carregador Chapéu
 Sol 40,00
 Total 320,10
 Conceição do Mato Dentro 1º de Janeiro de 1945
 José Natalício da Silva
 Eduardo Cancio Ribeiro
 Antonio Thomé de Abreu
 Benedicto Ferreira”

1.4.6 Documento 34

fl. 45v
 receita da irmandade para 1946
 “ 491,30
Pago tocador de pifano e carregador chapéu sol 58,00
 Saldo entregue ao Sr. Antonio Thomé 433,30
 Um devoto 1,00
 434,30
 Conceição do Mato Dentro 1º Janº de 946
 José Natalício da Silva
 Eduardo Cancio Ribeiro
 Antonio Thomé de Abreu
 Benedicto Ferreira”

1.4.7 Documento 35

fl. 47
 receita da irmandade para 1946
 “ 499,70
Pago tocador de pifano e carregador chapéu sol 63,00
 436,70
 Generosa 1,70
 Maria de Almeida Campos 4,00
 Raymunda Costa 2,00
 Saldo entregue ao Sr. Theoureiro 444,40”

1.4.8 Documento 36

fl. folha de proteção posterior ao termo de encerramento
 “No dia 1º de janeiro de 1950 rendeu a meza administrativa a importancia setecentos e vinte nove cruzeiros e trinta, que deduzido, a importancia de setenta cruzeiros, **pago a pifano** e o carregador de chapéu sol ficou a importancia de seiscentos e cinquenta e nove cruzeiros e trinta centavos (659,30) que foi entregue ao Sr. Theoureiro.
 Conceição do M. Dentro 1º Janeiro de 1950

José Natalício da Silva
 Antonio Thomé de Abreu
 Benedicto Ferreira Benício
 José Maria da Silva
 José Pinto Femandes de Abreu”

1.5. Livro nº 9 – Livro de Carga

1.5.1 Documento 37

fl. 36

“Termo de recebimento de Dinheiro, em Meza, na Sessão do dia 1º de Janrº de 1922,

Declaro que, feita acontagem do dinheiro recebido em Meza, na sessão plena de hoje, realizou-se o recebimento de duzentos mil e quinhentos, que ficam em meu poder para passar ao caro Irmão Thesoureiro, logo que empossado esteja. Presentes estiveram os mezaríes – Benedicto – Silvério e Jº Diogo, tendo se retirado – com licença – o Sº Secretario; e ficou deliberado que abaixo assignado – Provedor – effectue os pagamentos a que é obrigado – em virtude dos festejos de hoje – quaes os seguintes: -

Ao Rvmº Vigario Capellão – pelas missas mez a mez celebradas – conforme o Compromisso.....	55#000
Ao Rei – Sº Carlos And ^{dc} – confº o Compromiso	50#000
À Rainha – D. Zenaide Guerra – confº “	50#000
Ao Sachristão, Seb ^m G. Silva, grf ^m de	15#000
Aos Snr ^s q- tocaram o pipiruí (a 8# cada) -	32#000
Ao S ^{tr} – Euzébio, por ter conduzido o Chapeó Sol	<u>8#000</u>
	Soma = 210#000

Feitos estes pagamentos entrará com as portarias para o Thesoureiro, que – dará neste o respectivo termo de entrada, sob nº 111.

Do que para constar vai este assignado p da Meza, com o se vê:

José Polycarpo de Figrdº e Silva, Provedor –
 Silverio dos Reis Maria
 Benedicto H. de Freitas
 José Ferreira dos Santos Diogo”

1.5.2 Documento 38

fl. 39

“Anno de 1925”

Termo de entrada numero um. (1)

Rs 183#900

Aos quatro dias do mez de Janeiro de um mil novecentos e vinte e cinco, nesta Cidade da Conceição, foi pelo Senhor Provedor Capitão Miguel Jorge Safe, entregue ao Senhor Cap^m Sincero dos Santos Costa, Thesoureiro da Irmandade, a importancia de cento e oitenta e tres mil e novecentos (183#900) proveniente do rendimento da irmandade do Rosario, tendo-se retirado a importancia de 45#000 de despesas que foram feitas com os **tocadores de pifanos, caixas** e pegador do Chapeo desol dos Reis.

Do que para constar, faço este em que assignam. Eu, João Rodrigues do Carmo e Sousa, Secretario o escrevi.

Sincero dos Santos Costa, Thezº

Miguel Jorge Safe – Provedor

O Secretario:- João Rodrigues do C. e Sousa”

1.5.3 Documento 39

fl. 46

“Termo de nº 1

1.6.6 Documento 45

fl. 21

“4-1-1930 – Pagamento do snr **Gustavo H. de Freitas e outros** conforme portaria de hoje nº 2
45#000”

1.6.7 Documento 46

fl. 26v

“Debito da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario no exercício de 1935
4-1-1935 Importancia entregue para pagamento ao Snr. **Gustavo Henriques de Freitas e seus
com panheiros tocadores de pifano e caixa**, conforme consta da portaria nº1, desta data.
50#000”

1.6.8 Documento 47

fl. 27v

“Debito da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario no exercício de 1936
3-1-1935 Importancia entregue para pagamento aos Snrs. **Gustavo Henrique de Freitas e seus
com panheiros tocadores de pifano e caixa**, conforme consta da portaria nº1, desta data.
40#000”

1.6.9 Documento 48

fl. 28v

“Debito da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario no exercício de 1937
3-1-1937 Importancia entregue para pagamento ao Snrs. Revmº Frei Vicente, **Gustavo Henrique de
Freitas, e seus companheiros tocadores de pifano e caixa**, Juventino Fernandes, Bento da Gorgina,
Jose (filho de Philothea Damaso, conforme autorização do Snr. Provedor João Rodrigues, desta data.
71#000”

1.6.10 Documento 49

fl. 29v

“Debito da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario no exercício de 1938
9-1-1938 Importancia entregue para pagamento ao Snrs. Revmº Frei Vicente, **Gustavo Henrique de
Freitas, e seus companheiros tocadores de pifano e caixa, Bento Vieira Braga, José Francisco de
Andrade, José Marçal Filho, José Marçal Sobrinho**, conforme consta da portaria nº 1, desta data.
56#000”

1.6.11 Documento 50

fl. 32

“2-1-1939 – Importancia entregue para pagamento ao snr. **Gustavo Henriques de Freitas**, conforme
consta da portaria nº 2, desta data. 68#000”

1.6.12 Documento 51

fl. 34v

“Debito da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario no exercicio de 1941
2-1-1941 Importancia entregue para pagamento ao Snrs. Revm. Snr. Padre Octavio Ferraz de Carvalho,
aos tocadores de pifano, conforme consta da portaria nº 1, desta data. 53#000”

1.7 Livro nº 12 – Despesas

1.7.1 Documento 52

fl. 9

“Deduziu de gratificação para o **Pifano** 45,00
1.195,20

Conceição do M. Dentro, 1º de Janeiro de 1955
[seguem assinaturas]”

1.7.2 Documento 53

fl. 9v, 10, 10v e 11

“Receita para o ano de 1956-1957
[relação de todas esmolas, jóias e anuais]
Abate gratificação do **Pifano** 45,00
1.067,80

[seguem esmolas]
1.265,30

Conceição do M. Dentro, 1º Janeiro 1956
[seguem assinaturas]”

1.7.3 Documento 54

fl. 11v, 12 e 12v

“Receita para o ano 1957
[relação de todas esmolas, jóias e anuais]
Gratificação do **Pifano** 60,00
1.029,00

[seguem esmolas]
1.040,00

Conceição do M. Dentro, 1º Janeiro 1957
[seguem assinaturas]”

1.7.4 Documento 55

fl. 13, 13v e 14

“Receita para 1958
[relação de todas esmolas, jóias e anuais]
Pago **concerto caixa** 45,00
900,20

Pago **Pifano** 60,00
840,20

[mais esmolas e pagamentos] _____

512,00
 Conceição do M. Dentro, 1º Janeiro 1958
 [seguem assinaturas]”

1.7.5 Documento 56

fl. 14v e 15
 “Receita para o ano 1959
 [relação de todas esmolas, jóias e anuais]
 Pag **Pifano** 60,00
 1.220,70
 [esmola] 10,00
 1.230,70

Conceição do M. Dentro, 1º Janeiro 1959
 [seguem assinaturas]”

1.8 Pasta 8-B - Irmandade do Rosário - Diversos

1.8.1 Documento 57

Recibo [avulso]
 “Secretaria da Irmandade do Rosario em Conceição, 4 de Janeiro de 1935

Portaria nº 1 - Rs 50#000

O Sr. Thesoureiro da Irmandade do Rosario pague a quantia de 50,000, sendo: 10,000 ao Sr. Bento Vieira Braga, idem a **Gustavo de Freitas, José Marçal da Fonseca, idem, José Marçal Filho, idem, tocadores de pifano e caixa**, 6,000 a Bento Marciano pegador de chapeo de sol dos Ris, 2,000 a José Fernandes Malachias, concerto do toco do mastro, 2,000 de pregos e papel comprados a Miguel Jorge Safe.

O que compra.

Conceição, 4 de Janeiro de 1935.
 O provedor:- João Rodrigues do C. e Sousa
 O Scretario José Justiniano Carneiro

Reis 50\$000

Recebemos a importancia constante da presente portaria. Conceição, 4 de janeiro de 1935.
 Gustavo Henriques de Freitas
 Bento Vieira Braga
 José Marçal Filho
 A rogo de José Fernandes, por não poder escrever
 Joaquim Dias de Moura
 Por José Marçal da Fonseca João Rodrigues”

1.8.2 Documento 58

[Recibo avulso]

“Irmandade de N. Senhora do Rosário em 3 de janeiro de 1935.

Portaria nº 1

Rs 40,000

O Sr. Procurador Thesoureiro desta Irmanade, pague aos Srs: **José Marçal da Fonseca, Gustavo de Freitas, José Marçal Filho e Bento Vieira Braga, a quantia de quarenta mil reis como tocadores de caixa e pifano** na festa realizada em 1º de Janeiro –

O que compra.

Conceição, 3 de janeiro de 1936

O Provedor – João Roiz do Carmo e Sousa

O Secretario José Justiniano Carneiro

Recebemos a quantia de 40#000 mil reis constante da portaria supra

Conceição 3 de Janeiro de 1936

Bento Vieira Braga

Gustavo Henriques de Freitas

José Marçal da Fonseca

José Marçal Filho”

1.8.3 Documento 59

[Recibo avulso]

“Senhor Thesoureiro da Irmanade do Rosario desta Cidade.

Pela presente ficais autorizado a pagar as seguintes pessoas que trabalharam na festa do Rosario deste ano, sendo:-

2 Missas ao Revmº Frei Vicente	+15000
Ao Senhor Juventino Fernandes	+ 5000
Ao Senhor Bento da Gorgina	
que pegou o Chapeo de sol dos Reis	+ 8000
Ao menino José (filho de Philothea	
do Dico Damaso	+ 5000

Tocadores de Caixa e pifanos

1 Bento Vieira Braga	+ 12000
2 Gustavo de Freitas	+ 12000
3 José Marçal Filho	+ 12000
Somma	<u>71#000</u>

Conceição, 3 de Janeiro de 1937

O Procurador: João Rodrigues do C. e Sousa”

1.8.4 Documento 60

[Recibo avulso]

“Secretaria da Irmandade do Rosario em 3 de Janeiro de 1938

Portaria nº 1

Rs 56,000

O sr. Thesoureiro desta Irmandade pagou ao srs. **Gustavo Henriques de Freitas, José Marçal Filho, José Marçal Sobrinho e Bento Vieira Braga, tocadores de pifano**, 10,000 cada um. Ao sr. José Francisco de Andrade de serviços que fez no decota {?} das arvores 4,000 e finalmente ao Revmo Padre Frei Vicente de Licodia 12,000 de uma missa que celebrou no dia 2 deste.

O que se compra

O provedor:- João Rodrigues do C. e Sousa

O Secretario José Justiniano Carneiro

Recebemos a importancia constante da presente portaria. Conceição, 9 de Janeiro de 1.938.

Recebi Gustavo Henriques de Freitas

Bento Vieira Braga

José Francisco de Andrade

José Marçal (dos) Sobrinho

José Marçal Filho”

1.8.5 Documento 61

[Recibo avulso]

“Portaria nº 2

Rs 68,000

O Sr. Thesoureiro da Irmandade do Rosario, pagou ao Sr. Gustavo Henriques de Freitas a importancia acima para distribuir da seguinte forma:

Pagamento a Jair Generoso 10,000

Ao pegador do Chapeo de sol 10,000

A cada um dos srs:

Bento Vieira Braga, Gustavo de Freitas, Jose Marçal da Fonseca e José Marçal Filho á
12,000 cada um 48,000

68,000

O que se compra

Conceição, 2 de Janeiro de 1939.

O Provedor: João Roiz do C. e Sousa

O Secretario J. J. Carneiro

Recebi a importancia constante da presente portaria, na importancia de sessenta e oito mil reis (68#000).

Por verdade firmo o presente. Conceição 2 de Janeiro de 1939[manchado], digo 1939

Gustavo Henriques de Freitas”

1.8.6 Documento 62

[Recibo avulso]

“Conceição, 2 de Janeiro de 1941.

Portaria nº 1

Rs 53.000

O Tesoureiro desta Irmandade pague a importancia supra de 53.000, sendo: **40,000 aos tocadores de pifano e caixa**, 5,000 ao João Tomé de uma viagem afim de avisar ao novo Rei, sr. José Jorge Lages, que o mesmo havia sido escolhido Rei e finalmente 8,000 ao Revmo. P^e Octavio Feraz de uma missa celebrada na Capela do Rosario.

O que se compra.

O Provedor – João Roiz do Carmo e Sousa

O Secretario J. J. Carneiro

Recebemos a importancia constante da portaria supra. Com^{am} 2 de Janeiro de 1941. Pelos tocadores de pifanos:-

Gustavo Henrique de Freitas
 Por João Thomé – João Roiz do C. e Sz^a
 P^o Octavio de Carvalho”

1.8.7 Documento 63

[Recibo avulso]

“Secretaria da Irmandade de Nossa Sr^a do ROSario em Conceição, 24/12/42

Portaria nº 2

O Sr. Tesoureiro desta Irmandade pague ao sr. José Alves de Moraes, a quantia de Cr\$ 15,00, proveniente **do feitiço de uma caixa para o pifano**; conforme conta junta ____
 O que se compra

O Provedor João Rodrigues do C. e Sz^a
 O Secretario José Justiniano Carneiro

[palavra Reiscada] Cr\$ 15,00

Recebi do sr. Thesoureiro da Irmandade de N. S. do Rosario a importância de quinze cruzeiros (Cr\$ 15,00) proveniente de uma caixa quem fiz para o pifano. Conceição, 24 de dezembro de 1942
 José Alves de Moraes”

1.8.8 Documento 64

[Recibo avulso]

“Irmandade de N. S. do Rosario –

Feitiço de 1 caixa para pifano	Cr\$ 12,00
1 couro para a mesma	<u>3,00</u>
Total	15,00

Conceição, 24/XII/42

José Alves de Moraes”

ANEXO 3 - Tabela 8 - Referências a pifanos e caixas na documentação da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Conceição do Mato Dentro

Data	Descrição	Quantia referente a pifanos e caixas	Tipo de documento	Quem assina	Localização da referência
3 de janeiro de 1881	toque de caixas e pifanos sendo deste anno e do anno passado		Recibo	Francisco Nunes de Souza	LD, fl. 6v
2 de maio de 1882	toques de Caixa e pifanos no festejo do Natal, no 1.º de Janeiro do Consorzio [1882]	205000	Recibo	Francisco Rodrigues de Souza	LD, fl.12-12v
3 de janeiro de 1883	toques de caixa e pifanos da festa do reinado.	245000	Recibo	Francisco Rodrigues de Souza	LD, fl.17v-18
12 de janeiro de 1884	toque de Caixa e pifanos no festejo do reinado	205000	Recibo	Francisco Rodrigues de Souza	LD, fl. 24v
7 de janeiro de 1885	toques de Caixa e pifanos do reinado	205000	Recibo	Francisco Rodrigues de Souza	LD, fl. 25
3 de janeiro de 1886	toque de Caixas i Pifanos na festa da mesma Santa	245000	Recibo	José dos Santos Moreira*	LD, fl. 26v
18 de feveir de 1887	toques de Caixas e Pifanos da festa do Reinado	2050000	Recibo	José dos Santos Moreira	LD, fl. 34v
3 de janeiro de 1888	para contribuir com as caixas do reinado	225000	Recibo	Francisco Marçal da Fonseca*	LD, fl. 35
4 de janeiro de 1889	toque de Caixa e pifanos na festa do reinado do com.º anno	165000	Recibo	Antônio Pinto Vieira	LD, fl. 35v
3 de janeiro de 1890	toques de Caixa i pifano	205000	Recibo	Francisco Marçal da Fonseca*	LD, fl. 36v
3 de janeiro de 1894	sete metros de cordas para as Caixas	1:120	Recibo	José Martins de Oj.º Rozas (Procurador)	LD, fl. 38-38v
5 de janeiro de 94	serviços prestados de pifanos e caixas prestados a mesma Sra.º, no corente anno	32-000	Recibo	José Rodrigues do Carmo*	LD, fl. 39
4 de janeiro de 1895	serviços prestados pifanos e caixas	325000	Recibo	João Cardozo de Oliveira*	LD, fl. 39
4 de janeiro de 1896	feito de dois pifanos	105000	Recibo	Francisco Gomes Ribeiro*	LD, fl. 40v
5 de janeiro de 1896	trabalho de toques de Caixa e pifanos no reinado	325000	Recibo	A rogo do Sr Raimundo Izabel Tavares - Francisco Gomes Ribeiro*	LD, fl. 40v
5 de janeiro de 1897	Gratificação ao tocadores de pifano e caixa	10x000	Recibo	Joaquim Antônio do Carmo (o procurador)*	LD, fl. 41v
3 Janeiro 1898	serviços dos pifanos no reinado da mesma Srª	32000	Recibo	José Rodrigues do Carmo*	LD, fl. 41v-42
4 de janeiro de 1902	trabalhos de pifanos e caixas para o festejo de 1.º de Janeiro de 1902	32=000	Recibo	José Rodrigues do Carmo	LCCDH, s/n
1.º janeiro de 1903	toques de Caixa i pifanos	32=000	Recibo	José Rodrigues do Carmo*	LCCDH, s/n
6 de janeiro de 1916	organizou-se o préstio, saindo da Capella o Reinado, acompanhado de musicas, fogos, pifanos, caixas, etc		Ata de reunião	[mesa administrativa da irmandade]	LAR, fl.12-13
24 de julho de 1916	Caixa comprada em mãos de D. Ambrosina Martins de Oliveira, viúva de João Damasco	4=000	Portaria	João Rodrigues do Carmo e Souza (o Secretário)	LP, Portaria nº 21

17 de dezembro de 1916	Pagamento ao senhor Francisco Marçal da Fonseca de concerto de uma caixa pertencente a Irmandade do Rosário	2=500	Portaria	João Roiz do Carmo e Souza (o Secretário)	LP, Portaria nº 36
10 de janeiro de 1919	Pagamento dos tocadores de caixas e pifanos	123=273 (inclui outras despesas com a festa)	Portaria	João Rodrigues do Carmo e Souza (o Secretário)	LP, Portaria nº 85
18 de janeiro de 1920	Concerto de uma caixa, que fez o senhor Francisco Marçal da Fonseca	4=000	Portaria	João Rodrigues do Carmo e Souza (o Secretário)	LP, Portaria nº 100
18 de janeiro de 1920	Quantia paga ao Sr. Francisco Marçal da Fonseca conforme portaria, desta data nº 100	4=000	Haver do tesoureiro	LCCDH, fl. 9v	
20 de novembro de 1921	Artigo 3º - Continua o uso dos toques chamados - 'Pipirai', cujos executores serão pagos pela Irmandade.		Resolução, constante em ata de reunião	[mesa administrativa da irmandade] e D. Zenalde Costa Guerra e Carlos Ferreira de Andrade (Reis do corrente exercício)	LAR, fl. 40
1º de janeiro de 1922	Aos Srº q- tocaram o pipirai (a 8# cada)	32=000	Temo de recebimento de dinheiro	José Polycarpo de Figueira e Silva, Provedor; Silverio dos Reis Maria, Benedicto H. de Freitas; José Ferreira dos Santos Diogo	LC, fl. 36
1º de janeiro de 1922	Pagamento ao Srº José Marçal Filho, para si e mº. 3 companheiros seus, que executaram o tradicional <Pí-pi-tu->, no festejo do roزاری hoje celebrado.	32=000	Portaria	José Polycarpo (o provedor)	LP, Portaria nº 118
1º de janeiro de 1922	Importancia paga ao Sr. Jose Marçal Filho pº si e companheiros confº a Portaria 118	32=000	Haver do tesoureiro		LCCDH, fl. 11
3 de janeiro de 1923	Pagamento dos tocadores de pifanos e caixas	40=000	Portaria	João Rodrigues do Carmo e Souza (o Secretário)	LP, Portaria nº 1
4 de janeiro de 1925	despesas que foram feitas com os tocadores de pifanos, caixas	45=000 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de sol)	Termo de entrada	Sincero dos Santos Costa, Thezº; Miguel Jorge Safe, Provedor; João Rodrigues do C. e Souza, Secretário	LC, fl. 39
1º de janeiro de 1927	pagamento dos tocadores de pifano e caixa	40=000	Relação dos empregados do Rosário para o anno de 1926 e 1927	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 24
1º de janeiro de 1928	pagamento dos tocadores de caixa e pifano	40=000	Relação dos empregados do Rosário que tem de servir no anno de 1927 e 1928	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 25v
1º de janeiro de 1929	Passou-se portaria para pagamento (...) aos tocadores de pifano e caixa	40=000	Portaria	O Escrivão J. J. Carneiro	LP, Portaria nº 1
1º de janeiro de 1929	ao sr. Gustavo Henrique de Freitas portador, da portaria nº 1, desta data	47=000 (inclui outros pagamentos)	Haver do tesoureiro		LCCDH, fl. 18
4 de janeiro de 1930	Pagamento aos tocadores de caixa e pifanos Gustavo de Freitas, José Marçal, Raimundo Izabel e Bento Vieira Braga	40=000	Portaria	João Rodrigues do Carmo e Souza (o provedor)	LP, Portaria nº 2
4 de janeiro de 1930	Pagamento do sr. Gustavo H. de Freitas e outros conforme portaria de hoje nº 2	45=000 (inclui outros pagamentos)	Haver do tesoureiro		LCCDH, fl. 21

2 de janeiro de 1941	Pague (...) aos tocadores de pifano e caixa	409/000	Portaria e recibo	de Abreu	DA
2 de janeiro de 1941	Importancia entregue para pagamento (...) aos tocadores de pifano, conforme consta da portaria nº 1, desta data.	529/000 (inclui outro pagamento)	Haver do tesoureiro	Pelos tocadores de pifanos: Gustavo Henrique de Freitas	LCCDH, fl.34v
24 de dezembro de 1942	pague ao sr. José Alves de Moraes, a quantia (...) proveniente do feito de uma caixa para o pifano	Cr\$ 15,00	Portaria e recibo	José Alves de Moraes	DA
24 de dezembro de 1942	Feito de 1 caixa para pifano e 1 couro para a mesma	Cr\$ 15,00	Recibo	José Alves de Moraes	DA
1º de janeiro de 1943	para os Srs. tocadores de caixa	Cr\$ 40,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 41v-42
1º de janeiro de 1944	Pago aos tocadores de pifano	Cr\$ 49,00 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de 40)	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 43
1º de janeiro de 1945	Pago tocadores de Pifano	Cr\$ 40,00 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de 40)	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 44
1º de janeiro de 1946	Pago tocador de pifano	Cr\$ 58,00 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de 40)	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 45v
1º de janeiro de 1947	Pago tocador de pifano	Cr\$ 65,00 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de 40)	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, fl. 47
1º janeiro de 1950	pago a pifano	Cr\$ 70,00 (inclui pagamento ao carregador de chapéu de 40)	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LEE, verso da contracapa
1º de janeiro de 1955	gratificação para o Pifano	Cr\$ 45,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 9
1º de janeiro de 1956	gratificação do Pifano	Cr\$ 45,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 10v
1º janeiro de 1957	Gratificação do Pifano	Cr\$ 60,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 12
1º janeiro de 1958	Pago concerto caixa	Cr\$ 45,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 14
1º janeiro de 1958	Pago Pifano	Cr\$ 60,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 14
1º janeiro de 1959	Pag Pifano	Cr\$ 60,00	Recetta da irmandade	[mesa administrativa da irmandade]	LRD, fl. 15

ANEXO 3

Estatuto da Irmandade de N. Sra. do Rosário do Serro (extrato). p. 13-17

Capítulo VII

DA FESTA DO ROSÁRIO

ART. 28º

A Festa de N. S. Rosário será realizada sempre no período de 20 a 30 de Junho de cada ano, sendo que no período de 20 a 28, será rezada a Novena da Virgem do Rosário. A partir do dia 26, teremos o “TRIDUO”, até o dia 28. Para tanto, os irmãos reunir-se-ão na casa dos juizes e rei, respectivamente, apanharão o GUIÃO e a CRUZ, e em conjunto com os Caboclos, Marujos, Caixa de Assovios e Catopês, irão até a Igreja do Rosário, para rezarem a novena, que será sempre às dez e nove horas.

No dia 28 às cinco horas da manhã, teremos a “MATINA”. Somente a Caixa de Assovios, reunir-se-á na porta da Igreja em companhia do 1º Juiz e de todos os irmãos. Precisamente às cinco horas, a mesma entoará cânticos, por três vezes. Após a terceira vez, o chaveiro (sacristão) abrirá bem lentamente a porta da Igreja, cujas luzes estarão apagadas, e todos entrarão, ao som da Caixa de Assovios, para pedir à Virgem do Rosário as bênçãos para a sua festa. Nesta hora teremos fogos de artifícios e repique dos sinos de todas as Igrejas da Cidade. Após a MATINA, a Caixa de Assovios, juntamente com o 1º Juiz e irmãos, percorrerá a casa de todos os festeiros, anunciando o início oficial da Festa do Rosário. Será servido a todos um cafezinho, aperitivos, salgados.

Ao meio dia, teremos fogos de artifícios e repique de todos os sinos da Cidade.

Após a Novena, teremos o “MASTRO”. Os irmãos juntamente com os dançantes, irão tendo o “GUIÃO” e a “CRUZ” à frente até a casa do “MORDOMO”, buscar a “BANDEIRA”, que será carregada pelo mesmo e seus ajudantes, até o campo do Rosário. Em seguida à bênção da bandeira pelo Vigário, esta será erguida com toda devoção. Após fogos de artifício, o Mordomo dará uma recepção aos dançantes, se possível.

ART. 29º

No dia 29, às seis horas, os Catopês e a Caixa de Assovios rigorosamente uniformizados, reunir-se-ão na casa do 1º Juiz. Após um rápido café, entoarão por três vezes o cântico “AVE MARIA”, cântico este que deverá ser cantado quando se tirar qualquer festeiro de seu trono. Após tirarem o 1º Juiz, e juntamente com o mesmo, irão até a casa da 1ª Juíza buscá-la, bem assim, 2º Juiz e 2ª Juíza. Em seguida irão à casa do Rei, onde obrigatoriamente se encontrarão com os Marujos e Caboclos, para consequentemente se deslocarem até a casa da Rainha. À porta da casa da Rainha, será formado o “REINADO”, da seguinte forma: à frente irá o GUIÃO, após, todos os irmãos do Rosário com opas brancas ou fitas em 02 filas, o Vigário ou representante com a CRUZ, os Caboclos nas barca, os Marujos, a Caixa de Assovios, os Catopês e o Reinado. Nesta formação irão todos para a Igreja do Rosário para assistirem a Santa Missa. Terminada a Missa, o Reinado assistirá evoluções dos Caboclos e Marujos na porta da Igreja, e irá obrigatoriamente acompanhado dos mesmos, para o almoço na casa do Rei. Os Caboclos almoçarão na casa do 1º Juiz. Os Marujos na casa do 2º Juiz para comer doces, onde se encontrará com os Caboclos. O “Reinado” não seguirá para a Igreja do Rosário, para a Procissão, sem a presença dos Marujos. Na Procissão, o Reinado deverá, obrigatoriamente, ter a mesma formação, quando da ida para a Santa Missa. Na Procissão a Imagem de N. S. Rosário, deverá sair num ESQUIFE, e ser carregada por quatro irmãos, alternadamente. Antes da Procissão sair, haverá a representação da LENDA de N. S. ROSÁRIO, bem assim, na Praça principal da Cidade, tal representação deverá ser feita. Terminada a Procissão, o Presidente da Irmandade dará posse aos novos festeiros eleitos, para logo em seguida, o Reinado acompanhado obrigatoriamente dos Catopês e Marujos, deslocar-se até a casa da Rainha para o Jantar. Os Caboclos jantarão com a 1ª Juíza. Os Marujos com a 2ª Juíza. Terminado o jantar o Reinado poderá comer doces na casa da 1ª Juíza, bem assim Caboclos e Marujos. Em seguida, os Catopês e a Caixa de Assovios entregarão os componentes do Reinado, pela ordem: Rainha, Rei, 2ª Juíza, 2º Juiz, 1ª Juíza, 1º Juiz, sendo acompanhados pelos Caboclos e Marujos, se lhes convierem, para depois as danças se recolherem.

§ ÚNICO: Antes da Santa Missa, que será às onze horas, os Caboclos representarão a “EMBAIXADA”, bem como a “LUTA CONTRA OSMARUJOS”.

CAPÍTULO VIII

DO SEGUNDO REINADO

ART. 30º

Às doze horas, os Catopés e a Caixa de Assovios reunir-se-ão, juntamente com o 1º Juiz Eleito, na casa do 1º Juiz. Após o cântico “AVE MARIA”, teremos a entrega da “VARA” ao 1º Juiz Eleito, sendo o mesmo retirado do trono pelos Catopés. Posteriormente irão à casa da 1ª Juíza, e assim sucessivamente. Na casa do Rei, o Segundo Reinado, deve ser, obrigatoriamente, acompanhado pelos Caboclos, Marujos. Depois que buscarem a Rainha Eleita, irão para a Igreja do Rosário, para assistirem à Santa Missa, transmitir os cargos, descer o Mastro, e despedir de N. S. Rosário.

A Bandeira deverá ser entregue pelo Reinado e pelas danças, na casa do Mordomo Eleito.

Em seguida, a entrega do Reinado Eleito pelos Catopés e Caixa de Assovios, sendo acompanhados pelos Caboclos e Marujos da mesma forma do dia anterior. Os novos festeiros servirão uma farofa ao novo Reinado e aos dançantes, para logo em seguida as danças se recolherem.

CAPÍTULO IX

DA ORGANIZAÇÃO DO REINADO

ART. 31º

Toda pessoa que participar do Reinado, deverá estar “decentemente” vestida. As do sexo masculino, com gravata e paletó. As do sexo feminino, não poderão usar roupas com mangas curtas, decotadas, e saias curtas. O Presidente da Irmandade fiscalizará o Reinado, e se encontrar pessoas usando trajes não permitidos, ordenará que tais pessoas não participem do Reinado, sendo imediatamente substituídas por qualquer irmão ou irmã do Rosário. Posteriormente, convocará uma Assembléia Geral, para que a mesma expulsetais pessoas da Irmandade, se forem irmãos.

As roupas e os modelos do Reinado, deverão seguir a linha dos Reinados antigos, em virtude dos usos e costumes.

O Rei e a Rainha deverão usar capas e coroas, carregar os cetros, e segundo a tradição, serem acompanhados das mucambas.

Os Juizes e Juizas, deverão ter a seu lado a Bandeira de N. S. Rosário, e o Reinado, a do Vaticano, do Brasil, da Cidade do Sêro, e da Irmandade.

A Bandeira de N. S. Rosário deverá ter, obrigatoriamente, as cores azul e branca, e a “EFIGIE” de N. S. Rosário ao centro. O Rei, a Rainha, os Juizes e Juizas deverão ter os seus MORDOMOS, para carregarem as “UMBELAS”.

Se possível, as vestimentas do Reinado deverão ser em cores azul e branca.

O uso do “QUADRO” não é obrigatório, e será usado, caso queiram o Rei e a Rainha.

CAPÍTULO X

DOS DANÇANTES

ART. 32º

Toda pessoa do sexo masculino, pode participar da Festa do Rosário, como dançante. Deverá, obrigatoriamente, inscrever-se na “ASSOCIAÇÃO DOS CONGADOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÊRO”, Entidade pertencente à Irmandade, que representa, dirige e fiscaliza as danças, autonomamente. O Presidente da Associação deve, obrigatoriamente, participar da Diretoria da Irmandade, cumprir ou fazer cumprir fielmente, o estabelecido no Estatuto da Associação e da Irmandade.

CAPÍTULO XI

DOS CATOPÊS

ART. 33º

Os Catopês representam os negros, e historicamente, são Caboclos em idade avançada. Por conseguinte, não é permitido que crianças participem desta dança. Seu uniforme é formado por capacete com penas de ema, capa de chitão de várias cores, peito enfeitado com espelhos, bijuterias, colares, etc., camisa e calça comum, tênis ou quedis. Seus instrumentos são tamborins, caixas de coro, xique-xique, reco-reco, etc. São obrigados a acompanhar o Reinado, pois, sem Catopês o Reinado não sai. São comandados por dois chefes: O Mestre e o Contra-Mestre, e desfilam sempre em filas. Não é permitido pessoa do sexo feminino como Catopê. São obrigados a cantar seus cânticos durante os desfiles e Procissão por conseguinte, devem aprender a letra dos mesmos. Não podem fazer uso imoderado de bebidas alcoólicas pois se fizerem, serão excluídos dos desfiles pelo Presidente da Associação. São obrigados a confessar, Comungar e assistir às Missas da Festa.

CAPÍTULO XII

DA CAIXA DE ASSOVIOS

ART. 34º

A Caixa de Assovios, historicamente, representa os gemidos dos negros do cativo ou senzalas. Seu uniforme é comum, formado por calça, paletó sem gravata, chapéu, camisa, sapatos, tênis ou quedis. Seus instrumentos são Pífaros e Caixas de coro. Desfilam sempre em conjunto com os Catopês, razão porque são obrigados a acompanhar o Reinado. Não é permitido pessoa do sexo feminino participar da Caixa de Assovios. Desfilam em linha, e à frente dos Catopês. Não podem fazer uso imoderado de bebidas alcoólicas, pois, se fizerem serão excluídos dos desfiles pelo Presidente da Associação. São obrigados a confessar, comungar e assistir às Missas da Festa.

CAPÍTULO XIII

DOS MARUJOS

ART. 35º

Os Marujos representam a Marinha, e historicamente, a Esquadra Portuguesa na luta contra os Mouros. Seus uniformes são formados, em cores azul e branca, por calças, camisas, gorros brancos com frisos azuis. Seus instrumentos são violas, violões, cavaquinhos, bandolins, banjos, xique-xiques, pandeiros, caixas de coro, pífaros. São obrigados a acompanhar o Reinado, a partir da casa do Rei, em todos os seus movimentos. São comandados por quatro chefes: Patrão, Contra-Mestre, Madigueira, Piloto, que usam espadas e têm seus uniformes diferentes dos demais, pois usam capacetes, dragônias, medalhas, iguais aos dos comandantes da Esquadra Portuguesa, e desfilam à frente e no meio dos demais, que desfilam em filas. Não é permitido pessoa do sexo feminino como Marujo. São obrigados a cantar seus cânticos, quando desfilam e na Procissão. Por conseguinte, devem aprender a letra dos mesmos. Não podem fazer uso imoderado de bebidas alcoólicas, pois, se fizerem serão excluídos dos desfiles pelo Presidente da Associação. Devem confessar, comungar e assistir às Missas da Festa. São importantes na Marujada, o Calafatinho e Mané-Massimbaque. Deverão em hora estabelecida pelos Presidentes da Associação e da Irmandade, representar a “RESINGA” e a “LUTA CONTRA OS CABOCLOS”, devendo para tanto, sempre ensaiar tais representações.

CAPÍTULO XIV

DOS CABOCLOS

ART. 36º

Os Caboclos representam os Índios, e historicamente, os Índios Brasileiros catequizados pelos Padres Jesuítas. Seus uniformes são formados por capacetes, saiot es, pulseiras e pezeiras enfeitados com penas de Ema, bem assim, peito enfeitado, cabeleira, fitas, brincos, colares, e outros enfeites dos indígenas. Usam baton, esmalte, ruge e perfumes, além de camisa de várias cores, calção, tênis ou quedis. Seus instrumentos são caixa de madeira e coro, sanfona de oito baixos em número de duas, arcos, flechas. São obrigados a acompanharem o Reinado, a partir da casa do Rei dentro da barca. São comandados por quatro chefes: Caboclo Mestre, Pantalão, Zé de Freitas e Doutor. São figuras de realce na Caboclada, o Papai Vovô, a Mamãe Vovó, e o Caciquinho. Desfilam sempre em filas, tendo o “PAU DE FITAS” à frente, e os comandantes no meio. Não é permitido pessoa do sexo feminino como caboclo. São obrigados a cantar seus cânticos quando destilam (sic) e na Procissão, por conseguinte, devem aprender a letra dos mesmos. Não podem fazer uso imoderado de bebidas alcoólicas, pois, se fizerem serão excluídos dos desfiles pelo Presidente. Devem confessar, comungar e assistir às Missas da Festa Deverão em hora determinada pelo Presidente da Associação, representar a “RESINGA”, a “EMBAIXADA”, a “LUTA CONTRA OS MARUJOS” bem assim “TRANÇA FITAS” e “TRANÇA DE LENÇOS OU CIPÒS”, devendo sempre ensaiar tais representações.

ANEXO 4 - Mapa de Minas Gerais com as principais localidades referidas